

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, CULTURA E REGIONALIDADE
LINHA DE PESQUISA: PROCESSOS CULTURAIS E REGIONALIDADE

Patricia Mousquer

Trajetórias de leitura: um estudo com alunos ingressantes no Instituto Federal Sul-riograndense, câmpus Sapucaia do Sul, no ano de 2012

Caxias do Sul
2015

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, CULTURA E REGIONALIDADE
LINHA DE PESQUISA: PROCESSOS CULTURAIS E REGIONALIDADE

Patricia Mousquer

Trajetórias de leitura: um estudo com alunos ingressantes no Instituto Federal Sul-riograndense, câmpus Sapucaia do Sul, no ano de 2012

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Milton Hernán Bentancor

Caxias do Sul
2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

M932t Mousquer, Patrícia, 1975-

Trajetórias de leitura : um estudo com alunos ingressantes no Instituto Federal Sul-rio-grandense, câmpus Sapucaia do Sul, no ano de 2012 / Patricia Mousquer. – 2015.

110 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, 2015.

Orientação: Prof. Dr. Milton Hernán Bentancor.

1. Leitura. 2. Incentivo à leitura. I. Título.

CDU 2.ed.: 028

Índice para o catálogo sistemático:

1. Leitura	028
2. Incentivo à leitura	028.6

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Paula Fernanda Fedatto Leal – CRB 10/2291

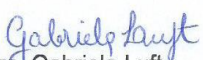
**Trajórias de leitura: um estudo com alunos ingressantes no
Instituto Federal Sul-rio-grandense, Campus Sapucaia do Sul**

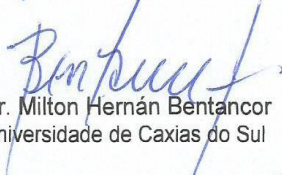
Patrícia Mousquer


Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade, Área de Concentração: Estudos de Identidade, Cultura e Regionalidade. Linha de Pesquisa: Processos Culturais e Regionalidade.


Caxias do Sul, 26 de agosto de 2015.

Banca Examinadora:


Dra. Gabriela Luft
Instituto Federal do Rio Grande do Sul


Dr. Milton Hernán Bentancor
Universidade de Caxias do Sul


Dr. Rafael José dos Santos
Universidade de Caxias do Sul


Dra. Salete Rosa Pezzi dos Santos
Universidade de Caxias do Sul

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho, principalmente ao IFSUL (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense) que mantém, apesar do atual cenário econômico em nosso país, o programa de qualificação de seus servidores.

As aulas do professor Rafael Santos que foram de grande valia, com destaque para a disciplina sobre Pierre Bourdieu.

Ao meu orientador pelos conselhos e orientações.

Ao compartilhar a leitura, cada pessoa pode experimentar um sentimento de pertencer a alguma coisa, a esta humanidade, de nosso tempo ou de tempos passados, daqui ou de outro lugar, da qual pode sentir-se próxima.

(Michèle Petit, 2009, p. 43)

RESUMO

O tema da presente dissertação consiste na investigação sobre o porquê das escolhas literárias de oito alunos, matriculados no ensino médio, que primeiramente participaram de um projeto de extensão desenvolvido no ano de 2012 pelo câmpus Sapucaia do Sul do IFSUL (Instituto Federal Sul-rio-grandense). Com o intuito de aproximar a biblioteca do câmpus da comunidade acadêmica, o objetivo geral desse projeto era saber quais livros e gêneros literários eram escolhidos por eles. No final desse estudo foi constatado que esses usuários elegeram como corpus de leitura obras não acadêmicas, como as séries *Crepúsculo*, *Harry Potter* e *Percy Jackson*. A partir desses dados, construímos nosso objeto de pesquisa: entender o que está implícito em suas escolhas literárias. O aporte teórico empregado contou com obras de Pierre Bourdieu, Fronçoise Singly, Bernard Lahire, Michèle Petit, Jesús Martín-Barbero, entre outros. O método de pesquisa utilizado foi o qualitativo, sob a forma de estudo de caso. Os instrumentos de coleta de dados empregados nesse estudo foram o questionário e a entrevista. O resultado dessa pesquisa demonstrou que esses leitores escolhem obras literárias por influência de seus pares, amigos, colegas de escola, e que sua preferência está pautada em temas relacionados ao seu universo juvenil, diferentemente de obras solicitadas por seus professores porque as consideram maçantes e difíceis de entender.

Palavras-chave: Sociologia da leitura. Práticas de leitura. Institucionalidade. Sociabilidade. Ritualidade.

RESUMEN

El tema de esta disertación consiste en la investigación acerca de los motivos de las elecciones literarias de ocho alumnos, matriculados en la enseñanza secundaria, que primeramente participaron de un proyecto de extensión desarrollado en el año 2012 por el campus Sapucaia do Sul del IFSUL (Instituto Federal Sul-rio-grandense). Con la intención de acercar la biblioteca de la comunidad académica, el objetivo general de este proyecto era saber cuáles son los libros y géneros literarios elegidos por ellos. En el final de este estudio, fue constatado que estos usuarios eligieron como corpus de lectura obras no académicas, como las series Crepúsculo, Harry Potter y Percy Jackson. A partir de estos datos, construimos nuestro objetivo de investigación: comprender qué es lo que está implícito en sus elecciones literarias. El aporte teórico empleado contó con obras de Pierre Bourdieu, Fronçoise Singly, Bernard Lahire, Michèle Petit, Jesús Martín-Barbero, entre otros. El método de investigación utilizado fue el cualitativo, bajo la forma de estudio de caso. Las herramientas de colecta de datos empleadas en ese estudio fueron el cuestionario y la entrevista. El resultado de esta investigación demostró que estos lectores eligen obras literarias bajo la influencia de sus pares, amigos, compañeros de escuela, y que su preferencia está pautada en temas relacionados a su universo juvenil, distintamente de las obras solicitadas por sus profesores porque las consideran pesadas y difíciles de comprender.

Palabras-clave: Sociología de la lectura. Practicas de la lectura. Instituciones. Sociabilidad. Ritualidad.

LISTA DE DIAGRAMAS

Diagrama 1-	Estrutura estruturante do cânone literário.....	p. 35
Diagrama 2-	Adaptação da representação gráfica do mapa das mediações.....	p. 37
Diagrama 3-	O caminho percorrido na escolha literária.....	p. 78

LISTA DE QUADROS

Quadro 1-	Frequência em atividades de leitura.....	p. 60
Quadro 2-	Obras solicitadas pelos professores.....	p. 66
Quadro 3-	Leituras escolhidas pelos entrevistados.....	p. 70

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS: definições básicas.....	12
1.1 Sociologia da Literatura.....	19
1.2 Sociologia da Leitura.....	20
1.3 Práticas de leitura literária.....	28
1.4 Estudos culturais e a teoria das mediações.....	36
2 “REGIÃO HUMANA” E SUAS SINGULARIDADES.....	39
2.1 O capital cultural herdado e o adquirido.....	40
2.2 Família, escola, amigos: a sociabilidade dos indivíduos.....	44
2.3 Os usos sociais do meio: a ritualidade.....	50
3 ESTUDO DE CASO: a caminhada da pesquisa	54
3.1 Método, técnica e procedimentos.....	54
3.2 As condições encontradas para a realização da coleta de dados: do questionário à entrevista.....	54
3.3 Aplicação e discussão dos resultados.....	57
3.4 A família <i>versus</i> escola: um caminho para a leitura traçado desde cedo?A categoria institucionalidade.....	59
3.5 Seus pares e a sociabilidade.....	71
3.6 Os usos sociais dos meios virtuais como critério de escolha literária	75
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
REFERÊNCIAS.....	83
ANEXO A- Projeto de Extensão submetido à PROEX em 2012.....	89
ANEXO B- Relatório do projeto de extensão 01-2012.....	101
ANEXO C- Instrumento de coleta de dados aplicado no projeto de extensão.....	106
APÊNDICE A- Questionário empregado no estudo.....	108
APÊNDICE B- Modelo de entrevista empregado no estudo.....	111

INTRODUÇÃO

A presente dissertação é resultado da investigação das práticas de leitura de oito alunos, na faixa etária entre 17 e 19 anos, matriculados em uma escola de ensino médio e tecnológico denominada IFSUL (Instituto Federal Sul-Rio-Grandense), localizada na região do Vale dos Sinos, na cidade de Sapucaia do Sul, que foi conduzida por uma pesquisa de caráter qualitativo, sob a forma de estudo de caso.

Parte-se da premissa o estranhamento nesse objeto de pesquisa em que alguns estudos como *Retratos da Leitura no Brasil*, edição 3, realizado pelo Instituto Pró-Livro, apresenta a falta de interesse em leitura (FAILLA, 2011) justamente nessa mesma faixa etária. Sustentamos essa informação no texto de Isis Valéria Gomes (2011, p. 129), uma das colaboradoras do referido estudo, em que constata o percentual de 31 % dos jovens entre 14 e 17 anos os quais afirmaram não gostar de ler, contra 23% que apreciam muito ler, enquanto 46% gostam pouco.

Um país de não-leitores como bem ilustrou Tânia Mariza Kuchenbecker Rosing ao se referir à escola na frágil tentativa de formar leitores, bem como no próprio corpo docente e os raros programas de mediadores de leitura. Para essa pesquisadora, “os baixos índices de leitura demonstram o pouco entusiasmo dos entrevistados por ela” (ROSING, 2011, p. 103). Quando isso ocorre, os grandes influenciadores da leitura são seus professores e sua solicitação de leitura obrigatória, mas, segundo Rosing, “leituras obrigatórias conquistam leitores?”, esta certamente é mais uma questão a considerarmos nesse estudo.

Dessa maneira, a partir da análise de seu cotidiano literário, suas escolhas e suas trajetórias enquanto leitor, para essa dissertação procurou-se responder ao objetivo geral dessa dissertação : investigar o porquê das escolhas literárias dos alunos ingressantes no ano de 2012 no IFSUL, câmpus de Sapucaia do Sul, os quais, em um projeto de extensão realizado por esse instituto no mesmo ano, informaram como *corpus* de leitura as obras *Harry Potter*, *Percy Jackson* e *Crepúsculo* em detrimento de obras literárias acadêmicas¹.

Ressalta-se que os objetivos específicos foram: levantar informações sobre dados socioculturais e econômicos dos sujeitos do estudo; verificar as leituras exigidas pelos docentes

¹ Nos referimos às obras solicitadas em vestibulares como da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade de Caxias do Sul (UCS) e Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) ou as obras solicitadas pelo corpo docente que ministra aulas de Língua Portuguesa ou Literatura no câmpus de Sapucaia do Sul.

no câmpus Sapucaia do Sul; pesquisar as leituras escolhidas pelos sujeitos do estudo; analisar as categorias institucionalidade, sociabilidade e ritualidade, definidas pelo autor Jesús Martín-Barbero, como forma de entender os critérios de escolha das obras eleitas por estes alunos.

A escolha dessas categorias diz respeito à ênfase que pretende-se dar nos elementos que estão implícitos nos critérios de escolha. Salienta-se, ainda, que esses leitores não foram examinados em si mesmos e por si mesmos, mas sua relação com a leitura foi posta à prova a partir do confronto teórico com o relato de suas práticas de leitura desde a infância até o tempo presente.

É importante destacar que esta dissertação está estruturada em três capítulos. O primeiro terá como objetivo refletir acerca de questões relacionadas à Sociologia da Leitura, às práticas culturais e às mediações sociais. O segundo capítulo contempla o aporte teórico como os dos sociólogos Pierre Bourdieu, Bernard Lahire, Singly, principalmente no que se refere ao capital cultural herdado e adquirido, a sociabilidade dos sujeitos, a ritualidade e os usos sociais dos meios, como o uso do computador ou outro dispositivo eletrônico que esses alunos utilizam para obter informação sobre lançamento de obras literárias. No terceiro capítulo, situamos o contexto da pesquisa realizada, as especificidades da então denominada “região humana” e suas singularidades, independentemente da localização geográfica desses leitores pois, simbolicamente, a consideramos como uma região cultural.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, contamos com o apoio de vários autores, mas o aporte teórico foi lido principalmente através da lente do sociólogo Pierre Bourdieu, cuja multiplicidade de trabalhos abordam, entre muitos temas, a questão do *habitus* e do capital cultural herdado e adquirido, condição não determinante mas favorável em que esses alunos pudessem se tornar o que hoje consideramos como leitores.

Existem poucas pesquisas que abordem estudos referindo-se a práticas de leitura de leitores nessa faixa etária. Algumas apresentam dados quantitativos que não aprofundam os motivos que levam esses alunos a elegerem determinadas obras em detrimento de outras. Por isso, acredita-se que a relevância dessa pesquisa reside nesse tipo de investigação.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS: definições básicas

Tendo em vista a revisão de literatura realizada para esta dissertação, percebe-se que não existem trabalhos acadêmicos que abordem as práticas de leitura de indivíduos da faixa etária entre 17 a 19 anos, apenas dados quantitativos que não aprofundam o que subsiste nessa escolha.

A tentativa de retratar especificidades locais de cada espaço² geográfico, como a cultura e a leitura de alguns indivíduos, não é uma tarefa simples, principalmente no que se refere às preferências. Dependendo da posição no espaço social, o gosto pela leitura de uma obra literária em particular pode variar de acordo com a trajetória desse indivíduo enquanto leitor -criança, adolescente, adulto- ou então com experiências marcantes no período da leitura, afirma Lahire (2002).

A partir desse processo cultural, Pozenato (2003, p.122) faz alguns questionamentos acerca das funções da educação e do seu desempenho na cultura dos grupos humanos. Para o autor, a primeira função da educação seria a de “transmitir, dentro do grupo cultural, os saberes acumulados pela soma de experiências desse mesmo grupo humano”. A segunda seria a do intercâmbio de “saberes entre distintos grupos culturais, segundo uma lógica previsível de aceitação ou rejeição, em função dos interesses de cada grupo cultural”. Finalmente, a terceira função seria a de que, “com base na transmissão e no intercâmbio de saberes, a educação dê condições para se criar novos saberes”.

Da mesma forma, Bourdieu (2009, p. 206) afirma que a escola “tende a assumir uma função de integração lógica de modo cada vez mais completo e exclusivo à medida que seus conhecimentos progredem”. Para ele, “os homens formados em uma dada disciplina ou determinada escola partilham um certo ‘espírito’ literário ou científico” e, modelados a partir de uma mesma referência, tendem a compartilhar com seus pares uma relação de cumplicidade e comunicação.

Além dessa interação com seus pares, a escola em geral e a biblioteca em particular poderão contribuir como bem simbólico, sendo ferramentas no processo de aprendizagem e ofertando serviços que venham ao encontro do processo pedagógico. Inclusive, ambas podem realizar atividades de extensão focadas no desenvolvimento de ações capazes de atrair o

²Entendemos espaço de acordo com a visão de Michel de Certeau ao considerá-lo um lugar praticado, vivenciado, em que indivíduos o potencializam através de seu uso.

Fonte: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. São Paulo: Vozes, 1994.

público, no contexto universitário predominantemente jovem, para dentro desse espaço literário e social.

Esses serviços são descritos de acordo com o Manifesto da IFLA/UNESCO para Bibliotecas Escolares (INTERNATIONAL...; UNITED..., 1999, p. 2):

Os serviços das Bibliotecas escolares devem ser oferecidos igualmente a todos os membros da comunidade escolar, a despeito de idade, raça, sexo, religião, nacionalidade, língua e *status* profissional e social. Serviços e materiais específicos devem ser disponibilizados a pessoas não aptas ao uso dos materiais comuns da biblioteca.

Ao apoiar ações relacionadas ao ensino, pesquisa e extensão em uma instituição escolar, a biblioteca poderá promover projetos socioculturais e proporcionar, dessa forma, o incentivo à leitura.

Torna-se evidente, então, que investigar o interesse do público em relação à escolha de determinada obra literária é um dos expoentes da Sociologia da Leitura. Nas palavras de Martín-Barbero (2009), pensar a trajetória de leitura atrelada às condições sociais do gosto é considerá-la marcada por saberes oriundos da memória étnica, de classe ou de gênero, dos hábitos familiares propiciados através da convivência com a cultura letrada, oral ou audiovisual, como o nível e a qualidade de educação, a ancoragem da experiência do ver e a do ler.

Considerando estes aspectos, pensou-se na temática da leitura ligada à baixa circulação de obras literárias, pertencentes ao acervo da biblioteca do Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSUL), câmpus Sapucaia do Sul. No ano de 2012, foi desenvolvido um projeto de extensão nesta instituição, que teve como proposta norteadora a verificação dos hábitos e interesses de leituras dos alunos matriculados nos primeiros anos do ensino médio integrado.

Cabe destacar que este tipo de pesquisa é comumente utilizado na área de Biblioteconomia, e tem por objetivo analisar, qualitativa e quantitativamente, os hábitos de informação do usuário - de biblioteca ou centro de documentação - ou, ainda, saber se as necessidades de informação destes estão sendo contempladas de maneira satisfatória. (FIGUEIREDO, 1994).

Com os dados coletados a partir da aplicação de um questionário elaborado especificamente para o projeto de extensão (ANEXO A), foi possível conhecer, entre outros tópicos, os livros mais citados como leitura eleita por esses alunos, as séries *Harry Potter*, *Percy Jackson* e *Crepúsculo*.

Semelhante a essa pesquisa, as mesmas obras mencionadas nas respostas dos alunos no projeto de extensão do IFSUL foram destaque no interesse de leitores por literatura estrangeira (ANDRADE, 2011; SILVA, 2012; PINHEIRO, 2012), evidenciando um maior interesse por uma literatura não acadêmica, obras não solicitadas em vestibulares como da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade de Caxias do Sul (UCS) ou da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Mesmo que as referidas séries não façam parte da literatura considerada erudita, as relações entre tradição e modernidade, na visão de Canclini (1998, p. 22), sinalizam que “o culto tradicional não é apagado pela industrialização dos bens simbólicos”. O autor explica que há obras consideradas eruditas e ao mesmo tempo massivas. Como exemplo, ele cita *O nome da rosa*, de Umberto Eco, que no final de 1986, antes de ser exibida nos cinemas, havia vendido cinco milhões de exemplares em 25 línguas.

Tendo em conta essas afirmações, uma questão a considerar é a relação desse sucesso econômico³ com a vinculação dessas obras adaptadas para o cinema ou o compartilhamento desses leitores através de uma teia de significados que eles mesmos tecem (GEERTZ, 2003).

Arelado a essas variáveis - indústria cinematográfica, teia de significados, sucesso econômico - Jesús Martín-Barbero (2009) considera que a comunicação deverá ser pensada a partir das mediações, e não somente em relação aos meios.

Segundo este mesmo autor, devemos conceber a mediação como todo o contexto cultural adquirido ao longo da vida pelos indivíduos, não apenas em decorrência da educação formal, mas também das experiências vivenciadas no cotidiano.

Dessas mediações culturais, advindas de novas tecnologias, meios e formas de subjetivação, afirma Knewitz (2010), emerge o interesse sobre a recepção, que nesta pesquisa versou sobre o gosto literário e as práticas de leitura. Estas mesmas práticas podem favorecer suas escolhas literárias, bem como o papel das mediações como elemento essencial nesse processo em que o leitor tem em suas “mãos” a possibilidade de traçar seu caminho literário em diversos suportes informacionais, do livro impresso ao livro digital.

Deve-se salientar que, na presente abordagem, como mediação sociocultural, as relações sociais e culturais, limitou-se a análise através das categorias institucionalidade, sociabilidade e ritualidade, da matriz cultural de Jesús Martín-Barbero. Para esse autor, por exemplo, a

³Segundo Umberto Eco: “Um livro obtém sucesso somente em dois casos: se dá ao público o que ele espera ou se cria um público que decide esperar o que o livro lhe dá.”

Fonte: ECO, Umberto. **Sobre os espelhos e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. p. 104.

categoria sociabilidade é “gerada na trama das relações cotidianas que tecem os homens ao juntarem-se”⁴ (2003, p. 17).

Dessa forma, procuramos entender o que estava implícito nessas escolhas literárias diagnosticadas nesse projeto de extensão em detrimento da literatura acadêmica, e o papel das mediações socioculturais nesse processo.

Na obra *Práticas de Leitura*, publicada em 2001, o sociólogo Pierre Bourdieu, na busca pela compreensão dos indicadores das práticas de leitura, ao ser questionado sobre o que as pessoas leem, salienta que a interrogação sociológica ensina que as declarações, em relação ao que as pessoas dizem ler, são pouco seguras. Considerado por este como efeito de legitimidade, ao perguntar para a pessoa o que ela lê, ela entenderá “o que é que eu leio que mereça ser declarado?”, ou seja, "o que a pessoa lê que é considerado literatura legítima?".

Nessas condições, onde poderíamos encontrar indicadores dessas leituras diferenciais? Para o autor, devemos entender que existem leituras e competências diversas, assim como diferentes instrumentos para apropriar-se desse objeto, segundo o texto, a idade e a relação com o sistema escolar a partir do momento em que este existe.

Bourdieu ainda diz o seguinte:

Um livro não chega jamais ao leitor sem marcas. Ele é marcado em relação a sistemas de classificação implícitos, e um dos papéis da sociologia da leitura é tentar descobrir o sistema de classificação implícita que os leitores põem em ação ao dizer: o livro “é para mim” ou “não é para mim”, “muito difícil” ou “fácil” (BOURDIEU, 2001, p. 248).

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, alguns estudos acadêmicos foram encontrados, principalmente os que possuem referência à literatura não acadêmica. Entre eles, destacam-se os de Silva (2012), a qual realizou um levantamento sobre o perfil de crianças e jovens participantes de um encontro semestral, que tinha como tema a série *Harry Potter*, em uma biblioteca pública de Belo Horizonte. O trabalho desta pesquisadora analisa a formação desses leitores fora do contexto escolar e a constituição de comunidades que abordam temas relacionados à referida série, expandindo seu trabalho além do impresso e abarcando também o uso da internet. Na análise final, ela considera que a leitura dessa série não justifica-se exclusivamente pela estratégia de marketing, uma vez que há continuidade dessa leitura em um

⁴Semelhante abordagem encontramos no antropólogo Clifford Geertz referência ao conceito de cultura. Para ele, “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado” Fonte: GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 4.

recorte temporal de uma década. Além disso, a circulação desses livros criou um circuito de formação de leitores que, no Brasil, passa exclusivamente pela escola.

Seguindo a mesma temática da leitura realizada por Silva, uma pesquisa desenvolvida em 2012 no Centro Federal de Ensino Tecnológico (CEFET) de Minas Gerais, na unidade de Belo Horizonte, teve como principal objetivo investigar os hábitos culturais, relacionados ao campo artístico, como práticas de leitura e preferências musicais e cinematográficas, dos alunos dos cursos técnicos oferecidos nessa instituição. Partindo do problema principal, ou seja, o que o jovem lê, as questões norteadoras do trabalho contemplaram saber sobre o hábito de leitura desses jovens ingressantes e quais livros eram lidos por eles. Discute-se a “crise de leitura” no mundo ocidental nas últimas décadas, relacionada à quantidade e qualidade das obras lidas associadas recentemente à grande propagação do mundo digital. Há um questionamento se o que o jovem lê foge dos cânones clássicos ou cânones escolares. O artigo cita o trabalho desenvolvido por Petrucci (1999, p. 205), no qual pesquisas apontam para o grande movimento editorial e para um diversificado sistema de comercialização e distribuição de livros, indo desde edições populares disponíveis em bancas de jornais até locadoras de livros. Essa “crise de leitura”, segundo Pinheiro (2012), poderia restringir-se à leitura dos livros considerados clássicos, de autores consagrados. Logo, o cânone estudado por críticos literários e cobrado em concursos é que estaria em crise, aborda a autora.

A partir do questionário aplicado aos alunos do Centro Federal de Ensino Tecnológico (CEFET)-MG, câmpus Belo Horizonte, e do cruzamento do número de empréstimos do setor da biblioteca da referida instituição, foi possível constatar que os *best-sellers*, como *Código da Vinci*, *Harry Potter* e *Crepúsculo*, foram os livros mais lidos pelos alunos. Além disso, a autora parte do pressuposto de que, por não serem indicados pelos professores, evidencia-se que os jovens têm sido mais influenciados pela mídia (jornais, revistas, internet, com suas listas dos “mais vendidos” e campanhas publicitárias) do que pela escola.

Mesmo sem deixar de considerar a importância dos clássicos, destaca como polêmica as relações entre cânones clássicos e cânones escolares. Considera ainda a existência de uma leitura paralela, não solicitada e não autorizada, afirmando que a escola contribui para a formação do “gosto cultural” dos indivíduos e os levam a apreciar determinados livros, músicas, filmes (PINHEIRO, 2012).

A autora atribui a eficácia da mídia em detrimento das sugestões dos professores para as leituras dos alunos, dando destaque ao sociólogo Pierre Bourdieu acerca das pesquisas sociológicas, conferindo a reprodução das diferenças culturais através da escola.

Nesse contexto, Andrade (2011) objetivou identificar relações entre as experiências vivenciadas com produtos midiáticos e o possível interesse que eles poderiam despertar em relação aos livros. Em uma pesquisa etnográfica, realizada em sala de aula com alunos de uma escola municipal da cidade de São Paulo, ele questionou se os meios de comunicação, à revelia das críticas frequentes em relação a eles, aproximavam os jovens dos livros.

O autor considerou, ao concluir esse trabalho, que o projeto pedagógico para a sala de aula desfavorece ou pouco estimula a utilização dos meios de comunicação como forma de aproximar os estudantes dos livros, uma vez que, em muitos encontros realizados por Andrade (2011), os aparelhos de DVD ou TV estavam avariados ou recolhidos pela direção da escola, comprometendo a exibição de filmes relacionados, por exemplo, à série *Harry Potter*.

Cabe destacar que, nessa dissertação, os campeões de empréstimo foram os títulos, também adaptados para o cinema, *Harry Potter*, *Percy Jackson* e *Crepúsculo*, ficando em poder dos alunos em média nove semanas, diferentemente do restante do acervo, que não atingiu a mesma marca.

Na temática da estética da recepção, Amorin (2009) aborda especificamente a recepção dos livros na *cibercultura* analisando comunidades virtuais cadastradas no site de relacionamentos do *Orkut*. Nesse estudo, foram enviados questionários a leitores-virtuais, participantes destas comunidades e de hiperficções literárias que tratam da personagem Harry Potter. Após pesquisa exploratória, verificou-se uma gama de comunidades relacionadas à série escrita pela britânica J. K. Rowling, das quais duas foram selecionadas com intuito de averiguar como se dão as discussões e criações literárias nesses tipos de espaço. O estudo constatou que, tanto nas comunidades virtuais quanto na criação de *fanfics*, os fãs da série procuram identificar-se com a obra lida, além de expor suas próprias considerações acerca das aventuras da personagem principal.

Sob o viés do sistema de produção envolvendo o objeto “livro”, em pesquisa também relacionada à série supracitada, Borelli (2006), em sua tese de livre-docência, procurou compreender o livro como parte inclusiva desse sistema, considerando a obra como objeto estratégico dentro do campo literário e no mercado de bens simbólicos.

Seus questionamentos perpassam pela interioridade da narrativa, abordando que histórias são essas, a que matrizes culturais pertencem, com quais territórios de ficcionalidade dialogam, como reproduzem novas ordens imaginárias, e qual sua trajetória no campo literário em direção a outras formas de cultura, como a transformação em imagens cinematográficas e digitalizadas.

Em suas considerações finais, entre as alternativas propostas de acordo com o aporte teórico de Pierre Bourdieu na análise dos campos culturais, especificamente do campo literário (1996) ou do campo editorial (1999), Borelli (2006) ressalta a opção em privilegiar o campo literário em que o embate entre campo e mercado está mais explicitado pela incompatibilidade entre literatura e mercado do que pelas tensões entre editoras, livros, editores e seus negócios.

Além disso, por meio do suporte teórico de Bourdieu no movimento em relação aos fundamentos do gosto, pelos critérios de distinção e pelas regras de constituição das legitimidades, as noções de campo literário e editorial colaboraram na tese de Borelli quanto ao esclarecimento das razões pelas quais a série *Harry Potter* é um fenômeno de mercado.

Ao abordar o esquema teórico do pesquisador francês, o qual limita-se a questões de luta e conflitos que se estabelecem entre os agentes envolvidos (editoras, editores, críticos, escolas, professores), Borelli (2006, p. 181) afirma que devemos considerar que:

Os livros e a literatura são também narrativas que além de mobilizarem percepções e sensibilidades, permitem que os sujeitos se apropriem das histórias mediante escolhas permeadas por cadeias de mediações envolvendo o cotidiano, as subjetividades, as situações vividas e as experiências acumuladas.

Tais pesquisas descreveram o interesse do leitor em relação à leitura de obras consideradas não acadêmicas. No entanto, essas pesquisas não aprofundaram em sua análise o porquê de os sujeitos pesquisados lerem tais obras, apresentando apenas dados quantitativos sobre o número de livros lidos ou o tipo de suporte de leitura. Agora a questão é: o que está implícito em suas escolhas literárias?

Compreende-se que o estudo das práticas de leitura pressupõe que consideremos múltiplos aspectos de diferentes ordens, como as estratégias do mercado editorial para atrair novos leitores, a localização de certas redes de leitura, a trajetória de leitura, a utilização de diversos meios de comunicação e as mediações que permeiam a escolha por determinada obra literária.

A presente pesquisa pretende contribuir com o caráter interdisciplinar do Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul, na linha de pesquisa Processos Culturais e Regionalidade, na qual está inserida, uma vez que aborda questões que envolvem a Sociologia da Literatura, especialmente a Sociologia da Leitura e sua relação com essas práticas. Esta dissertação também possui o intuito de refletir sobre os hábitos

literários desses alunos, superando os tradicionais limites dos estudos quantitativos, os quais já mencionamos alguns como exemplos.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa é necessário refletirmos sobre os temas trabalhados no campo da Sociologia da Literatura, especificamente a Sociologia da Leitura, as práticas que envolvem a leitura de obras literárias e o processo de mediação que interliga leitor e obra, temas aqui apresentados nesse primeiro capítulo.

1.1 Sociologia da Literatura

A Sociologia da Literatura, segundo Antônio Cândido (2008), não propõe a questão do valor da obra, mas pode interessar-se por tudo que é condicionamento, como a preferência estética por um gênero, o gosto das classes, a influência da organização social, econômica e política. Segundo o autor, pode-se tentar enumerar algumas modalidades de estudos do tipo sociológico em literatura, conforme critérios mais ou menos tradicionais, indo desde a sociologia até a história e a crítica de conteúdo.

O primeiro tipo consistiria em procurar “relacionar o conjunto de uma literatura, um período, um gênero, com as condições sociais” (CÂNDIDO, 2008, p. 18). Esse método tradicional, de acordo com Cândido, esboçado no século XVIII, encontrou seu maior representante em Taine e, posteriormente, no crítico literário Silvio Romero.

Já o segundo tipo, poderia ser traçado na medida em que as obras retratam ou espelham a sociedade, descrevendo seus inúmeros aspectos, estabelecendo os que são reais e os que são apresentados nos livros.

Finalmente, o terceiro tipo é apenas Sociologia, mais coerente, consistindo “no estudo da relação entre a obra e o público”, seu destino, sua aceitação e a ação recíproca destes dois elementos, afirma Cândido (2008, p. 20). Para exemplificar, o autor cita o estudo realizado por Lewin Schucking no *Handwörterbuch der Soziologie*, de Vierkandt, intitulado *Sociologia do gosto literário*⁵. Porém, ele faz uma crítica por considerar o estudo apenas uma indicação de pesquisas a serem realizadas nesse âmbito.

Zilberman (2001) também refere-se ao autor L. Schucking em seu livro *A sociologia do gosto literário*, publicado na Alemanha em 1923, o qual “procura evidenciar em que medida o público consiste em fator ativo, pois as mudanças de critérios e preferências interferem não apenas na circulação, e portanto na fama dos textos, mas também em sua produção”. Além

⁵ O título encontra-se traduzido por Cândido (2008, p. 20)

disso, L. Schucking menciona que a sociedade dispõe de mecanismos que facilitam ou inibem a difusão de uma obra ou de um autor, como as agências formadoras de gosto, tais como a crítica literária e a escola.

Nesse mesmo caminho, Robert Escarpit, ao publicar a obra *Sociologia da literatura*, em 1969, evidencia a importância desse terceiro elemento do fator literário: o público. O autor contemplará em suas pesquisas acerca da Sociologia da Literatura o tripé Sociologia da Produção Literária, Sociologia da Distribuição e Sociologia da Leitura.

Para ele, a Sociologia da Leitura irá abordar a relação entre a obra e o público. No que se refere ao consumo, Escarpit aponta o sucesso de uma obra a partir dos compradores do livro, no caso do *best-seller*; apesar de considerá-lo um fenômeno imprevisível e inexplicável. Essa realidade, segundo o autor, move-se pela constatação de considerar um livro muito mais que simples objeto material pois, em certa medida, o êxito da obra inicia com a primeira compra ou o primeiro leitor anônimo; além disso, Escarpit (1969, p. 183) considera que não poderá “haver literatura sem uma convergência de intenções entre o autor e o leitor”.

É importante destacar que o viés abordado nessa dissertação não contemplará a Sociologia do Consumo e sim ilustrará a Sociologia da Leitura sob seus vários enfoques, desde os primeiros estudos envolvendo esse assunto até seus objetivos que, em sua abordagem, contemplam os fatores sociais que poderão influenciar no gosto literário do leitor.

1.2 Sociologia da Leitura

A Sociologia da Leitura surgiu nos Estados Unidos durante a grave crise econômica instaurada no país no século XX⁶. Profissionais de diversas áreas, como psicólogos, educadores, sociólogos, bibliotecários e assistentes sociais, pesquisavam sobre a distribuição da leitura e seus efeitos sobre o leitor. (CHARTIER, 1995).

Na França, segundo Anne-Marie Chartier (1995), a Sociologia da Leitura surgiu por volta do final da década de 50. Pesquisadores dessa temática ocupavam posições privilegiadas no campo da Educação, da Política e da Cultura e queriam saber quem lia, o que lia, por que e como lia. Também queriam entender a dificuldade da escola em relação à repetência dos alunos e os fracassos em leitura, que “parecem então estar reunidas para promover a sociologia da

⁶ Segundo Joasilho (2009), em 1929 a crise na bolsa de valores de Nova Iorque foi responsável pela falência de muitas empresas. Essa situação acarretou a demissão de muitos trabalhadores porque o efeito dessa crise contribuiu na queda da economia mundial. Fonte: JOANILHO, André Luiz. **História, política e sociedade**. Curitiba: IEDE Brasil, 2009.

leitura no campo pedagógico e para tornar a leitura escolar objeto de pesquisa” (CHARTIER, 1995, p. 18).

Segundo a autora, uma das hipóteses para entender como a leitura escolar tornou-se objeto de estudo para a Sociologia constata que a questão é compreender por que alguns alunos não querem ou não podem ler. Chartier também aborda os estudos de Burgos (1991) quanto à relação que poderá haver entre o modo como estudantes entre 15 e 17 anos, de diferentes países, a partir das culturas literárias nacionais, podem interpretar o mesmo romance, e o estudo de Singly (1993) sobre levantamento quantitativo acerca das leituras de estudantes da faixa etária dos 11 aos 14 anos, assim como os estudos de laboratório de Zagar (1993), que procurou verificar modelos para entender a lógica de leitores *experts* ou leitores considerados fracos diante de um texto postado em uma tela.

Por sua vez, Poulain (2004) apresenta o nascimento da Sociologia da Leitura no período entre as grandes guerras e a crise econômica, social e política das décadas de 1920 e 1930, marcando o início dos estudos da Sociologia dos leitores.

Segundo a autora, as primeiras reflexões vêm da Europa oriental, através de Nicolas Roubakine⁷, da Alemanha, com trabalhos do bibliotecário Walter Hofmann⁸, e dos Estados

⁷Nicolas Roubakine estudou ciências na Universidade de São Petersburgo. Durante seus estudos, ele lutou contra o analfabetismo das massas. Em 1873, no desempenho de sua carreira profissional, um de seus primeiros atos foi transformar a biblioteca em um centro de educação e cultura. Comprometeu-se com a pesquisa científica, criando um verdadeiro laboratório para os estudos sobre a leitura, sendo visitado por escritores, acadêmicos, jornalistas que compartilharam seu trabalho em ajudar os analfabetos. Em 1895, publica seu primeiro livro, "*Estudos no público leitor russo*". Roubakine reflete fortemente sua missão em servir os leitores e levá-los, apesar da diversidade de personalidades, necessidades e níveis, para ler. Manteve contato com muitos estudiosos como Claparède e Paul Otlet. Também fundou o Instituto Internacional de Bibliologia. Fonte: Des ressources professionnelles pour Le senseignants-documentalistes. Disponível em: <http://www.cndp.fr/savoirscdi/societe-de-linformation/le-monde-du-livre-et-de-la-presse/histoire-du-livre-et-de-la-documentation/biographies/nicolas-roubakine.html> Acesso em: 25 ago. 2014

⁸Segundo Matthew Battles, antes da guerra, a biblioteca pública alemã era considerada apenas um depósito da cultura da elite. A historiadora Margaret Stieg afirma que nesse período havia duas tendências, a antiga onde bibliotecários deram um ar romântico nos ideais progressistas com a valorização intelectual e espiritual do indivíduo na sociedade. Já a nova tendência era o reduto intelectual de Walter Hofmann, autodidata de Leipzig, tornando-se o principal bibliotecário do nazismo, com o propósito de desenvolver o espírito do povo. Dessa forma, a biblioteca deveria ter apenas “bons” livros, preferencialmente obras clássicas alemãs. Com a chegada dos nazistas ao poder, tanto a antiga quanto a nova tendência, unem-se em prol na tarefa de transformar a população alemã num *Volk*. Os bibliotecários trabalharam arduamente no intuito de driblar a ambivalência nazista com respeito à leitura, buscando sempre uma coordenação da biblioteca ao Terceiro Reich. Entre as funções dos bibliotecários nesse período, encontram-se as compilações de autores que deveriam ser censurados. Segundo Stieg, as bibliotecas lançaram base para os ideais nazistas principalmente nas comunidades de fala alemã no exterior. Antes mesmo da ascensão do nacionalismo, ativistas da Tchecoslováquia, Polônia, e de outros lugares usaram a biblioteca para nutrir um senso de etnicidade de cunho nacionalista. Fonte: BATTLES, Matheus. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/WI/hotpages/hotpage.aspx?bib=ArMemBNM&pagfis=173&pesq=&esrc=s&url=http://docvirt.no-ip.com/docreader.net>> Acesso em: 26 ago. 2014

Unidos, através de investigadores da Escola de Chicago, nas figuras de Douglas Waples⁹ e Bernard Berelson¹⁰.

Segundo Poulain (2004), muitos desses pesquisadores eram defensores do livro. Editores, poderes públicos e bibliotecas reivindicavam na França a utilização desses estudos no intuito de elucidar alguns temas, como a prevenção de possíveis fatores para a queda das vendas.

Os pesquisadores Poulain (2004), Douglas Waples e Bernard Berelson (1930) criaram conceitos basilares da Sociologia da Leitura, como a compreensão sobre em que medida a leitura afeta e modifica o leitor. Questões analíticas no que se refere às variáveis, como as razões, condições e modos de produção, distribuição, difusão, tendência de opinião sobre determinados temas, as predisposições do leitor, nesse caso, provenientes de seu perfil sociocultural, as motivações de sua leitura, suas opiniões, expectativas, o lugar que ocupa no tecido social e os efeitos da leitura.

Sob o mesmo viés, Anne Marie Chartier (1995) aborda os estudos desenvolvidos por Fourment (1987) e Gruny (1931) no período entre guerras, em que imprensa e livros irão esforçar-se para que jovens leitores "entrem na leitura". Assim, a imprensa irá especializar-se na juventude, com fascículos temáticos vendidos por assinatura aos pais preocupados com a educação de seus filhos, e na imprensa popular, direcionada a um público juvenil, aliada a movimentos de associações leigas ou católicas. Já os livros, estarão acessíveis através da biblioteca pública e da escola, uma vez que famílias com pouco poder aquisitivo não terão condições financeiras e tampouco vontade para adquiri-los.

O papel que caberá à escola, então, é o de iniciar a criança nos primeiros textos. A biblioteca, por sua vez, proporcionará ao jovem leitor uma gama de escolhas, preparando esse público para as bibliotecas de adultos.

Entre as preocupações sociais e de investigação científica, Poulain (2004, p. 17) aborda nos temas sociológicos uma relação com questões na esfera social, demonstrando uma

⁹ Douglas Waples foi um pioneiro das áreas de impressão, comunicação e comportamento de leitura. Autor de um dos primeiros livros sobre metodologia de pesquisa sobre biblioteca. Fonte: e-Study Guide for: Assessing Information Needs: Managing Transformative Library Services by Robert J. Grover. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=aTc1xHPPvugC&pg=PT19&lpg=PT19&dq=WAPLES,+Douglas,+The+graduate+Library+School+at+Chicago.&source=bl&ots=ZNgNAGzueP&sig=Qe572C68aT4tC0KfuJLnShlcG3M&hl=pt-BR&sa=X&ei=Ihz9U-OPJoi_8QH2gYG4CQ&ved=0CGoQ6AEwBO#v=onepage&q=WAPLES%2C%20Douglas.%20The%20graduate%20Library%20School%20at%20Chicago.&f=false Acesso em 26 ago. 2014.

¹⁰ Bernard R. Berenson foi professor na pós-graduação em Educação da Universidade de Chicago. Em 1958, realizou pesquisa entre diversas universidades americanas entrevistando estudiosos para buscar informações sobre as necessidades e direções das principais disciplinas acadêmicas quanto à adequação da preparação nos principais campos do ensino superior. Disponível em: <http://www.lib.uchicago.edu/e/scr/findingaids/view.php?eadid=ICU.SPCL.BERELSON> Acesso em 27 ago. 2014.

preocupação em temas que apresentam uma lacuna, algo passível de explicação, com foco “íntimamente ligado a la historia política y social del siglo, a sus crisis y a sus esperanzas¹¹”.

De acordo com Poulain (2011, p.2):

Los estudios sociológicos de la lectura constituyen un recurso de comprensión de realidades culturales complejas y nos ofrecen algunas pistas analíticas para entender relaciones dicotómicas como la que se establece entre éxito escolar y lectura¹².

Uma das questões abordadas pela Sociologia da Leitura é a formação do adolescente leitor e a relação estabelecida entre valores e gostos, elementos provenientes da ligação com seus pares, formados inclusive pelas redes.

Lahire (2002), referindo-se à Sociologia da Leitura, afirma que as análises estiveram muito voltadas à Sociologia do Consumo Cultural, e que "o sentido das leituras, ou melhor, as experiências que os leitores vivem com livros, são questões que os sociólogos praticamente deixaram de lado" (LAHIRE, 2002, p. 95).

Para o autor, “a leitura como experiência social não é aquela considerada a partir de uma Sociologia do Consumo Cultural” (Ibid) porque as apreciações emitidas pelos livros ou gêneros literários dependem geralmente de uma lógica diferente, por exemplo, de uma obra específica.

É papel do sociólogo da experiência literária singular entender questões propostas aos pesquisadores, como: o que você pensa de? O que você prefere? Tem-se a chance, então, apenas de captar a ligação de obras mais ou menos legítimas ou públicos dotados em capital escolar, destacando-se que raramente é interrogada a origem deste capital.

Lahire destaca a importância do sociólogo para redimensionar os objetos que ele pode construir, na tentativa de apreender o que as pessoas fazem com as obras, qual sua relação efetiva com as mesmas e as reais recepções, não aquelas intencionadas, sonhadas por críticos, autores, editores.

Outra questão abordada pelo autor refere-se ao gosto por uma obra literária particular. Esse gosto ou essa sensibilidade literária poderá variar individualmente de acordo com a trajetória social do leitor, que poderá ir desde a criança ao idoso, seu estado civil e suas experiências marcantes durante o período da leitura.

¹¹Íntimamente ligado à história política e social do século, suas crises e suas esperanças (tradução nossa)

¹² Os estudos sociológicos da leitura constituem um recurso de compreensão de realidades culturais complexas e nos oferecem algumas pistas analíticas para entender as relações dicotômicas como a que se estabelece entre êxito escolar e leitura (tradução nossa)

Quanto aos objetivos da Sociologia da Leitura, a pesquisadora Coenga (2011, p. 12) ilustra sua finalidade na tentativa de “compreender de que maneira a leitura afeta os leitores e os modifica, como se desenvolvem suas práticas leitoras e rastros de leitura no processo de constituição do leitor”. Essa abordagem analisa também suas predisposições como perfil sociocultural, motivações da leitura, opiniões, expectativas ou o lugar que ocupam na estrutura social.

Também são passíveis de análise, nessa temática, elementos associados ao texto, variáveis como razões, modos de publicação do texto escrito, distribuição, difusão e a tendência de opinião sobre determinados temas.

A estudiosa Sagrilo, por sua vez, entende seu objeto de análise da seguinte maneira:

A Sociologia da leitura investiga os possíveis fatores que conduzem o leitor a ler determinada obra, tais como, o nível socioeconômico, a família, a escola, os amigos, a presença/ausência de uma fonte de pesquisas, a igreja, entre outros. Os estudos baseados nessa teoria consideram a presença dos mediadores no processo da leitura como fator fundamental. Segundo a Sociologia da Leitura, muitas são as formas pelas quais um texto pode chegar até às mãos de uma comunidade ou de um leitor (SAGRILO, 2007, p.1).

Semelhante à Sagrilo (2007), Caldeira (2008) aborda o propósito da Sociologia da Leitura na intenção de investigar os fatores sociais que poderão interferir no gosto do leitor como condição social, etária, profissional. Para o autor, a abordagem centra-se na relação entre o livro e os mediadores sociais, entre os quais enumera alguns, tais como a escola, a editora, a biblioteca, e também a igreja, instituição que, por muito tempo na história, controlou essa permissão de acesso ao livro.

Horellou-Lafarge e Segré (2010) abordam essa relação entre a igreja e a difusão de suas ideias através da leitura. Em meio a lutas religiosas, seu escopo foi mudando, uma vez que o livro deveria permanecer como um mistério.

Alguns historiadores acreditam no controle em conjunto de protestantes e católicos no desenvolvimento da leitura individual dos textos sagrados. Tanto protestantes quanto católicos difundiram suas ideias através da alfabetização do povo por meio da criação de escolas, ao praticar e organizar o ensino da leitura entre a burguesia e as classes populares.

Esses intermediários, os quais sabiam ler, proporcionaram acesso ao escrito para a população, mas o acesso pessoal ao texto aconteceu lentamente. A elite, por exemplo, teve acesso direto à leitura, com instrução mediada pelos jesuítas. Para Horellou-Lafarge e Segré

(2010, p. 49), “a escola contribuiu amplamente para familiarizar a população com os livros, mantendo ao mesmo tempo seu aspecto sagrado”.

No que diz respeito à História da leitura, a escola será chave para seu acesso, onde atuam indivíduos habilitados para atividades pedagógicas, como o professor, que mesmo sem qualificação ou titulação, mas por necessidade, talento ou gosto, prepara-se para a profissão distinta.

Segundo Zilberman (2009, p. 2) :

A escola constitui o espaço por excelência de aprendizagem, valorização e consolidação da leitura, cooperando com o processo de legitimação da literatura e da escrita no mundo capitalista. Ela conta, por seu turno, com uma história especial, de que fazem parte as diferentes filosofias educacionais, as concepções relativas aos processos de ensino, o modo de organização do aparelho pedagógico. Relativamente à leitura enquanto procedimento de decodificação de textos escritos, pressupõem-se tomadas de posição pelo menos sobre os seguintes tópicos:

- o método de alfabetização;
- o tipo de livro escolhido, se didático, paradidático ou outro;
- a educação artística e o ensino da literatura.

Essas discussões, que se acirraram nos últimos anos, acompanham a história da leitura no Brasil. Desde que se tornou nação independente, o país sede para com a necessidade de enfrentar e derrubar as altas taxas de analfabetismo da população.

Para El Far (2006), o analfabetismo poderia explicar questões relacionadas à leitura no Brasil ao ilustrar uma análise de dois importantes intelectuais no cenário do Rio de Janeiro, nos primeiros anos do século XX, questionando se o Brasil era um país de leitores. O cronista João do Rio, ao observar o movimento em livrarias e o aumento do número de mercadores ambulantes de livros, constatava que o Brasil lia. No entanto, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, Olavo Bilac, com base na análise censitária que denunciava o alto índice de analfabetismo no Brasil e a queixa de romancistas que mal conseguiam esgotar a primeira edição de suas obras, discordava dele. Olavo Bilac, então, afirmava que o Brasil não lia pelo simples fato de não saber ler.

Segundo a autora, a população urbana assiste, naquele período, ao fenômeno da vulgarização do texto impresso. Com as novas tecnologias de impressão e produção em larga escala, o livro torna-se produto atrativo e acessível a um número maior da sociedade brasileira. Em colunas de jornais diários, os livros foram chamados de “os livros para o povo”, englobando obras didáticas, filosóficas e romances.

Houve, inclusive, mudança na forma como era impressa a lombada do livro. Destinado à elite, o volume luxuosamente decorado passa a configurar na sua confecção brochuras feitas com baixo custo, fornecendo ao leitor informação rápida, entretenimento e diversão. Uma das estratégias adotadas pelos editores foi a divulgação de um resumo da obra à venda e, ao lado do nome do autor, um destaque ao ilustrador, em geral um artista importante das revistas ilustradas da época.

Durante todo o século XX, essa categoria de profissionais esforçou-se para disseminar o livro e a leitura. Livros de bolso passaram a ser vendidos em lugares como cafés e bancas de jornais, enquanto hoje até mesmo máquinas, localizadas nos metrô em São Paulo¹³, podem proporcionar a compra de um livro.

No entanto, El Far (2006) salienta que no Brasil o livro nem sempre fez parte do cotidiano. Até a vinda da família real, em 1808, era proibido qualquer tipo de impressão, pois temiam a propagação de ideias progressistas. Quem quisesse obter livros precisava importá-los de Portugal e enfrentar vários trâmites burocráticos, custos de transporte e a censura lusitana. Esses fatores limitaram o acesso à instrução e à educação, constatando que o volume impresso no Brasil, por um longo período percorreu circuitos bastante restritos (EL FAR, 2006).

Por sua vez, Hallewell (2012) considera que, no período da primeira guerra mundial, os produtos locais contribuíram para o crescimento de 25 % da indústria paulista, em decorrência da escassez de produtos importados. O mercado editorial brasileiro também se beneficiou, pois, no mercado livreiro, existiam poucos pontos de venda de livros, que estavam geralmente localizados nos bairros mais ricos do Rio de Janeiro e São Paulo. A produção editorial pouco se arriscava além da venda de livros didáticos ou livros de legislação brasileira. Mesmo nesse caso, os clientes preferiam adquirir obras de autores estrangeiros, com exceção de Ruy Barbosa, único escritor forense com venda garantida.

Apesar de nomes como Machado de Assis e José de Alencar continuarem a vender em edições da editora Garnier, impressas na cidade de Paris, também eram superados em popularidade e prestígio pelo escritor português Eça de Queirós. O único escritor capaz de obter êxito continuado foi Coelho Netto, o qual possuía mais leitores em Portugal do que no Brasil.

¹³De acordo com o Instituto Brasil Leitor, empresa privada sem fins lucrativos que conta com parceiros como Academia Brasileira de Letras, o projeto “Embarque na Leitura”, responsável por disponibilizar livros em algumas estações do metrô da capital paulista, demonstrou que o interesse do brasileiro é grande e eclético. Mais de um milhão de livros já foram retirados durante o projeto, e os livros com maior procura pertencem à área de Filosofia, além das biografias e os lançamentos. Fonte: Jornal Metrô, 20 ago. 2014. Disponível em: http://issuu.com/metro_brazil/docs/20140820_br_portoalegre/11?e=3193815/8998366 Acesso em: 20 ago. 2014

Esse cenário foi modificado a partir de 1917, com os primeiros passos traçados pelo cafeicultor paulista José Bento de Monteiro Lobato, ao escrever *Velha praga*, carta endereçada ao jornal *O estado de São Paulo*. Ele reclamava do costume perigoso e antiecológico da prática de cortar e queimar nas lavouras de seus vizinhos e comparava esse fato à luta dos aliados na Europa contra um inimigo implacável como o exército alemão.

Embora essa prática não fosse combatida porque se tratava de um pacto eleitoral entre caboclos e o partido no poder, sua carta repercutiu positivamente pela qualidade literária apresentada, o que viria a constituir-se posteriormente na obra *Urupês*.

Segundo Hallewell (201, p. 352):

O sucesso de Lobato, sem precedente para um livro de estreia de um escritor nacional, surpreendeu a todos, inclusive a ele próprio. Parte desse sucesso deveu-se, sem dúvida, a uma referência de Rui Barbosa a Jeca Tatu em discurso durante sua campanha eleitoral de 1919, vinculando a ignorância e o atraso do Brasil rural à política de seus adversários.

Além disso, de acordo com o autor, o sucesso da venda dos livros de Monteiro Lobato devia-se principalmente à conhecida propaganda “boca a boca” entre os leitores, sobretudo por tratar-se de uma obra com tema revolucionário e que pretendia atingir um público com os mesmos anseios dessa obra literária.

Hoje, se poderia afirmar que a propaganda “boca a boca” entre leitores faz a cultura da convergência abordada por Jenkins (2008), ao contemplar, por exemplo, a produção de histórias realizadas por fãs da série *Harry Potter*. Estes, além de lerem seus livros e verem seus filmes, buscam a internet, produzindo histórias próprias a partir da série, como as ficções criadas por fãs. Para Jenkins (2008, p. 237), a série *Harry Potter*, “incentivou muitos jovens a escreverem e compartilharem suas primeiras histórias”.

Ao considerar estes fatores, vê-se que não se trata de uma transformação tecnológica, na qual vários aparelhos se transformariam em um único produto, mas sim uma transformação cultural caracterizada por consumidores individuais em suas interações sociais com outros atores sociais, afirma Jenkins (2008).

Sob essa perspectiva, o antropólogo Néstor García Canclini (2014) questiona a definição da categoria “leitor”, referindo-se à pesquisa realizada pelo Instituto Pró-livro, categoria definida segundo o número de livros lidos. No entanto, a mesma pesquisa, segundo Canclini, mostra que estudos como do Instituto Pró-Livro subestima outros suportes de leitura, como a leitura de

blogs, a pesquisa escolar realizada na internet, a leitura de jornais pelo celular, isto é, leituras desvinculadas dos livros, porque a maioria das pesquisas sobre consumo cultural privilegia a leitura em papel.

O autor questiona o porquê de subestimar as muitas horas dedicadas de adolescentes e jovens e um bom número de adultos que leem e escrevem, por exemplo, no *Facebook* e em outras redes sociais.

Esse pesquisador considera que há pouquíssimas pesquisas sobre leitura que exploram o quanto se lê na internet e como a leitura digital se relaciona com a leitura feita em papel. Em decorrência disso, o autor observa que, em relação à medição da leitura, estudos recentes propõe observar como são adquiridas e exercitadas as competências leitoras, dando destaque para o relatório PISA¹⁴ que, no ano de 2009, ao investigar a leitura na Espanha, incluiu as mídias eletrônicas nos modos de ler. Canclini também destaca a pergunta que inquieta editores, livreiros e professores: se a venda de livros, jornais e revistas cair, isso significa que se está lendo menos?

Para Canclini, os livros não estão em decadência, estão em relações de dependência através de novas mídias e formas de ler. Fazem parte de mais conversas e estilos de sociabilidade, trechos de livros são destacados no *Kindle*¹⁵, no *Facebook*, e se opina sobre eles no *Twitter*.

Adolescentes e jovens vivem essa realidade de criação literária em blogs, em edições independentes, em audiolivros e páginas digitais que mudam o olhar sobre a cena do ler e do escrever, como formas de pensar e fazer tecido social nessas práticas de leitura literária.

1.3 Práticas de leitura literária

Destacamos que, apesar de grande parte dos teóricos até aqui trabalhados acerca da Sociologia da Leitura contemplar estudos provenientes do contexto basicamente europeu, esta dissertação tratará as práticas de leitura de indivíduos no contexto brasileiro, moradores da região metropolitana do município de Porto Alegre, alunos de ensino médio profissionalizante, leitores de obras que não ocupam o rol das leituras solicitadas em vestibulares como da UFRGS

¹⁴ O *Programme for International Student Assessment (Pisa)* - Programa Internacional de Avaliação de Estudantes - é uma iniciativa de avaliação comparada, aplicada a estudantes na faixa dos 15 anos, idade em que se pressupõe o término da escolaridade básica obrigatória na maioria dos países. Essa informação poderá ser acessada no seguinte endereço eletrônico <<http://portal.inep.gov.br/pisa-programa-internacional-de-avaliacao-de-alunos>> Acesso em: 05 junho de 2015.

¹⁵ Criado pela Amazon, o *Kindle* é um dispositivo para leitura capaz de armazenar milhares de *ebooks*.

(Universidade Federal do Rio Grande do Sul), UCS (Universidade de Caxias do Sul) ou da UFSM (Universidade Federal de Santa Maria).

Para isso, encontramos em Batista e Galvão (1999) abordagem sobre a leitura sob viés sociológico. Para esses autores, em oposição às próprias formas tradicionais de seu interesse pelo tema, em torno de uma tradição de estudos sobre os hábitos de leitura e sobre sua distribuição num determinado grupo social, político ou geográfico, assinalam uma extensão do interesse pela leitura a outras disciplinas do campo das Ciências Sociais, como a História e a Antropologia.

Batista e Galvão (1999, p. 13-14) atribuem:

Aos estudos de práticas de leitura uma dimensão interdisciplinar e uma intensa incorporação, pelas ciências sociais, dos resultados, métodos e perspectivas de diferentes disciplinas como a psicologia, a psicolinguística, a bibliografia analítica, a teoria literária, os estudos culturais, e as investigações sobre a comunicação, suas técnicas e suas consequências.

Os autores abordam a crença ao fundamentar a relação dos estudos sociais sobre a leitura e um *corpus* de textos dignos de serem lidos, um conjunto de usos valorizados pela tradição cultural como a leitura de livros, de narrativas literárias, tendo em seu objetivo o aprendizado e a formação cultural, desvinculada de funções utilitárias.

Esses estudos tendem a coincidir com a verificação da presença ou não, em determinados grupos, dessa modalidade de leitura prestigiada, na determinação do nível cultural e educacional desses grupos, implicada na verificação da adequação destes textos lidos.

No entanto, segundo os autores, a frequência e a intensidade das práticas de leitura relacionadas aos estudos sociais deveriam não apenas esquadriñar a distribuição e a difusão desse hábito, mas “examinar a qualidade dos textos lidos, apreendendo o *corpus* que constituiria a biblioteca de uma determinada população, descrevendo seus suportes, gêneros e temas, determinando funções que tenderiam a preencher na vida desse grupo” (1999, p. 16), em suma, detectar a distância que separa esse grupo do impresso e das funções valorizadas.

Batista e Galvão (1999, p. 21) apresentam as principais bases dos estudos sobre as práticas de leitura, principalmente a problemática geral no interior da qual são construídos modos diferenciados de compreensão.

De um lado há os textos. A reflexão literária e linguística tende a construir a noção de textos em torno de três princípios básicos: em função da necessidade de estabelecer formas de identificação e classificação da produção escrita, em sociedades onde essa prática se diversifica

e a intensidade de sua circulação, através da possibilidade de reprodução, por cópia manuscrita ou mecânica.

Entre seus princípios, texto é o “objeto” estabelecido, originalmente, pelo autor. Desse princípio decorrem os demais: se é a autoria que, por um lado, identifica um texto em relação a outros, e se é aquele texto no qual o autor escreve, por outro, o elemento permanente integrador, reunindo suas diferentes reproduções (e permite avaliar sua “fidelidade”). Um texto coincide apenas com sua manifestação linguística assim identificada e com o conjunto de relações linguísticas a ela subjacente e independente tanto dos diferentes suportes materiais basilares das práticas e dos leitores que dele se apoderam.

Em outros termos, enraizado na ideia de autoria, um texto tem existência autônoma e independente das esferas que o produzem (e reproduzem) materialmente, assim como das práticas nas quais são utilizados, lidos e compreendidos. Construído como um conjunto de formas linguísticas abstratas, possui uma unidade intrínseca e um fundo permanente que se impõem àqueles que o reproduzem e o leem e aos quais esses devem se ater e respeitar.

Do outro lado, há os leitores, móveis e instáveis, dependentes das configurações sociais que os produzem, reproduzem e a que se destinam; os textos, por fim, diversificam-se tendo em vista as práticas e os leitores que efetivamente deles se apropriam. Por mais que os produtores do texto e do impresso procurem orientar os mínimos movimentos do leitor como sua atualização, seus usos e significados encontrarão sempre nos contextos de leitura um regime de condições que poderá ou não favorecer a realização das leituras visadas.

Além dos autores, produtores do livro, os leitores estão também, quanto maior for o grau de institucionalização das situações em que leem, submetidos às múltiplas determinações que organizam as esferas sociais em que utilizam os textos, pois eles são socialmente formados, compartilham um conjunto de competências e um horizonte de expectativas em relação aos textos e a sua leitura que não é, necessariamente, o previsto pelos produtores dos textos. Estes mesmos leitores podem desenvolver, portanto, formas de apropriação que pouco têm a ver com aquelas visadas em sua produção, além de constituir, desse modo, um novo texto, com novos objetivos, novos usos, novos significados.

Por isso, a busca pelos estudos sobre práticas de leitura, de apreender os traços constitutivos das diferentes comunidades de leitores (CHARTIER, 1995) e a constituição social e histórica desses dois elementos centrais de todo ato de leitura, o texto (e o impresso) de um lado, e os leitores (e as comunidades de intérpretes) de outro, assim como os modos de ler que das relações entre esses dois elementos emergem, tem sido a aposta dos estudos sobre práticas de leitura.

Coenga (2011), por sua vez, ao se referir aos estudos de Hebrard (1996), aborda o questionamento sobre a leitura como uma arte herdada no contexto da Sociologia das práticas culturais, porque ela não é capaz de explicar a aprendizagem da leitura, por exemplo, dos autodidatas.

Nessa linha de reflexão, Singly (2009) também questiona esse modelo das práticas de leitura ao constatar, em pesquisa realizada com estudantes leitores cujos pais também são leitores, que esses indivíduos apresentaram dificuldade em assumir uma herança direta. Ele constatou que menos de um quarto dos estudantes considera que tanto seu pai quanto sua mãe tiveram grande influência em fazê-los gostar de ler.

O sociólogo Pierre Bourdieu (2001), afirma que a leitura obedece às mesmas leis como outras práticas culturais, com a diferença de que ela é mais diretamente ensinada pela escola, no qual o nível de instrução vai ser mais poderoso no sistema dos fatores explicativos, sendo a origem social o segundo fator.

Assim, ao perguntar para a pessoa seu nível de instrução, logo infere-se ao que ela lê e ao número de livros que leu ao ano. Além disso, tem-se uma previsão sobre sua maneira de ler.

Outra questão importante é traçar como esse processo se passa ao fazer uma correlação entre o nível de instrução, a quantidade de leituras ou a qualidade da leitura, uma vez que essa relação não é autoexplicativa.

Para Bourdieu (2001), é possível que exista um mercado no qual possam ser colocados discursos concernentes às leituras, porque somos pessoas que temos sempre à mão um mercado, amigos, alunos, colegas e cônjuges a quem podemos falar sobre essas leituras, uma vez que ao ler compartilhamos com alguém essa prática.

Existem diversos tipos de leitura, entre os quais está aquela da qual não se pode falar, que se faz às escuras. Entre os leitores, há aqueles que leem coisas que não merecem a leitura, assim como aqueles que praticam a leitura legítima, autorizada, do clássico.

Esse estudioso afirma que por muitos anos fez uma Sociologia da Cultura, procurando entender como é produzida a necessidade do produto, buscando estabelecer relações entre este e as características sociais dos consumidores. Para ele, quanto mais se sobe na hierarquia social, mais se consomem bens situados num nível elevado da hierarquia de bens. No entanto, é importante destacar que sua pesquisa está situada na sociedade francesa na década de 80.

Assim, conforme o sociólogo, na questão da produção cultural, é necessário produzir a crença no valor do produto e, além disso, é preciso que todos os produtores colaborem nesse processo.

O pesquisador francês ainda diz o seguinte:

Querendo produzir um objeto cultural, qualquer que seja, eu não produzo simultaneamente o universo de crença que faz com que seja reconhecido como um objeto cultural, como um quadro, como uma natureza morta, se não produzo isso, não produzi nada, apenas uma coisa (BOURDIEU, 2001, p. 240).

Ele caracteriza um bem cultural considerando-o como um produto como os demais, porém com uma crença, onde ela própria deve ser produzida, podendo ser reforçada pela política cultural.

É importante salientar que para Bourdieu (2013), em matéria de bens culturais, o ajuste entre oferta e demanda deverá considerar a lógica entre o campo de produção e o campo de consumo. Esta relação é semelhante à abordada por Jesús Martín-Barbero (2009), na qual o esquema proposto pelo autor hispano-colombiano abordará o eixo sincrônico entre lógicas de produção e competências de recepção ou consumo, em que essa última será mediada por diversas formas de sociabilidade, juntamente com as matrizes culturais.

A homologia entre campo de produção especializado, onde são elaborados os produtos, e os campos, das classes sociais ou da classe dominante, que por sinal determinam os gostos:

Faz com que os produtos elaborados nas lutas de concorrência – travadas no espaço de cada um dos campos de produção e que estão na origem da incessante mudança desses produtos – encontrem, sem terem necessidade de procurá-la propositalmente, a demanda que se elabora nas relações, objetiva ou subjetivamente, antagonistas que as diferentes classes mantêm a propósito dos bens de consumo materiais ou culturais ou, mais exatamente, nas lutas de concorrência que os opõem a propósito desses bens e que estão na origem da mudança dos gostos (BOURDIEU, 2013, p. 215-216).

Dessa forma, as séries consideradas *best-sellers*, como *Crepúsculo*, *Harry Potter*, *Senhor dos Anéis*, entre tantos exemplos, encontrarão seu público na busca de sucessos fáceis. O mercado editorial abandonará outros produtos a um esquecimento quase programado de acordo com a economista francesa Françoise Benhamou (2007) e, nessa padronização de produtos, a autora recorre à Bourdieu (1985), ao considerar que os circuitos de divulgação tendem a diminuir o ciclo de vida dos livros tratados como comuns. Por essa razão, nessa dialética entre demanda e consumo, o produtor, para diminuir o risco, apostará nos *best-sellers*, nos autores consagrados, canônicos ou não, na produção de séries, como bem ilustrou a supracitada economista.

É nesse fluxo que os gostos definidos por Bourdieu (2013, p. 216) como “sistema de classificação constituído pelos condicionamentos associados a uma condição situada em determinada posição no espaço das condições diferentes” dependem do estado do sistema dos bens oferecidos. Assim, toda mudança no sistema de bens acarretará uma mudança de gosto de seu público. O inverso desse fenômeno também ocorre, pois se o público pender para outro tipo de obra, o mercado editorial certamente acompanhará essa tendência, produzindo, nos termos de Bourdieu (2013), “as necessidades correspondentes às novas disposições”.

Portanto, os produtores movidos pela lógica da concorrência e por interesses específicos associados à sua posição no campo da produção, pelo *habitus*, conduzirão esta ao produzir objetos distintos que encontrarão interesses culturais, oferecendo-lhes a possibilidade de satisfazer seus gostos.

Nesse caso, para o autor, o *habitus* é definido como sistemas de disposições duráveis, estruturas predispostas a funcionar como *estruturas estruturantes*, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem ser o produto da obediência a regras.

Conforme Bourdieu (1983, p. 61), a palavra disposição exprime o conceito de *habitus*, o resultado de uma ação organizadora, apresentando um sentido próximo ao de palavras tais como estrutura, designando uma maneira de ser, um estado habitual, uma predisposição, uma tendência, uma propensão ou uma inclinação. Assim, o *habitus* influi nas preferências, expectativas, valores, atitudes, comportamentos.

Neste caminho, poderemos pensar na escolha literária, ou no acesso à leitura nas camadas menos favorecidas, pois de acordo com o referido sociólogo, ao afirmar “não é para nós”, esses princípios inconscientes do *ethos*, disposição geral e transponível que, sendo o produto de um aprendizado dominado por um tipo determinado de regularidades objetivas, determina as condutas “razoáveis” ou “absurdas” (as loucuras) para qualquer agente submetido a essas regularidades.

De acordo com as *Orientações Curriculares do Ensino Médio* (BRASIL, 2006, p. 51), elaborado pelo Ministério da Educação:

Até há pouco tempo nem se cogitava a pergunta “por que a Literatura no ensino médio?”: era natural que a Literatura constasse do currículo. A disciplina, um dos pilares da formação burguesa humanista, sempre gozou de *status* privilegiado ante as outras, dada a tradição letrada de uma elite que comandava os destinos da nação. A Literatura era tão valorizada que chegou mesmo a ser tomada como sinal distintivo de cultura (logo, de classe social): ter passado por Camões, Eça de Queirós, Alencar, Castro Alves, Euclides da

Cunha, Rui Barbosa, Coelho Neto e outros era demonstração de conhecimento, de cultura. É bem verdade que muitas vezes os textos literários serviam apenas como objeto de culto; culto do estilo, do “bem escrever” e até mesmo do exagero retórico de alguns escritores; ou, então, apenas como suportes das análises sintáticas e morfológicas.

Percebemos nesse instrumento, elaborado pelo MEC (Ministério da Educação), que a familiaridade com algumas obras de determinados autores configurava um *status* social. Parafrazeando Pierre Bourdieu, um *habitus*, pois a arte da oratória e o bem escrever eram para poucos, principalmente em um país como o Brasil, que implantou a primeira universidade tardiamente em relação aos demais países da América Latina (GOMES, 2002).

Quanto aos critérios definidos nas *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* (Ibid), ao se referir às escolhas de obras literárias:

Geralmente esses livros são obras que já passaram pelo **crivo de leitores experientes**, como os das instâncias críticas responsáveis pela organização dos catálogos das editoras, ou pelas premiações, quando se tem acesso a seus resultados. Os percursos dos filtros passam também por **estratégias das editoras** no contato direto com os **possíveis mediadores**, que se faz no exercício diário de seus divulgadores, em peregrinação pelas escolas da cidade. Ainda antes de chegarem aos leitores alunos, em **algumas instituições, os livros passam pelo crivo mais apurado de bibliotecários e professores**, para, só depois de avaliados, serem repassados aos alunos. Portanto, quando se coloca a questão das **escolhas** e das **preferências dos jovens leitores na escola**, não se pode omitir a **influência de instâncias legitimadas e autorizadas**, que, contando com seus leitores consultores para assuntos da adolescência e da infância, já **definiram** o que deve ser bom para jovens e crianças, em sintonia com resultados de concursos, **avaliações de especialistas, divulgação na imprensa**, entre outros setores que se integram ao movimento do **circuito da leitura na sociedade**. Também não se pode esquecer que algumas dessas instâncias legítimas e autorizadas podem estar **a serviço de um rentável mercado editorial**.

Enfim, todo esse aparato, para o bem e para o mal, é colocado em funcionamento, sobretudo por se tratar de aplicação de recursos orientados para a compra de livros, responsável pela composição de acervos de bibliotecas (BRASIL, 2006, p. 62, grifo nosso).

Nessa relação de quem define o cânone literário, elaborou-se uma síntese (Diagrama 1) dessa *estrutura estruturante* quanto ao acesso desse tipo de obra literária, definições que passam desde *Orientações curriculares* do Ministério da Educação até à crítica literária:

Diagrama 1- Estrutura estruturante do cânone literário



Fonte: MOUSQUER, 2015

Quando um indivíduo declara que leu determinada obra literária, por exemplo, o sociólogo Pierre Bourdieu (1991) declara que o estudo sobre problemas de gosto é difícil de realizar porque a relação de pesquisa é uma relação social, e a pessoa interrogada tem uma ideia do *status* social do pesquisador que a interroga. O interrogado tem medo de ser julgado pelo interrogador sobre seus gostos, suas preferências. A solução para esse caso, segundo o autor, seria-nos dedicarmos mais às práticas desses sujeitos do que nos determos apenas em suas declarações.¹⁶

Outro exemplo dado pelo pesquisador francês foi o de um pequeno comerciante, considerado vulgar pelas normas dominantes, que se distingue porque é diferente dos outros. A ideia central para compreender esses fenômenos muito complicados é que existe um espaço de diferenças de acordo com muitos princípios, tais como sexo, raça, profissão, capital econômico, residência, país, províncias, espaço de diferenças que nos meios de consumo se traduzem em diferenças nas preferências manifestas.

Para Bourdieu, ao saber a origem de alguém, como sua profissão, seu nível de instrução e a profissão de seus pais, pode-se supor as categorias de gosto que este sujeito pode ter e as que não pode ter. Dito de outro modo: há uma predisposição, uma previsão, uma correlação das diferenças de gosto com as diferenças sociais.

¹⁶ Esse exemplo e suas considerações estão disponíveis em uma entrevista de Pierre Bourdieu disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=8h6iKrTW4Lk>. Acesso em: 30 jul. 2014.

Isso não significa que se está condenado a ter um gosto específico, mas a partir de uma postura determinada, têm-se gostos prováveis, há condições sociais de possibilidades para ter os gostos que se tem.

Por isso, segundo o autor, há a necessidade de se fazer uma sociologia reflexiva, pois todo conhecimento é condicionado pelo *habitus*, tanto dos agentes quanto do próprio pesquisador.

Sendo assim, para entender o porquê das escolhas literárias dos alunos pesquisados nessa dissertação, foi necessário pensar sobre o que está mediando esse processo: seria a família, a escola, os amigos?

1.4 Estudos culturais e teoria das mediações

Os estudos culturais, segundo Kellner (2001, p.39), “delineiam o modo como as produções culturais articulam ideologias, valores e representações de sexo, raça e classe na sociedade, e o modo como esses fenômenos se inter-relacionam”.

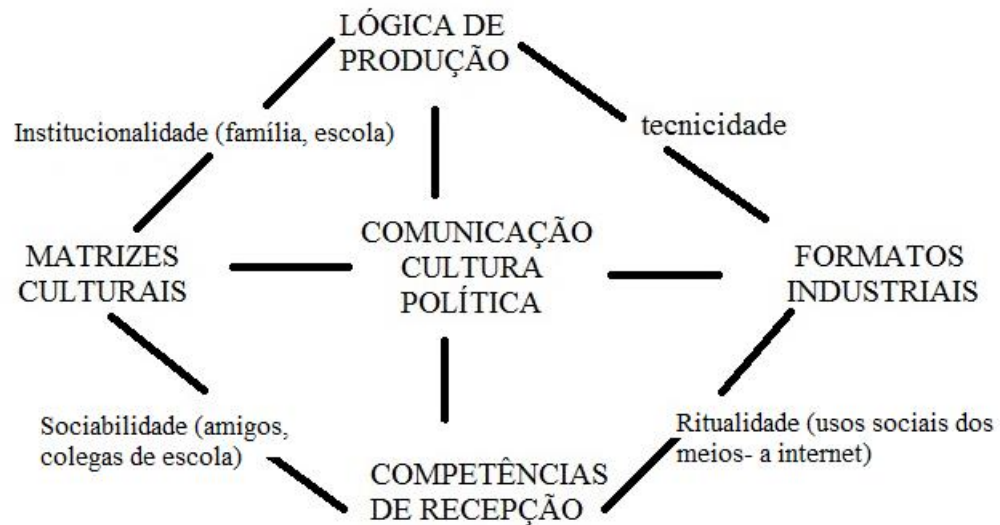
Nas investigações latino-americanas, um dos expoentes quanto à recepção midiática nesse tipo de pesquisa encontramos respaldo teórico na obra do filósofo hispano-colombiano Jesús Martín-Barbero. O pesquisador, ao utilizar o conceito *gramsciano* de hegemonia¹⁷, apresenta a comunicação a partir da cultura ao ilustrar um dos conceitos fundamentais da recepção: a mediação.

Para Martín-Barbero (2009, p. 261), “o eixo do debate deve se deslocar dos meios para as mediações, isto é, para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade das matrizes culturais”.

O referido autor trabalha com o seguinte mapa das mediações (Diagrama 2), traçando relações entre comunicação, cultura e política.

¹⁷ Segundo Moraes (2010, p. 54), Gramsci considera a hegemonia como “a conquista do consenso e da liderança cultural e político-ideológica de uma classe ou bloco de classes sobre as outras”. Fonte: MORAES, Dênis de. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 54-77, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/debates/article/viewFile/12420/8298>> Acesso em: 17 nov. 2014

Diagrama 2. Adaptação da representação gráfica do mapa das mediações



Fonte: MOUSQUER, 2015

Em relação às categorias a serem analisadas pelo viés teórico de Jesús Martín-Barbero, cabe aprofundar os termos a serem contemplados nesta análise, os quais foram adaptados para desenvolver o tema relacionado à mediação sociocultural e o gosto literário.

A *sociabilidade*, para Martín-Barbero (2009), é gerada na trama das relações cotidianas que tecem os homens ao juntarem-se. É, por sua vez, lugar de ancoragem da *práxis comunicativa* e resulta dos modos e usos coletivos de comunicação, da interpelação/constituição dos atores sociais e de suas relações (hegemonia/contra-hegemonia) com o poder.

A *institucionalidade* relaciona-se com meios empregados para a produção de discursos públicos, da parte do Estado, cuja hegemonia hoje se encontra paradoxalmente do lado de interesses privados. Como exemplo disso, poderíamos considerar as ações desenvolvidas pelo Ministério da Educação no Brasil, o qual investe recurso financeiro¹⁸ ao contemplar aquisições de acervo para as escolas, como o *Programa Nacional Biblioteca na Escola*, convocando

¹⁸ De acordo com o portal do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação) foi investido em 2013 nesse programa mais de R\$ 56 milhões de reais para escolas de ensino fundamental do 6º ao 9º ano e mais de R\$ 29 milhões de reais para escolas de ensino médio. Esses e outros dados poderão ser acessados em: <http://www.fnnde.gov.br/programas/biblioteca-da-escola/biblioteca-da-escola-dados-estatisticos> Acesso em 15 abr. 2015.

editores em seus processos licitatórios¹⁹. Além disso, devemos considerar como elemento básico dessa categoria, em tese, a primeira instituição socializadora de um indivíduo: a família.

Finalmente, a categoria *ritualidade* remete ao nexos simbólico que sustenta toda comunicação, ancorada na memória, seus ritmos e formas, seus cenários de interação e repetição. As ritualidades constituem gramáticas da ação, do olhar, do escutar, do ler, que regulam a interação entre os espaços e tempos da vida cotidiana e os espaços e tempos que conformam os meios.

Para o autor, as *ritualidades* remetem de um lado aos diferentes usos sociais dos meios, como o consumo produtivo que alguns jovens fazem do computador através do uso lúdico-evasivo. Ao contemplarmos essa categoria, acreditamos que ela poderá responder ao uso de blogs, *Instagram*, *Facebook* para obter informação sobre lançamentos de obras literárias.

De tudo que trabalhamos até aqui, ainda é necessário aprofundar a questão dos elementos que simbolicamente estruturam as relações desses indivíduos que integram em nossa visão o que denominamos nesse trabalho de *região humana*.

¹⁹ O edital de convocação para inscrição e seleção de obras de literatura para o programa nacional biblioteca na escola- PNBE 2015 está disponível em: < <http://www.fnde.gov.br/programas/biblioteca-da-escola/biblioteca-da-escola-dados-estatisticos>> Acesso em 05 set. 2015.

2 “REGIÃO HUMANA” E SUAS SINGULARIDADES

O termo *região humana* que se apresenta nessa dissertação é caracterizado pelas especificidades dessa região permeada por uma rede de relações, a qual compartilha as mesmas preferências literárias e um modo próprio de agir sobre suas escolhas, trazendo de forma simbólica uma proximidade entre esses leitores, ainda que estejam em locais geograficamente distantes.

Para isso, defendemos a definição de região de acordo com Pozenato (2003, p. 152), ao entender que “uma determinada região é constituída, portanto, de acordo com o tipo, o número e a extensão das relações adotadas para defini-la”, uma construção no sentido simbólico. Uma região, de acordo com esse autor (2001, p. 591), “[...] será melhor entendida se vista como simplesmente um feixe de relações a partir do qual se estabelecem outras relações, tanto de proximidade quanto de distância”.

Por sua vez, Berumen (2005) afirma que a delimitação territorial do fenômeno literário não necessita coincidir com o espaço geográfico, com as fronteiras econômicas ou políticas. Conforme o autor:

La región socio-cultural se reconoce a partir del conjunto de valores compartidos por los habitantes de un mismo territorio; por las formas de vida cotidiana que identifican a una comunidad y la distinguen de las demás por la existencia de un pasado histórico común: y, en fin, por todo aquello que da cuenta de la existencia de una identidad cultural y que se traduce en actitudes, tradiciones, costumbres, símbolos y creencias que son comunes a un grupo humano (BERUMEN, 2005, p. 56).²⁰

Além disso, segundo Santos (2009, p. 13), “as relações de regionalidades podem ser interpretadas como modalidades de relações sociais na acepção weberiana” e as pistas fornecidas por Geertz possibilitam interpretar uma ação social compartilhada por um grupo de indivíduos que se assemelham em vários aspectos, tais como gostos e atividades. Isto geraria a ideia de *região humana*, a qual forma uma espécie de elo que carrega a junção de cada integrante com suas especificidades, um modo de ser e agir nessa região cultural.

Paul Claval (2001) aprofunda essa temática definindo geografia humana sob o viés da cultura, compreendida por indivíduos que compartilham os mesmos códigos, facilitando as

²⁰ A região sociocultural se reconhece a partir do conjunto de valores compartilhados pelos habitantes de um mesmo território; pelas formas de vida cotidiana que identificam uma comunidade e a distinguem das demais pela existência de um passado histórico comum: e, enfim, por tudo aquilo que dá conta da existência de uma identidade cultural que se traduz em atitudes, tradições, costumes, símbolos e crenças que são comuns a um grupo humano (tradução nossa).

camaradagens, as alianças, as maneiras de se alimentar, de se vestir, seus ritmos. Para ele, cada indivíduo está ligado aos outros através de uma rede complexa de relações.

Há dois estilos de relações: aquelas estabelecidas entre parceiros iguais e aquelas segundo um sistema hierárquico. O primeiro estilo demanda uma confiança recíproca, um forte sentimento de pertencer a um grupo pelos laços estreitos e fortemente solidários, é uma fraternidade, uma comunidade. O segundo impõe razões funcionais, através de níveis hierárquicos de comando, como a autoridade de um chefe em relação ao grupo comandado, ou na relação entre professor e aluno.

O mesmo pesquisador buscou inspiração em Clifford Geertz (2008) ao mencionar que, para descrever uma cultura dita particular, devemos recorrer à descrição densa, contemplando seus recortes, sem perder o que faz a sua especificidade, uma forma de integrar algumas das singularidades desses grupos estudados. Segundo o geógrafo francês:

A cultura é o conjunto de práticas, conhecimentos, atitudes e crenças que não é inato: eles são adquiridos. Daí o papel central dos processos de transmissão, de ensino, de aprendizagem, de comunicação na geografia cultural: a natureza e o conteúdo da cultura de cada indivíduo refletem os meios através dos quais ele adquire as suas práticas e os seus conhecimentos: transmissão direta pela palavra e pelo gesto; utilização da escrita; utilização das mídias modernas (CLAVAL, 2011, p. 16).

Além disso, na visão dele, o lugar também é preponderante na transmissão e construção da cultura nos indivíduos, como as influências socializadoras através do capital cultural herdado e adquirido no círculo familiar, escolar, na rede de amigos, companheiros.

2.1 O capital cultural herdado e o adquirido

O enfoque proposto por Paul Claval encontra a mesma perspectiva abordada por Bourdieu ao se referir ao capital cultural herdado e o capital cultural adquirido do indivíduo.

Le capital culturel peut exister sous trois formes: à *l'état incorporé*, c'est-à-dire sous la forme de dispositions durables de l'organisme ; à *l'état objectivé*, sous la forme de biens culturels, tableaux, livres, dictionnaires, instruments, machines, qui sont la trace ou la réalisation de théories ou de critiques de ces théories, de problématiques, etc.; et enfin à *l'état institutionnalisé*, forme d'objectivation qu'il faut mettre à part parce que, comme on le voit avec le *titre colaire*, elle confère au capital culturel qu'elle est censée garantir des propriétés tout à fait originales (BOURDIEU, 1979, p. 3).²¹

Da mesma forma, Setton (2005), ao se referir à produção de Bourdieu acerca das diferenças escolares dos alunos em termos de capital cultural, apresenta a existência de uma relação estreita entre sucesso escolar e o perfil da família.

Apesar de haver variáveis, como diploma dos ascendentes, tipo de estabelecimento de ensino (público ou privado), modelo demográfico da família e trajetória social (ascendente ou descendente) do chefe do grupo familiar, juntamente com o sucesso escolar dos estudantes elas não são determinantes.

Devemos levar em conta fatores extraescolares, como os econômicos e culturais que poderão influenciar no desempenho e aproveitamento do estudante, principalmente o acesso a esses bens simbólicos dessas famílias, pois cada família transmite mais indiretamente do que diretamente esses bens que poderão contribuir nas atitudes de seus filhos diante do capital cultural e da instituição escolar.

Sob a mesma perspectiva, na obra *A distinção: crítica social do julgamento*, Bourdieu se refere à experiência e o saber mostrando o caso da família em que a música não é somente escutada, mas praticada. Isso terá no mínimo o efeito de produzir uma relação mais familiar com a música e que podemos inferir que a mesma relação com a pintura ou a leitura poderá ocorrer diferentemente daqueles que descobriram tardiamente essas práticas na atmosfera do museu ou da escola.

²¹O capital cultural pode existir sob três formas: *no estado incorporado*, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; *no estado objetivado*, sob a forma de bens culturais - quadros, **livros**, dicionários, instrumentos, máquinas, que constituem indícios ou a realização de teorias ou de críticas dessas teorias, de problemáticas, etc.; e, enfim, *no estado institucionalizado*, forma de objetivação que é preciso colocar à parte porque, como se observa em relação ao *certificado escolar*, ela confere ao capital cultural - de que é, supostamente, a garantia - propriedades inteiramente originais. (Tradução de Magali de Castro; Revisão técnica de Maria Alice Nogueira, grifo nosso)

Para o sociólogo Pierre Bourdieu (2013, p. 82):

A família e a escola funcionam, inseparavelmente, como espaço em que se constituem, pelo próprio uso, as competências julgadas necessárias em determinado momento, assim como espaços em que se forma o valor de tais competências, ou seja, como mercados que, por suas sanções positivas ou negativas, controlam o desempenho, fortalecendo o que é “aceitável”, desincentivando o que não o é, votando ao desfalecimento gradual as disposições desprovidas de valor [...]

Segundo o autor, a aquisição da competência cultural é inseparável da aplicação dos investimentos culturais, favorecendo o ajuste antecipado dessas possibilidades, o que torna por sua vez uma relação com a cultura. A competência específica, tanto na música, no teatro ou no cinema, “depende das possibilidades que os diferentes mercados -familiar, escolar, profissional- oferecem, inseparavelmente, para seu acúmulo, implementação e valorização, ou seja, do grau em que favorecem a aquisição desta competência” (BOURDIEU, 2013, p. 83).

Nesse caso, o *habitus*, “é o organismo do qual o grupo se apropriou e que é apropriado ao grupo, funciona como o suporte material da memória coletiva: instrumento de um grupo, tende a reproduzir nos sucessores o que foi adquirido pelos predecessores” (BOURDIEU, 2014, p. 125).

Além disso, a questão relacionada ao gênero, ainda que não seja a variável principal nesse estudo, foi contemplada pelo sociólogo demonstrando uma relação entre idade e escolhas literárias:

Em qualquer relação entre o capital escolar e determinada prática, apreende-se o efeito das disposições associadas ao sexo que contribuem para determinar a lógica da reconversão do capital herdado que será obtida a partir do mesmo capital de origem: de **preferência literário**, no caso de uma **moça**, e **científico**, no caso de um **rapaz**. [...] a relação de determinada prática com a idade pode esconder uma relação com o capital escolar, quando, pela idade, são identificados, de fato, modos diferentes de acesso à posição -pelo diploma ou pela promoção profissional- e/ou gerações escolares e possibilidades desiguais de acesso ao sistema de ensino (BOURDIEU, 2013, p. 100, grifo nosso).

O sociólogo francês Bernard Lahire (2006), por sua vez, na obra *A cultura dos indivíduos*, também dedicará uma parte de seu trabalho para destacar as influências socializadoras nas práticas culturais, desde a infância até a fase adulta, imprimindo marcas culturais nos perfis individuais. Essas influências, por exemplo, atividades culturais praticadas na infância, como a leitura, visita em museus ou a frequência ao teatro-concerto, farão com que

esses indivíduos tenham três vezes mais chances de ter ido ao museu ao longo dos últimos 12 meses do que aquelas que não vivenciaram tais atividades, apresentando uma forte correlação com o meio social de origem.

Em contrapartida, as mesmas pesquisas destacadas pelo sociólogo revelam índices não insignificantes em relação a essas mesmas atividades para aqueles que não vivenciaram essas práticas na infância, pois mesmo sem o estímulo do meio familiar quanto a essas práticas culturais, esses indivíduos têm a chance de viver em contextos culturais mais favoráveis que poderão influenciá-los a praticar tais atividades, como as influências socializadoras através de seus cônjuges, amigos, ou uma relação profissional que substituirá então essas socializações culturais ausentes na infância.

Esse ator plural, nas palavras de Bernard Lahire (2009, p. 2), nos mostra que esse indivíduo “é aquele em que o conjunto das práticas é irreduzível a ‘uma fórmula geradora’ ou a ‘um princípio gerador’ e acrescenta:

Um ator plural é um ator que nem sempre viveu no interior de um só e único universo socializador, de modo que é alguém que atravessou e frequentou, mais ou menos duravelmente, espaços (matrizes) de socialização diferentes (e, às vezes, socialmente vividos como altamente contraditórios) (Op. Cit.).

Da mesma maneira, a socióloga Maria da Graça Jacintho Setton, ao abordar o sociólogo francês Bernard Lahire, afirma que ter ou não acesso aos bens culturais não nos informa sobre as possibilidades de transmissão, não nos auxilia a compreender como se dá essa apropriação dos bens culturais, pois é necessário “observar várias situações em que algo se transmite, ou melhor, se constrói, sem nenhuma intenção pedagógica” (SETTON, 2005, p. 96).

Isso permite supor que “para compreender a apropriação da herança pelo herdeiro, é preciso prestar atenção às formas de transmissão e às maneiras como elas são percebidas pelos herdeiros” (SINGLY, 2009, p. 26).

O mesmo autor considera que essa “sociabilidade intergeracional é duas vezes menos frequente do que a sociabilidade entre amigos”, evidenciando que os herdeiros sentem necessidade de se distinguir dos que transmitiram a necessidade em ler (SINGLY, 2009, p. 18).

2.2 Família, escola, amigos: a sociabilidade dos indivíduos

Como se dá a relação entre família, escola e amigos na sociabilidade dos indivíduos? Segundo Strey (2002, p. 59), cada indivíduo, ao nascer, “encontra-se num sistema social criado através de gerações já existentes e que é assimilado por meio de inter-relações sociais”

O efeito da rede de sociabilidade sobre o perfil cultural perante dois indivíduos foi abordado em dois casos retratados pelo sociólogo Bernard Lahire. Ambos solteiros, fortemente diplomados, mas sem formação literária, que dependem das práticas e gostos dos outros.

Assim, Gilles, funcionário de um banco, informa que lê regularmente, devido ao seu trabalho, basicamente periódicos, jornais como *La Tribune e Investir*. Quanto à leitura de livros, faz quase um ano e meio que não os lê por “apatia”, alegando o cansaço profissional como justificativa ao considerar que prefere a televisão à leitura. O último livro lido foi um que ganhou de um amigo. Afirma que não lê literatura clássica desde o colégio, destacando que acha muito difícil, apesar de gostar da leitura, principalmente na escola, a qual apresentava uma explicação dessa obra. Também considera que, por gostar do tema de história, leu livros sobre o *Limousin*²², informando que talvez não tivesse iniciativa de ler, mesmo possuindo esse livro em casa, e que só o fez porque o encontrou na biblioteca.

Situação semelhante abordada pelo sociólogo Bernard Lahire é o caso de Cédric, engenheiro formado pela Escola Nacional de Pontes e Pavimentação. Oriundo de um meio familiar diplomado, mas de formação científica, não muito voltada à leitura, ele afirma que em sua família eles (seus familiares) não leem muito. Seu pai, por exemplo, raramente lê um livro a cada três ou quatro meses, não mais que quatro livros ao ano. O engenheiro afirma também que não é um leitor muito voraz, que é preciso que não tenha nada para fazer para poder ler. Ocasionalmente lê um livro sobre administração ou controle de qualidade em uma empresa, considera ser um pouco parecido com os livros clássicos que lia no colégio, porque não é por prazer e sim por trabalho.

²²Limousin é uma região da França.

Assim, segundo Bernard Lahire (2006, p. 422):

A imposição relacional pode assumir a forma da prática de acompanhamento, que é, na grande maioria dos casos, o acompanhamento de filhos (seus ou de pessoas próximas). Mães, pais, tias ou tios, avós ou avôs, amigos de casais com filhos, etc. também fazem saídas culturais para dar prazer às crianças (levá-las ao cinema, ao teatro, ao concerto, ao circo, a um parque de diversões ou a uma festa de feira, etc.). Os mesmos adultos podem igualmente, em situações ligadas à escola, acompanhar as crianças em seus esforços, apoiando-as ou ajudando-as (por exemplo, ler os textos literários que fazem parte do programa escolar para poder comentar com elas)

O pesquisador também destaca que vários entrevistados afirmaram que sentem prazer em dar prazer aos outros ou ver o prazer dos outros, ao se referir às práticas culturais sob influências tanto de amigos, cônjuges como as práticas de acompanhamento de crianças.

No entanto, essas práticas relacionais não impedem as pessoas de apreciarem, de descobrirem como é interessante ou de gostarem de produtos que individualmente não se voltariam espontaneamente em função de seu patrimônio individual de disposição cultural. É o mito da singularidade individual, afirma Lahire, pois tudo é construção em se tratando da questão do gosto, tanto literário, cinematográfico quanto musical.

Dessa maneira, na pesquisa abordada por Lahire em sua obra *A cultura dos indivíduos*, os dados apresentados concernentes à juventude -nem infância, nem vida adulta- evidenciam na análise de seus comportamentos que esses somente poderão ser compreendidos “situando-os em uma rede de relações de interdependência que é também uma rede de imposições e de influências mais ou menos harmônicas ou contraditórias” (2006, p. 424).

Na referida obra, o mesmo autor dedica um capítulo intitulado *A juventude é apenas uma palavra: a vida sob tripla coação*²³, no qual argumenta que, independentemente da origem social pertencente do público mais jovem (12 a 25 anos), esses jovens, em grande parte estudantes:

Vivem em regimes culturais de múltiplas imposições, mais ou menos interiorizadas sob a forma de hábitos e de gostos pessoais. Eles compõem seus programas culturais -de forma harmônica ou contraditória e tensa- basicamente em função de três grandes imposições: imposições (“pressões” surdas e difusas) do **grupo de companheiros** e, às vezes, de membros da fratria²⁴, geralmente fundadas em produtos da indústria cultural difundidos pelas mídias, para estar “na onda” e para participar de atividades comuns que não pertencem ao repertório de atividades classicamente legítimas (música e cinema jovem, discotecas, programas e séries de TV, jogos eletrônicos, etc); imposições da **escola** em matéria de práticas culturais legítimas (literatura, teatro, museus, ciências, etc); imposições culturais dos **país** (mais ou menos legítimas em função do capital cultural familiar) (LAHIRE, 2006, p. 42, grifo nosso).

O sociólogo chama a atenção para os dados dessa pesquisa conclusiva em que o peso se desloca entre o binômio escola-família. Da faixa etária dos 12 aos 14 anos, essas influências culturais se deslocam para os amigos (as). Dos 20 aos 25 anos para os namorados (as) ou cônjuges e oscilam dos 15 aos 19 anos, “entre as injunções escolares e familiares, de um lado, e o grupo de companheiros de outro” (Op. cit).

Segundo o autor, isso evidencia que as diferentes matrizes de socialização (grupos de companheiros, indústrias culturais e mídias dirigidas aos jovens, família, escola) funcionam como mercados culturais relativamente autônomos e mais ou menos contraditórios entre si ao longo dos anos, pois dependendo das atividades que elas promovem, nota-se uma queda ou um aumento dessas atividades (entre 12 e 25 anos) em relação a essas práticas, constatando que à medida que esses jovens vão se distanciando da família e da escola, essas instituições vão perdendo força para o grupo de companheiros ou de cônjuges.

²³Provavelmente o sociólogo Bernard Lahire se refere à entrevista concedida em 1978 por seu orientador Pierre Bourdieu o qual entende que a juventude ou a velhice não são dados, mas construídos socialmente, pois sempre seremos os jovens ou velhos de alguém. Essa entrevista foi realizada por Anne-Maire Métaillé, publicado no *Les Jeunes et le premier emploi*, Paris, também publicado na obra *Questões de Sociologia* pela editora Marco Zero em 1983.

²⁴A Sociologia da Família entende por fratria o “conjunto de irmãos e irmãs nascidos do mesmo pai e da mesma mãe”. Fonte: (SEGALEN, Martine. **Sociologie de la famille**. Paris: Armand Colin, 1993. p. 288).

Para Bernard Lahire (2006), a juventude somente poderá ser compreendida se entendermos que ela não é apenas uma palavra, mas sim uma condição de existência e de coexistência sob tripla imposição: família, escola, amigos/companheiros.

Em relação ao gosto pela leitura, o autor entende sua ocorrência a partir de um distanciamento em relação aos gostos da geração precedente, principalmente no que se refere ao gosto da mãe.

No artigo intitulado *A apropriação da herança cultural*, François de Singly (2009, p. 19, grifo nosso) acrescenta que:

Essa distância intergeracional é adquirida, é criada simbolicamente graças à crítica aos livros lidos pelo pai ou pela mãe: livros pouco legítimos pelo gênero (o romance água-com-açúcar, os livros de romance da editora *Harlequin e Duo*) ou pela rede de distribuição (France-Loisirs). A mãe é mais frequentemente visada do que o pai por essas declarações, porque ela se **encarregou mais dessa socialização**, bem como porque a lógica da distinção social parece mais fácil de ser empregada nos livros *femininos* do que nos livros *masculinos*. A existência desses livros e dessas redes de distribuição permite aos jovens que leem **se diferenciarem menos das outras pessoas de sua idade do que daquelas da geração precedente**. Isso ainda é mais fácil porque a metade dos universitários de hoje (segundo a pesquisa *Os jovens e a leitura*) tem um pai ou uma mãe que concluíram o ensino secundário e, portanto, porque existe uma distância escolar entre eles – ao menos em termos de validação institucional.

Nessa questão relacionada à leitura, a antropóloga Michèle Petit considera como peça chave a história de família, em que pesquisas confirmaram a importância da familiaridade com os livros, sua presença física nos lares, contribuindo de certa forma para que no futuro a criança se tornasse um leitor.

Ao aproximar a criança de experiências como a leitura em voz alta, a mistura entre inflexão da voz com as palavras proporciona à criança a possibilidade de tornar-se um leitor assíduo, diferentemente daquela que não escutou uma única história. Segundo a antropóloga, o que atrai a criança é o interesse dos adultos pelos livros, seu desejo e prazer por eles.

Mesmo em ambientes ditos conturbados, a antropóloga pode conferir essa prática em que famílias possuem o gosto bastante ávido pelos livros, transmitindo essa prática para as demais gerações.

Em sua obra *Os jovens e a leitura*, Michèle Petit encontrou diversos leitores, dos bairros franceses urbanos marginalizados até o meio rural, destacando que o exemplo dos pais é fundamental no que se refere à leitura.

Assim, por exemplo, a antropóloga entrevistou uma filha de agricultores que afirmou que sua mãe lia muito quando era jovem, e que a maioria dos jovens que leem viu ou ouviu alguém em sua família lendo durante a infância, mantendo essa tradição familiar.

No bairro urbano marginalizado, constatou que, nesse meio, tornar-se leitor também é uma história de família. Mesmo em casos nos quais haja pais que desconfiem dos livros, há aqueles em que essa prática é considerada digna, um pré-requisito para tornar-se sábio, culto, letrado, revelando a importância dada para a instrução e o provável sucesso das crianças, que nesse caso poderá ser considerado uma revanche social.

A autora (2009, p. 143) aborda que “se muitos adolescentes leem estimulados pelo desejo de seus pais, há outros que se tornam leitores ‘contra’ sua família, encontrando nessa atividade um ponto de apoio decisivo para elaborar sua singularidade”.

Estimulados por professores e bibliotecários -mediadores da leitura- Petit considera importante a ação de outras pessoas cumprindo o papel de “iniciadores” dos livros - até mesmo outro membro da família, como irmãos, avós, filhos - e acrescenta:

Quando um jovem vem de um meio em que predomina o medo do livro, um mediador pode autorizar, legitimar, um desejo inseguro de ler ou aprender, ou até mesmo revelar esse desejo. E outros mediadores poderão em seguida acompanhar o leitor, em diferentes momentos de seu percurso (PETIT, 2009, p. 148).

Em seu estudo, a referida antropóloga identifica nas entrevistas realizadas alguns exemplos de professores, e mais frequentemente de bibliotecários, que influenciaram o destino de alguns jovens. Tomemos alguns exemplos citados por ela:

Hava, jovem de origem turca, após morar por 10 anos na cidade de Istambul, sua família decidiu ir à França tentar a sorte. Porém, por não possuir fluência no idioma francês, pensou em abandonar seus estudos para trabalhar, como era a vontade de seus pais, e só não o fez por interferência de um professor que a aconselhou em continuar seus estudos. Ao longo de todo seu percurso escolar, ela encontrou apoio das bibliotecárias de seu bairro em tarefas como a correção de resumos em francês e os erros de gramática. Na biblioteca, a menina também trocava experiências, conhecimentos com outros usuários. Petit retorna a vê-la quando Hava já tinha 20 anos, cursando o último ano do ensino médio, e entre seus desejos estava o de ser professora.

Agora há outro exemplo dado pela mesma antropóloga: o de Zohra, cujo pai analfabeto era hostil à cultura letrada. Ela falava argelino, tendo de adaptar-se, pois falava mal o francês, porém era muito apegada aos professores. Para esta menina, os professores diferenciavam-se

dos adultos com os quais convivia em seu círculo familiar. Apesar de suas dificuldades, ela e suas irmãs conseguiram conquistar o direito de ir à biblioteca, um lugar especial que modificou sua vida, pois, segundo Zohra, esse lugar, além de proporcionar sair de casa, também oportunizava conhecer pessoas, ver coisas interessantes. Nessa troca, conheceu alguns bibliotecários, os quais sugeriam leituras. Aproximadamente aos 18 anos, após concluir um curso de secretária, foi convidada para substituir a secretária da biblioteca e, assim, decidiu tornar-se bibliotecária, formando-se de maneira autodidata para cumprir tal função.

Esses dois casos nos levam a supor, de acordo com Michel Maffésoli (1988), que o sentimento de identidade nasce de posturas que são escolhidas, de objetos dos quais rodeia, da maneira como se veste, dos esportes que se pratica, das músicas preferidas, e porque não dizer, dos livros preferidos, em uma conduta dada em uma rede de relações que poderá se dar entre o espaço local e o virtual.

Para Bourdieu (1983, p. 66):

A identidade das condições de existência tende a produzir sistemas de disposições semelhantes (pelo menos parcialmente), a homogeneidade (relativa) do *habitus* que delas resulta está no princípio de uma harmonização objetiva das práticas e das obras, harmonização esta própria a lhes conferir a regularidade e a objetividade que definem sua ‘racionalidade’ específica e que as fazem ser vividas como evidentes ou necessárias, isto é, como imediatamente inteligíveis e previsíveis, por todos os agentes dotados do domínio prático do sistema de esquemas de ação e de interpretação objetivamente implicados na sua efetivação e por esses somente (quer dizer, por todos os membros do mesmo grupo ou da mesma classe, produtos de condições objetivas idênticas que estão destinadas a exercer simultaneamente um *efeito de universalização e de particularização*, na medida em que elas só homogeneizam os membros de um grupo distinguindo-os de todos os outros)

As maneiras de ser desse grupo permitem inferir, como aponta Bourdieu (1983) ao se reportar ao sociólogo Emili Durkheim (1938), que o homem de hoje é o mesmo de ontem em proporções variáveis, no entanto não o sentimos porque ele está arraigado em nós inconscientemente.

Nesse quadro, como aponta o sociólogo Pierre Bourdieu, uma das inferências que permitem aprofundar a compreensão do modo como esse grupo se homogeneiza é justamente o de estar junto pelo capital cultural compartilhado, os mesmos interesses literários e o uso das redes sociais para se comunicar e obter informação sobre lançamento de obras literárias, vivências que permitem traduzir que essas regiões humanas específicas rompem barreiras geográficas e temporais.

2.3 Os usos sociais do meio: a ritualidade

O pesquisador hispano-colombiano Jesús Martín-Barbero (2006) aborda que a revolução tecnológica introduz em nossa sociedade muito mais que um simples acréscimo de máquinas, mas um novo modo de relação simbólica a partir desse evento.

O autor menciona o que F. Broncano destaca na relação com o espaço e com o lugar a partir das redes informáticas, uma nova configuração de movimentos de integração e exclusão, desterritorialização e relocalização.

Nessa linha de reflexão, o termo ciberespaço que se defende aqui é o que o filósofo Pierre Levy (2000, p. 92) define como “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”. O autor afirma, ainda, que:

Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais (LEVY, 1999, p. 127).

Nesse ciberespaço há o compartilhamento de crenças, ideias, valores de uma forma atemporal por diversos estratos sociais (DORNELLES, 2008) e essa nova forma de sociabilidade que rompe barreiras geográficas e temporais cria o que o sociólogo Antony Giddens (2012) denominará de rede.

Para esse pesquisador (2012, p 578), “Todas as conexões diretas ou indiretas que ligam uma pessoa ou grupo a outras pessoas ou grupos são consideradas pelos sociólogos como redes”. Redes que contenham pessoas que você conhece diretamente ou não, de diferentes classes sociais, etnias.

Para o mesmo autor:

Os grupos sociais são uma fonte importante para adquirir redes, porém, nem todas as redes são grupos sociais. Muitas redes não compartilham expectativas e sentido comum de identidade que são a marca dos grupos sociais. Por exemplo, não é provável que você compartilhe um sentido de identidade com os participantes de uma lista virtual, e provavelmente não conhecerá os vizinhos da maioria dos seus colegas do escritório, embora eles possam fazer parte da sua rede social (GIDDENS, 2012, p. 578).

As redes são formas antigas de práticas humanas. O também sociólogo Manuel Castells (2003) considera o fortalecimento destas pelo desenvolvimento da tecnologia da informação, em especial com o advento da internet que define a nossa era. Segundo o autor, “A galáxia da

internet” caracteriza-se culturalmente em quatro camadas: a cultura tecnomeritocrática, a cultura hacker, a cultura comunitária virtual e a cultura empresarial. Se abordará especificamente o terceiro elemento.

Segundo Castells (2003), as comunidades on-line tiveram sua origem semelhante aos movimentos contraculturais e aos modos de vida alternativos que apareceram na década de 60. No entanto, suas conexões enfraqueceram na medida em que as comunidades virtuais expandiram em tamanho e alcance.

Um dos valores compartilhados nessas comunidades virtuais é o que esse estudioso chama de “formação autônoma de redes”, isto é, “a possibilidade dada a qualquer pessoa de encontrar sua própria destinação na Net, e, não a encontrando, de criar e divulgar sua própria informação, induzindo assim a formação de uma rede” (2003, p. 49).

Esse pesquisador considera que as redes são formadas pelas escolhas e estratégias de atores sociais, de forma individual, familiar ou grupal e “a grande transformação da sociabilidade em sociedades complexas ocorreu com a substituição de comunidades espaciais por redes como formas fundamentais de sociabilidade” (CASTELLS, 2003, p. 107).

Segundo o autor, embora extremamente diversa em seu conteúdo, a internet e sua fonte comunitária é caracterizada pela comunicação horizontal, uma nova forma livre de expressão que a considera como a base para a formação autônoma das redes como um instrumento de organização, ação coletiva e construção de significado.

Para Castells, “a representação de papéis e a construção de identidade como base da interação on-line representam uma proporção minúscula da sociabilidade baseada na internet, e esse tipo de prática parece estar fortemente concentrado entre adolescentes” (2003, p. 99) e acrescenta:

As redes on-line tornam-se formas de ‘comunidades especializadas’, isto é, formas de sociabilidade construídas em torno de interesses específicos. Como as pessoas podem facilmente pertencer a várias dessas redes, os indivíduos tendem a desenvolver seus “portfólios de sociabilidade”, investindo diferencialmente, em diferentes momentos, em várias redes com barreiras de ingresso e custos de oportunidade baixos. Disso decorre, por um lado, extrema flexibilidade na expressão da sociabilidade, à medida que indivíduos constroem e reconstróem suas formas de interação social. Por outro lado, o nível relativamente baixo de compromisso pode gerar certa fragilidade das formas de apoio social (CASTELLS, 2003, p. 110).

O autor também menciona que a sociedade pós-industrial está cada vez mais baseada na informação e no conhecimento, em que novas tecnologias da informação estão integrando o

mundo em redes e este ser na sociedade informacional, este ator social se reconhece através de significados principalmente em determinado atributo cultural, por exemplo, as comunidades virtuais de fãs da série Harry Potter, autodenominando-se *potterhead*²⁵.

Em situação semelhante encontrada na tese de doutorado *Vida na rede: uma análise antropológica da virtualidade*, Jonatas Dornelles identifica nessa nova categoria de sociabilidade uma característica: encontro entre indivíduos desconectados espacial e temporalmente e nesse ciberespaço interagem no mesmo ambiente virtual uma “multiplicidade de pessoas, oriundas de diversos estratos sociais, com valores, crenças, tempos e espaços específicos, passíveis de ‘colisão’ nessa terceira forma de sociabilidade” (DORNELLES, 2008, p. 13).

Para esse pesquisador, a sociabilidade virtual é cultivada via internet, um tipo de movimento urbano que forma as comunidades virtuais, que podem sobreviver independentemente de estarem ligadas via internet.

A partir desses aparatos tecnológicos o filósofo hispano-colombiano Jesús Martín-Barbero, em sua obra *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia* (2009), propõe a descentralização do olhar dos meios para estender até a experiência da vida cotidiana.

Assim, por exemplo, a categoria ritualidade se refere à maneira como o produto midiático é consumido e as maneiras como os receptores fazem usos desses meios, como o uso do computador e os trajetos de leitura relacionados com a qualidade da educação, a memória étnica, de classe ou de gênero e os costumes familiares com a cultura letrada.

Para esse pesquisador, essa categoria medeia os *formatos industriais e as competências de recepção e consumo*, ligando objetos, lugares, processos. Sua mediação protagoniza a vida cultural e social dos indivíduos (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 152).

Para o mesmo autor, as ritualidades estão associadas às condições sociais do gosto e são marcadas por níveis de educação, condições de trabalho, característica étnica, hábitos da família (MARTÍN-BARBERO, 2001).

Hoje, a internet está mediando as relações desses atores sociais como a busca por informações e até mesmo a maneira de como atualmente os relacionamentos virtuais fazem parte de alguns indivíduos.

²⁵Segundo Amaro (2013) a alcunha “potterhead” começou a ser disseminada em fóruns criados por fãs para discutirem as obras da escritora J. K. Rowling. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/view/17824/11465>> Acesso: em 04 abr. 2015.

Na obra *Ofício de Cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura*, o pesquisador ainda considera que:

As ritualidades contemporâneas são arrancadas por alguns antropólogos e sociólogos ao tempo arcaico para iluminar as especificidades da contemporaneidade urbana: modos de existência do simbólico, trajetos de iniciação e viagens de ‘passagem’, serialidade ficcional e repetição ritual, permitindo assim entrever o jogo entre cotidianidade e experiências do estranho, ressacralização, reencantamento do mundo a partir de certos usos ou modos de relação com as mídias, entre inércias e atividades, entre hábitos e iniciativas do olhar e ler (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 232).

Para Martín-Barbero (2006), vivemos em um ambiente informacional cercado de vários saberes, dispersos na aprendizagem, descentrado do sistema educativo que ainda impera sob a forma da escola e do livro. Para ele, a escola está deixando de ser este espaço exclusivo do saber porque há outros canais que circulam tais saberes que, mesmo dispersos na rede, não impedem os jovens de terem com frequência um conhecimento mais atualizado do que seu professor em áreas como na Física ou Geografia.

Em suma, de tudo que se viu até agora através do viés sociológico sobre a leitura, as mediações sociais e os meios que são capazes de intermediar tais relações entre leitor e os diversos suportes informacionais, foi construído um passo a passo desta caminhada de pesquisa em busca de respostas para entender o que está implícito nas escolhas literárias desses alunos.

3 ESTUDO DE CASO: a caminhada da pesquisa

O interesse neste objeto de pesquisa surgiu da necessidade de investigar as escolhas literárias de alguns alunos matriculados nos cursos de ensino médio integrado do IFSUL, câmpus Sapucaia do Sul, os quais elegeram em um projeto de extensão, desenvolvido no ano de 2012 nessa mesma instituição, como *corpus* de leitura a literatura não acadêmica, como as obras *Harry Potter*, *Percy Jackson* e *Crepúsculo*.

Na construção desse objeto evidenciamos o estranhamento inicial sobre o fato de que alguns estudos, como *Retratos da Leitura no Brasil*, realizado pelo Instituto Pró-Livro (FAILLA, 2011), apresenta a falta de interesse em leitura de alguns indivíduos entrevistados nessa pesquisa, o que contradiz com o que foi encontrado no referido projeto de extensão.

Dessa forma, é inevitável que alguns questionamentos fizessem parte da base dessa investigação, pois questionar-se sobre as condições de possibilidade de leitura significa investigar, além das possibilidades em que se lê como na escola, a forma escolar do ócio, o tempo de ler, mas também as condições sociais em que são produzidos esses leitores (BOURDIEU, 2009).

Convém lembrar que esses leitores são tratados como agentes, não sujeitos, pois:

Atuam e que sabem, dotados de um senso prático [...], de um sistema adquirido de preferências, de princípios de visão e de divisão (o que comumente chamamos de gosto), de estruturas cognitivas duradouras (que são essencialmente produto da incorporação de estruturas objetivas) e de esquemas de ação que orientam a percepção da situação e a resposta adequada) (BOURDIEU, 1996, p.42).

Assim, tendo por base a perspectiva teórica da Sociologia da Leitura, o objetivo geral desse estudo foi investigar o porquê das escolhas literárias dos alunos ingressantes no ano de 2012 no Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSUL), câmpus Sapucaia do Sul.

3.1 Método, técnica e procedimentos

O método de pesquisa utilizado para o desenvolvimento dessa dissertação foi o estudo de caso, caracterizado em si na questão de pesquisa, principalmente se esta procura explicar alguma circunstância similar à “como ou por que um fenômeno social funciona” (YIN, 2006, p.4).

Como assinala o autor, esse tipo de pesquisa “permite que os investigadores foquem em um ‘caso’ e retenham uma perspectiva holística e do mundo real – como no estudo dos ciclos individuais da vida, o comportamento dos pequenos grupos [...]” (Ibid).

Como complemento para a realização desse estudo de caso específico - no caso da leitura - encontramos respaldo teórico em Olivier Donnat (2004). O autor sugere a utilização do recurso das entrevistas, pois a considera “muy apropiado cuando se quiere reconstruir historias de lectura, analizar las trayectorias de los individuos en cuanto lectores, los momentos y las razones de inflexión de sus recorridos o la relación íntima que pueden mantener con ciertas lecturas” (DONNAT, 2004, p. 65)²⁶.

Nesse contexto, as narrativas dos entrevistados pesquisados consistem em seguir o fio condutor da história de vida desses indivíduos, tratando de abordar a ligação entre as experiências vividas com as atitudes frente à leitura.

Além disso, de acordo com Donnat (2004), esse tipo de estudo é muito adequado devido à importância dos processos perpassados na infância até a fase adulta e que fazem com que alguém se torne leitor, como a descoberta de obras ou autores proporcionados pela convivência escolar, familiar, no grupo de amigos, ou como consequência de um encontro fortuito (Op. Cit.).

Para a realização desse trabalho, um dos instrumentos de coleta de dados utilizado foi a entrevista semi-estruturada. Aplicada aos alunos ingressantes no IFSUL (Instituto Federal Sul-rio-grandense), câmpus Sapucaia do Sul, no ano de 2012, ela perfaz 8% do universo dos participantes que responderam o questionário desenvolvido e aplicado especificamente para aquele projeto e que totalizou 112 questionários respondidos²⁷. É importante salientar que em nenhum momento houve aprofundamento deste tema, a não ser em relação aos dados quantitativos sobre as escolhas literárias destes indivíduos.

O outro instrumento de coleta de dados utilizado ocorreu sob a forma de questionário (modelo adaptado e proposto pelo sociólogo Pierre Bourdieu) (APÊNDICE A). Tanto esse instrumento quanto a entrevista (APÊNDICE B) foram aplicados no mesmo dia, no período entre dezembro de 2014 a março de 2015.

²⁶ “Muito apropriada quando se quer reconstruir histórias de leitura, analisar as trajetórias dos indivíduos enquanto leitores, os momentos e as razões de inflexão de seus recorridos ou a relação íntima que podem manter com certas leituras” (tradução nossa)

²⁷ O projeto de extensão mencionado está devidamente registrado na Pró-reitoria de Extensão do Instituto Federal Sul-rio-grandense disponível no seguinte endereço eletrônico: www.ifsul.edu.br/index.php?option=com_docman&task=doc Acesso em: dez. 2013

Para a aplicação do questionário, elaboramos um pré-teste, o qual foi testado antes da utilização definitiva do instrumento. Esse procedimento foi aplicado em alguns alunos matriculados no IFSUL, câmpus Sapucaia do Sul, no intuito de evitar falhas ao reformulá-lo, tendo em vista seu aprimoramento e melhor compreensão por parte dos leitores pesquisados. O referido questionário foi elaborado com instruções definidas e notas explicativas para que os informantes pudessem certificar-se do objetivo geral desta dissertação.

3.2 As condições encontradas para a realização da coleta de dados: do questionário à entrevista.

Desde o contato inicial com esses alunos, foi explicada a finalidade da pesquisa, seu objeto, relevância e a importância de sua colaboração, assegurando-lhes o caráter confidencial da entrevista e do questionário.

O local escolhido para a realização da entrevista e aplicação do questionário foi a biblioteca do câmpus, precisamente a sala de estudo individual. Nesse espaço seria possível criar um ambiente favorável para que os informantes ficassem à vontade para falar sobre as questões apresentadas, uma vez que se trata de um local calmo e era primordial que a entrevista não pudesse ser interrompida, porque poderia comprometer o andamento da coleta de dados caso os entrevistados se sentissem desconfortáveis com uma provável interrupção.

Richardson (2012, p.95) explica que “a escolha de um local adequado de pesquisa e a familiaridade do pesquisador com os membros do grupo são aspectos fundamentais da pesquisa qualitativa”. Além disso, o autor afirma que essa escolha deverá considerar a facilidade de comunicação com os entrevistados e a adequação dos meios de registro das informações.

A formulação das perguntas seguiu um roteiro preestabelecido, não padronizado, deixando os informantes livres para falarem sobre as questões apresentadas, mas também ajudando-os com outras perguntas, entrando em maiores detalhes caso fosse necessário. Foi feita uma pergunta de cada vez para não confundi-los. O registro das respostas se deu através do uso de um gravador com a anuência dos entrevistados maiores de idade ou da autorização de seus responsáveis.

Procurou-se “ler” inclusive a linguagem do corpo dos entrevistados, como gestos, atitudes, inflexões de voz, pois todos esses elementos eram importantes para depois cruzar essas impressões com a teoria proposta e desenvolvida nesta dissertação.

Ao término da entrevista, encerrou-se da mesma forma que se começou, em ambiente de cordialidade, para que, se necessário, fosse possível voltar e obter novos dados.

Segundo Marconi e Lakatos (2010), os requisitos importantes nas respostas das entrevistas devem atender algumas condições, como sua validade ao comparar a fonte externa com a de outro entrevistado, observando suas dúvidas, incertezas e hesitações. Sua relevância em relação aos objetivos da pesquisa, a especificidade e clareza como referência a dados, datas, nomes, lugares, a profundidade da entrevista em relação aos sentimentos, pensamentos e as lembranças dos entrevistados.

3.3 Aplicação e discussão dos resultados

Primeiramente, é importante destacar que essa análise teve como base o fio condutor do antropólogo Clifford Geertz em que procuramos transcrever e analisar as trajetórias de leitura desses oito leitores, mas salientamos que é uma interpretação de segunda, terceira mão, porque somente o nativo poderá interpretar em primeira mão a sua própria cultura.

Também buscamos perceber a particularidade do caso diferente, como um dos indivíduos entrevistados que não possui incentivo em casa para ler. Mas, ao contrário, essa atitude é vista como uma afronta porque gerará uma despesa, segundo um dos entrevistados, ao se referir à postura adotada por parte de sua mãe.

Diante disso, utilizamos essas particularidades para aprofundar a análise, pois “Ao cruzar dados, comparar diferentes tipos de discursos, confrontar falas de diferentes indivíduos sobre a mesma realidade, constrói-se a tessitura da vida social em que todo valor, emoção ou atitude está inscrita” (FONSECA, 1999, p. 64).

A partir deste ponto, iniciamos a pesquisa com a aplicação dos questionários com o objetivo de coletar dados socioeconômicos desses leitores para interpretar e fazer o cruzamento entre o capital cultural herdado e o adquirido desses indivíduos, elementos propostos por Pierre Bourdieu.

Buscamos entender quem escolhe o que, a trajetória de cada entrevistado, as prováveis influências familiares, escolares ou de amigos em suas escolhas literárias. Em suma, o que poderia determinar ser ou não leitor e que tipo de obra seria a escolhida, o motivo de suas escolhas, traçando esse indivíduo enquanto leitor no tecido social.

Então, mediante esses dados coletados, os questionários e as entrevistas, formulamos quadros, projetamos diagramas e cruzamos variáveis. Todas essas “partículas” eram importantes.

Para pensar os problemas analíticos de nosso campo, precisamos entender que existem processos em jogo, principalmente na questão familiar, que dita diferenças entre um caso e outro. Por exemplo, ao entrevistar indivíduos que ainda não são adultos, necessitamos da autorização por escrito de seus responsáveis para obter seu consentimento para a realização da entrevista. Da mesma forma, tivemos o cuidado de salientar para eles que seu anonimato seria preservado, pois em muitos momentos, principalmente antes de iniciar a entrevista, era possível perceber que nossos interlocutores ficavam desconfortáveis com a explanação sobre o que pretendíamos com a pesquisa.

O diário de campo transcrito abaixo foi enriquecido com as questões respondidas pelos oito indivíduos através do questionário aplicado antes da entrevista, pois segundo Malinowski, na introdução de *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia* (1978), além do diário de campo, dados censitários do território são importantes para o aspirante à etnógrafo.

Esses dados foram extraídos a partir da aplicação do questionário (Apêndice A), que foi elaborado com base na adaptação desse instrumento, aplicado na França na década de 70 pelo sociólogo Pierre Bourdieu. O propósito desse questionário foi tentar responder ao primeiro objetivo específico dessa dissertação: levantar informações sobre dados socioculturais e econômicos dos indivíduos do estudo.

Então, vejamos o que foi encontrado: a localização dos indivíduos, em sua maioria, está concentrada basicamente na cidade de Sapucaia do Sul, com exceção de dois, que moram na cidade de São Leopoldo e em Esteio. Essas localidades ficam próximas da cidade onde está situado o IFSUL. Sete indivíduos pertencem ao sexo feminino e um do sexo masculino. Cinco estão com 18 anos, dois com 19 anos e um com 17 anos.

A escolaridade de seus pais corresponde basicamente à formação do ensino superior. Inclusive, cinco desses indivíduos possuem pais com curso de pós-graduação em áreas como Jornalismo, Analista de Sistemas, Letras.

Sua renda familiar em grande parte está concentrada na faixa entre dois a cinco salários mínimos, com exceção de dois indivíduos que afirmaram que seus pais possuem renda familiar entre cinco salários mínimos e dez salários mínimos.

Nesse caso, sobre a relação entre a escolarização e a renda familiar, o sociólogo Pierre Bourdieu (2014, p. 124) afirma:

A propensão das famílias e crianças escolarizadas a investir dinheiro, esforços e esperanças no sistema escolar, tende a *reproduzir* (nos dois sentidos) a relação objetiva entre a classe de agentes em questão e a instituição escolar que se exprime concretamente através de índices práticos, tal como a presença no universo familiar (família restrita ou extensa, “relações” de vizinhança ou de trabalho) dos secundaristas ou universitários, dos *bachelier* ou *licenciers*.

Foi enquadrado nessa moldura que analisamos o quarto objetivo específico através das categorias institucionalidade, sociabilidade e ritualidade ao cruzá-las com as entrevistas e os questionários aplicados, dos quais extraímos os dados socioculturais de nossos interlocutores.

3.4 A família *versus* escola: um caminho para a leitura traçado desde cedo? A categoria institucionalidade

Para sabermos sobre as trajetórias de leitura destes alunos que percorresse o caminho traçado desde a infância até o tempo presente, procuramos delinear no decurso de suas entrevistas os acontecimentos relacionados com a leitura através da mediação com sua família e a escola. A primeira é considerada por Setton (2002, p. 111) “como um importante elemento na determinação dos destinos pessoais e sociais, nas trajetórias educacionais e profissionais dos sujeitos”. A segunda, “com poucas discordâncias, desde as reflexões de Durkheim (1947) até hoje (Nóvoa,1991), a escola sempre foi vista como responsável pela transmissão de um saber consagrado, útil para a manutenção de uma ordem baseada na divisão do trabalho social”.

Em vista disso, o que percebemos quanto à leitura é que através do *habitus* dos predecessores, esse gosto foi construído, passado dos pais para seus filhos, em especial na figura materna. Atitudes aparentemente simples como quando se compra livros para as crianças, ou quando esse pai/mãe proporciona a seu filho estudar em uma escola que disponibiliza em sua estrutura uma biblioteca atuante que possa “despertar” o interesse pela leitura, desde a tenra idade, como podemos conferir nos relatos dos entrevistados investigados nessa dissertação.

O *habitus* é capaz de ser apropriado pelo grupo funcionando como suporte da memória deste. No caso da leitura, a tendência é reproduzir nos sucessores aquilo que foi produzido pelos predecessores. Além disso, “o *habitus*, como relação herdada de uma herança, é a raiz comum de práticas que não podem auferir sua coerência de um projeto consciente” (BOURDIEU, 2014, p. 126) como é o caso em que alguns entrevistados afirmaram que juntamente a seus pais

frequentavam as feiras de livro locais ou regionais, como podemos conferir no quadro 1 que trata da frequência em algumas atividades de leitura.

Quadro 1- Frequência em atividades de leitura

Entrevistados	Saraus literários	Feira do livro	Grupos de leitura	Projetos de extensão
Entrevistado 1	Nunca	Sempre	Nunca	Nunca
Entrevistado 2	Nunca	Raramente	Nunca	Nunca
Entrevistado 3	Nunca	Nunca	Nunca	Nunca
Entrevistado 4	Nunca	Raramente	Nunca	Nunca
Entrevistado 5	Raramente	Sempre	Nunca	Raramente
Entrevistado 6	Raramente	Sempre	Raramente	Sempre
Entrevistado 7	Nunca	Sempre	Nunca	Nunca
Entrevistado 8	Raramente	Sempre	Nunca	Sempre

Fonte: MOUSQUER (2015)

Podemos inferir que uma das atividades de leitura mais frequentadas é a feira do livro, verificável na resposta de cinco entrevistados que afirmaram sempre frequentar esse tipo de atividade, enquanto dois disseram raramente e um nunca frequentar. Entre os entrevistados que afirmaram frequentar a feira do livro, um deles informou que seu pai sempre que podia levava essa entrevistada (8) nessa atividade em Porto Alegre e comprava livros para ela: “ele [pai] vai à feira do livro e **sempre** compra vários [livros] e ele dá para a gente ler”, ao se referir a outra irmã que também lê muito. A mesma entrevistada comenta “A minha irmã gosta muito de ler. A gente compra os livros e divide entre si, um pouco de cada ou pega na biblioteca e agora eu compro meus próprios livros e eu gosto de ter meus próprios livros”

Porém, segundo Bourdieu, o fato da família possuir e passar seu capital cultural não é um fator determinante, mas sim, uma maior propensão para que em uma família que compre livros para seus filhos, leia para eles antes de dormir, ou que apenas o filho se acostume vendo seus pais lendo, esses herdeiros tenham uma maior probabilidade de serem leitores ao longo de suas vidas.

Diferentemente dessa situação, tomemos o caso da entrevistada 3 que vive em uma família que sequer possui essa prática, e muito pelo contrário, combate com maus olhos o fato da filha comprar livros.

Passo-lhe a palavra:

Minha mãe não incentiva muito a ler, porque para ela não tem importância alguma, daí até eu comprei um livro, e ela perguntou “por que você comprou esse livro???? agora eu vou ter que pagar o livro”. Então para ela não faz diferença nenhuma.

A referida entrevistada afirma de uma forma um pouco reticente o fato de que seus pais nunca compraram um livro para ela. A mudança ocorreu através do setor da biblioteca da escola do IFSUL porque ela se questionou o fato de que a maioria da sua turma lia, então porque ela não lia? Foi então que resolveu ir à biblioteca e pegar seu primeiro livro, *Melancia*, da autora Marian Keyes²⁸, e não parou mais. Essa situação nos convence de que a rede de sociabilidade de seus pares foi mais influente que sua família, instituição que, em tese, proporciona as primeiras socializações, mas que não soube considerar sua devida importância nesse processo de incentivo à leitura.

Assim como na entrevista 3, encontramos relato semelhante na fala da entrevistada 7, à qual passo a palavra:

Quando eu era criança eu não tinha muito incentivo dos meus pais para ler, quer dizer, eu tinha os livrinhos pequeninhos, aqueles de literatura, mas não era aquele negócio de ler com frequência, tipo “os pais liam para mim”, não, **eu lia lá quando eu [es] tava afim, eu lia mais no colégio assim....** eu lia mais no colégio, quando levava as historinhas e tal. Então eu meio que não desenvolvi esse **costume** de ler, toodo dia sabe, porque eu **acho que faltou um pouco de influência em casa**. E daí eu comecei a ler mesmo mais por **obrigação mesmo do colégio**, e daí eu leio os livros que me interessam mas eu não tenho aquela coisa tipo “ai” tô sempre lendo alguma coisa (grifo nosso).

Para ela, tudo é uma chatice, acredita não gostar de ler porque não teve influência em casa. Somado a isso, de acordo com a entrevistada, a escola lhe proporciona uma leitura obrigatória nos conteúdos desenvolvidos pelos docentes que ministram disciplinas de Língua Portuguesa ou Literatura no câmpus Sapucaia do Sul.

Percebemos nesse caso uma trajetória marcante enquanto leitor em formação, desde a infância até agora com seus 17 anos. De acordo com Lahire (2002), seu gosto pode variar dependendo de sua posição no espaço social- filha, estudante-, nesses papéis sociais.

²⁸É uma escritora irlandesa. A temática predominante em suas obras concentra-se no universo feminino.

Acreditamos que as instituições familiares e escolares não souberam cativar esse indivíduo quanto à questão da leitura. Mesmo a entrevistada afirmando que possuía livros quando era criança, esses materiais pouco importaram sem a devida mediação por parte de um familiar. Experiências marcantes na infância talvez pudessem reverter esse quadro desenhado por ela, como é o caso do filósofo Jean-Paul Sartre que, de forma memorialística, na obra *As palavras*, publicada em 1964, afirma sua ligação com os livros: “comecei minha vida como hei de acabá-la, sem dúvida: no meio dos livros” (SARTRE, 1964, p. 30).

Suas lembranças caminham entre o espaço destinado à biblioteca, o gabinete de seu avô repleto de livros, os quais eram tratados como verdadeiras relíquias, sequer era permitido espaná-los, exceto uma vez ao ano antes do reinício das aulas. Sartre constata que mesmo sem saber ler já reverenciava os livros, sentia que a prosperidade da família dependia daquelas obras.

Na demonstração de amor de Anne-Marie a seu filho Sartre, ela começa a adquirir em uma banca de revista fascículos de várias peças como Cri-Cri, L'Épatant, Les Vacances, Les Trois Bou-scouts de Jean de Lahire e A volta do Mundo em Aeroplano de Arnould Galopin. Nas palavras de Sartre, sua mãe começa a procurar obras que pudessem devolver a infância a Sartre, assim irá atribuir às caixas mágicas, referindo-se à coleção Hetzel, como seu primeiro encontro com a beleza e questiona: “isso era ler? Não, mas morrer de êxtase, assim o menino Sartre embrenha-se em leituras “proibidas” no santuário da biblioteca, “dessas revistas e desses livros extraí minha fantasmagoria mais íntima: o otimismo” (SARTRE, 1964, p. 56) e ainda afirma:

Minha verdade, meu caráter e meu nome estavam nas mãos dos adultos; aprendera a ver-me com os olhos deles; eu era uma criança, este monstro que eles fabricam com suas queixas. Ausentes, deixavam atrás de si o olhar, misturado à luz; eu corria, eu saltava através deste olhar que conservava minha natureza de neto modelo, que continuava a me oferecer meus brinquedos e o universo (SARTRE, 1964, p. 61).

De acordo com Horellou-Lafarge (2010), é no seio da família no século XX que se realizam as primeiras aprendizagens da leitura para que, aos poucos, ela possa “habituar-se” ao escrito ocupando espaço em seu cotidiano, em grande parte proporcionado por histórias lidas para elas por seus pais, em especial, na figura materna.

Apresentamos o caso do escritor Caio Ritter²⁹ (2009, p. 13), que experienciou relação maternal semelhante à vivenciada pelo filósofo Jean-Paul Sartre:

Não nasci em uma família leitora, pelo menos não em uma família convencional de leitores, do tipo que se imagina quando tal ideia vem à mente: biblioteca farta, momentos de leitura em conjunto, saraus na sala, livros espalhados pela casa, livros e mais livros, sempre. Não, minha família não era, e nem nunca foi, o estereótipo de família leitora. Nem biblioteca tínhamos. Sequer uma estante com livros para a criançada ler. Aliás, tive poucos livros em minha infância. **Mas tive uma mãe contadora de histórias.** E mães (pais também) contadores de histórias são verdadeiras dádivas na vida de seus filhos (grifo nosso).

Caio Riter nos mostra que não basta ter o suporte material sob a forma de livro em casa ou na escola. O diferencial foi a mediação de leitura proporcionada por sua mãe que lia para ele. Nesse caso, a instituição família foi preponderante, e de certa forma determinante, em conduzir sua trajetória de leitura através das histórias contadas por sua mãe.

Parafraseando Lahire (2006), tanto o filósofo Jean-Paul Sartre quanto o escritor Caio Riter receberam a herança imaterial, a herança das disposições, das competências e das apetências adequadas que Pierre Bourdieu considera como bem simbólico apropriado através do *habitus* que influenciará em suas preferências. Essas disposições são internalizadas, rotinas mentais e corporais em que o indivíduo age sem pensar, sem ter consciência que sua ação está diretamente relacionada com essas estruturas sociais internalizadas. Para o sociólogo Pierre Bourdieu, essas ações não ocorrem mecanicamente, mas sim, por meio de diretrizes herdadas da socialização.

Aliás, é isso que percebemos nos relatos de vários entrevistados, pois muitos deles afirmaram que seus pais ora compravam livros, ora liam para eles ou apenas liam desinteressadamente. Uma forma que segundo Bourdieu não existe, essa forma desinteressada, pois tudo é intencional, mesmo sem ser consciente, como podemos conferir a seguir na fala de um dos entrevistados.

A entrevistada 1 é estudante do terceiro ano do curso Técnico em Informática e sua mãe é jornalista. Disse que se lembra da infância em que sua mãe lhe trazia vários “livrinhos” para ler. Peço para que ela conte um pouco sobre sua trajetória enquanto leitor, dando liberdade para que este indivíduo possa se expressar, sem pressão por parte do pesquisador. Contextualizo a

²⁹ O escritor Caio Riter nasceu em Porto Alegre. É professor, mestre e doutor em Literatura Brasileira. Autor de vários livros com os quais recebeu alguns prêmios como Açorianos, Barco a Vapor, Orígenes Lessa e Selo Altamente Recomendável da Fundação Biblioteca Nacional, entre outros.

pesquisa inicial do projeto de extensão, a qual a entrevistada 1 havia participado no ano de 2012.

Desde sempre, quando eu era pequeninha. Quando tinha 8 anos já comecei a comprar os “quitizinhos” de livros mais para o público infantil mesmo, e a partir daí eu já fui desenvolvendo o gosto pela leitura. Meus pais também sempre me davam livros, a escola também ajudava, porque eu estudava em Novo Hamburgo [cidade], e lá tem a feira do livro, que é bastante forte na região.

Além disso, a entrevistada menciona a importância da biblioteca enquanto mediadora de leitura em sua vida, como podemos conferir em sua fala:

A escola tinha biblioteca. A biblioteca para mim é um lugar muito importante, principalmente a biblioteca da escola [IFSUL] porque a gente pode buscar [livros] no meio da aula, no intervalo a gente pode buscar o livro, e..... [pausa], depois comecei a comprar livros, quando identificava que a escola não tinha um livro que eu queria, pedia para a minha mãe, pedia de aniversário, **de presente pedia livros**, também já comecei a criar minhas coleçõeszinhas pequeninhas (grifo nosso).

O que essa entrevista mostra nos dá a verdadeira conotação desse setor, em tese considerado como suporte ao ensino, pesquisa, extensão, mas que nesse relato evidenciamos algo a mais. Sua devida importância está em proporcionar a esse e outros usuários o que Petit (2009) considera como “espírito do lugar”. Tanto bibliotecários quanto professores podem ser transmissores de relatos, conhecimentos, palavras, imagens a partir dos quais os jovens veem o mundo. Segundo a antropóloga, por exemplo, um simples diálogo no momento da devolução de um livro poderá às vezes contribuir para mudar um destino.

Semelhante ao relato dessa entrevistada, vemos a importância do capital cultural herdado proporcionado a esses indivíduos, sua proximidade com o mundo dos livros provavelmente contribuiu para essa relação com a leitura. É o que podemos conferir na fala do entrevistado 2, também estudante do curso Técnico em Informática que, na época da entrevista, estava com 18 anos:

Então eu acho que eu sempre li desde pequena, minha mãe sempre me incentivou bastante a ler, inclusive foi ela que me ensinou a ler de verdade, não foi na escola que eu aprendi, aprendi com ela. Então eu sei ler desde os 6 anos de idade. Ela [mãe] sempre me deu livrinhos, desde criança, desde a escola, eu sempre li bastante. Desde que eu me lembro, eu sempre li. Eu sempre gostei muito de ler, é um dos meus hobbies na verdade.

Também temos o caso do entrevistado 4, e mais uma vez o ator principal como mediador de leitura é a mãe: “Eu já gostava dos filmes do Harry Potter desde criança, desde os anos 2000, e recentemente eu recebi toda a coleção de livros do Harry Potter da minha mãe” afirma o entrevistado citado.

O referido entrevistado também afirmou que sua mãe recentemente o presenteou com a coleção de *Assassin's Creed*³⁰ e *Aragon*³¹, afirmando que foi nesse momento que se interessou por literatura, pois antes tinha lido literatura infantil e livros acadêmicos.

Mas, e a escola nesse processo? Vejamos o mesmo entrevistado e a influência de um docente.

Além das historinhas de gibi que eu lia bastante, havia os livrinhos de três ou quatro páginas, com ilustrações, quando eu comecei a ler mais foi por causa de um professor meu, da 4ª série, em que ele me deu, quatro volumes de livros de história e geografia, e foi aí que eu me interessei por ler pela motivação acadêmica. Eu lia muitos livros de história principalmente, assunto da segunda guerra mundial, que me interessa bastante. Ali foi quando eu comecei a ler mesmo, depois de um tempo, eu li todo o volume da oitava série, na época eu estava na quarta série, então eu cheguei sabendo um pouco mais [na oitava série].

Em relação a essa questão, o segundo objetivo específico para o desenvolvimento dessa dissertação foi verificar as leituras exigidas pelos docentes no câmpus Sapucaia do Sul. Com as respostas dos entrevistados, elaboramos o segundo quadro a partir de dados extraídos do questionário e da entrevista:

³⁰ *Assassin's Creed* é uma série de videogames de ação-aventura e de ficção histórica com elementos de ação, que são jogados num ambiente de mundo aberto.

³¹ Primeiro volume da ‘Trilogia da Herança’ do escritor norte americano Christopher Paolini. A obra narra a história de um jovem fazendeiro, que, após encontrar uma pedra azul transportando uma cria de dragão sua vida é transformada por diversos acontecimentos. Inspirado em J.R.R. Tolkien, que criou idiomas para os diálogos de seus personagens, Paolini utiliza o norueguês medieval para a linguagem de alguns personagens como dos elfo e dos anões.

Quadro 2- Obras solicitadas pelos professores

Entrevistados	Respostas
Entrevistado 1	Obras específicas para sua disciplina (como Geografia e Literatura brasileira)
Entrevistado 2	O professor não solicita a leitura de obras literárias
Entrevistado 3	Memórias de um sargento de milícias
Entrevistado 4	Contos literários
Entrevistado 5	Contos Amazônicos, Iracema, Memórias de um sargento de milícias, Memórias póstumas de Brás Cubas
Entrevistado 6	Memórias póstumas de Brás Cubas, Iracema
Entrevistado 7	Literatura Brasileira
Entrevistado 8	Iracema, O tempo e o vento

Fonte: MOUSQUER (2015)

Dessas respostas, conferimos que a grande maioria, cerca de 90% do corpo docente, solicita obras literárias de autores como Érico Veríssimo, José Alencar, Machado de Assis, entre outros. Esses autores geralmente figuram como leitura exigida em seleções de vestibulares como na UFRGS ou na UFSM.

Em outro relato encontramos essa mesma cobrança, conforme afirmação da entrevistada 6:

Desde a infância meus pais costumavam comprar aqueles livros que tipo vinha a Bela Adormecida, Os sete anões, e toda aquela coleção, os meus irmãos tinham aqueles de carrinho, foram os primeiros contatos com a leitura, tirando os livros da escola, que todo mundo estudava no [escola] Marcos Vinícius, [uma escola pública], tinham também as leituras obrigatórias, mas lá era diferente daqui do câmpus Sapucaia, **porque tu podia escolher a obra, era mais para incentivo, e aqui é mais para ti poder aprender, saber um pouco mais, acaba sendo mais intensivo até porque as idades e os graus são diferentes** (grifo nosso).

E assim como a entrevistada 6, a entrevistada 1 também afirma situação semelhante sobre as possibilidades de escolhas literárias oferecidas pelas escolas, tanto pública quanto particular:

Quando eu fui para a 8ª série eu mudei também de escola, fui para uma escola particular, e lá na escola eles tinham um programa pelo qual os alunos pediam livros que queriam e duas vezes por ano a escola comprava esses livros em grande quantidade, supria **a necessidade dos alunos**, isso era muito bom porque os alunos podiam pedir o livro que **realmente eles queriam ler, não só os livros que a escola comprava sempre, mas também aqueles que os alunos gostassem então**. Os alunos buscavam mesmo coleções como Percy Jackson, Harry Potter, enfim, livros que os alunos **realmente quisessem** (grifo nosso).

Vemos nesses dois casos que, para esses estudantes, os professores ou a escola oferta livros que não condizem com sua preferência e, quando estes alunos têm de ler o que o professor solicita, ocorre situação semelhante com os relatos descritos abaixo pela entrevistada 2 e entrevistada 7 respectivamente.

Os livros que os professores pedem são bem específicos para as disciplinas deles, eu gosto mais de literatura, mesmo que a professora, ela é mais para literatura brasileira, e eu gosto de literatura americana, então o que ela pede geralmente ela não pede que a gente lê livros, os livros que ela [professora] apresenta eu geralmente não leio. Eu leio mesmo o que eu gosto e que procuro nesses sites e os livros de outras disciplinas são bem específicos como Geografia, por exemplo, ou de Informática da área técnica, então eu não posso muito tempo lendo, **leio quando é necessário, quando é preciso fazer uma prova ou trabalho** (grifo nosso).

E a opinião da entrevistada 7 ao se referir às leituras solicitadas por parte dos docentes que ministram disciplinas no câmpus Sapucaia do Sul.

Aqui no colégio é uma **obrigação praticamente ler os clássicos**, literatura brasileira, que eu particularmente não gostava muito, tinha livros que eu nossa! É uma obrigação mesmo, tem outros que eu achava legal, mas tem uns que.... [pausa] é uma leitura difícil! Acho pelo menos. Leio por causa de obrigação mesmo. Eu gosto das histórias mas dependendo do autor eu acho uma leitura muito complicada de ler. Acho difícil de entender (grifo nosso).

Diferentemente da entrevista 7, a entrevistada 8 e a entrevistada 5, ao se referirem às leituras solicitadas por parte dos docentes, consideram sua dificuldade de acordo com a obra estudada, como podemos conferir nos relatos abaixo:

Eu gosto de literatura brasileira mas dependendo do livro eu não gosto muito. Se for uma linguagem muito muito difícil, por exemplo *Iracema*, eu tentei ler e não consegui, tinha que usar em uma prova, mas alguns outros livros são bem legais, por exemplo, o de Machado de Assis que eu li no ano passado que eu achei bem legal e *O tempo e o vento* de Érico Veríssimo que eu achei bem legal (Entrevistada 8).

Da mesma forma, a opinião da entrevistada 5 destaca que o corpo docente deveria dar primeiramente uma base, uma abordagem prévia da obra para facilitar seu entendimento, como citado abaixo:

Depende do livro, por exemplo, *O cortiço*, eles tem uns contextos legais, *Lucíola*, só que, a linguagem que eles usam é horrível, é muito chata, dá vontade de dormir, não dá vontade de ler aquele negócio, é horrível, horrível. Então, eu acho que por exemplo os livros brasileiros, eu acho que eles [os professores] deveriam dar uma base como é o livro, despertar por exemplo, eu vou te contar um livro mas vou te contar só a metade para te ver o que acontece no final, entendeu? Porque tipo se tu souber tudo tu não vai querer ler. Porque se tu souber até a metade tu vai querer ler o resto, mesmo que o livro seja difícil de ler, tu vai despertar uma curiosidade, entendeu? E daí tu vai despertar essa curiosidade e a pessoa vai ler o livro, eu acho que eles [professores] deveriam fazer alguma coisa para despertar a curiosidade da gente, porque não dá vontade de ler, esses livros assim, eles só atiram lá, tomam, leiam, se vira! Porque tu tens que ler com o dicionário do lado, claro, é bom porque tu conheces novas palavras, mas também é ruim porque tu lê e tu lê rápido assim, por exemplo, tu tá lendo no trem, ou no ônibus e tu não entende o que tá falando e tu fica sem entender uma parte do livro que vai fazer, que é principal e tu não entende e daí fica avulsa ali naquela parte e tu continua lendo, é isso que eu penso (Entrevistada 5).

Percebemos nessas falas que as estudantes consideram que os livros solicitados na escola caminham no contra fluxo do incentivo à leitura ao afirmar que estes são para aprender, saber mais, considerando uma aprendizagem mais intensiva, obras que realmente os alunos quisessem ler. Da mesma forma, uma das questões contempladas no questionário aplicado versou sobre a opinião desses alunos sobre a literatura clássica. Das oito respostas, quatro alunos afirmaram que apreciam os livros clássicos, porém não leem esse tipo de obra. Os demais estudantes responderam que os livros clássicos são complicados ou que leem essas obras por obrigação, sendo que apenas dois alunos sinalizaram que gostam dessas obras.

Além disso, ao afirmarem que elas não podem escolher as obras espontaneamente, demonstra que essa associação das obras escolhidas para serem trabalhadas em aula por seus professores confere uma probabilidade, segundo o sociólogo Bernard Lahire (2006, p. 432), que “às vezes, o amor aos gêneros culturais mais legítimos (ópera, música ou dança, jazz, etc.) só é adquirido após longos anos de desinteresse a priori (antes de qualquer tentativa) ou de rejeição (depois de experimentar).

Do mesmo modo, Pozenato (2003), como já foi mencionado, considera que a primeira função da educação seria a de transmitir, dentro do grupo cultural, os saberes acumulados desse grupo, assim como Bourdieu (2009) considera que a escola possui uma função de integração dos conhecimentos, pois os homens formados em uma determinada escola, por exemplo, partilharão um certo espírito literário e que, nas palavras de Lahire (2006, p. 424), a análise dos comportamentos desses jovens somente poderá ser compreendida se situarmos esses indivíduos em uma “rede de relações de interdependência, que é também uma rede de imposições e de influências mais ou menos harmônicas ou contraditórias” (2006, p. 424), como verificado nos relatos desses indivíduos.

A região humana, de acordo com Deffontaines (1952, p. 113), “é dada não tanto pela repartição da população ou por distribuições étnicas, mas sobretudo, pelo conhecimento dos gêneros de vida”, como os comportamentos dos estudantes, que sob o olhar do observador reconhece como comportamentos simbólicos (BOURDIEU; PASSERON, 1968, p. 70), ou seja, “atos pelos quais o estudante testemunha diante de si e dos outros sua aptidão a ser o autor de uma imagem original de estudante”.

Para os autores, certos estudantes fingem contestar em suas opiniões ou em suas atitudes a eficiência da ação escolar, tentando provar que o ensino não influencia nada e ninguém. No entanto, o ensino consegue suscitar nos alunos a necessidade dos produtos, porque o professor define os programas, os assuntos do curso, dos trabalhos, das leituras.

Em relação ao consumo, Bourdieu e Passeron entendem que a pesquisa de consumo poderá tornar-se uma pesquisa de produção. A exemplo disso, os livreiros das pequenas cidades esperam o novo programa de um professor, mesmo antes de estocar em suas prateleiras obras de autores como Marx ou Nietzsche, porque o professor desempenha um papel importante na consagração escolar das novidades, decretando as necessidades culturais nobres e as espúrias (BOURDIEU, PASSERON, 1968).

Atualmente, o *Programa Nacional do Livro Didático* (PNLD) desempenha papel semelhante aos livreiros de outrora. Segundo a pesquisa *Produção e Vendas do Setor Editorial*

Brasileiro, divulgada pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) e pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livro (SNEL), o faturamento das editoras de livros no Brasil alcançou R\$ 5,40 bilhões em 2014. Apesar do atual cenário econômico no Brasil, o setor apresentou um leve crescimento nominal de 0,92% em relação ao ano anterior. Nesse volume encontram-se livros didáticos que são distribuídos nas escolas previamente selecionados por professores das instituições escolares cadastradas no PNLD. A venda desse tipo de material representou nesse montante mais de 1 bilhão e 400 milhões de reais, um aumento de 10 % em relação ao ano de 2013.

Além disso, na pesquisa da empresa GFK³², a literatura juvenil cresceu 19,5% em volume de vendas em 2013. Segundo a jornalista Meire Kusumoto, o segmento de literatura juvenil foi o terceiro maior em crescimento no mercado editorial de 2013, em comparação ao ano de 2012.

Mas em relação às escolhas literárias desses alunos, a partir do último livro lido- terceiro objetivo específico- dado devidamente extraído do questionário aplicado, vemos, conforme o quadro 3, que nenhuma das obras escolhidas fazem parte da literatura solicitada por parte dos docentes do IFSUL, Câmpus de Sapucaia do Sul.

Quadro 3- Leituras escolhidas pelos entrevistados

Entrevistados	Respostas	Base para escolha
Entrevistado 1	Unbelievable (e-book)	Livre
Entrevistado 2	O último Olimpiano (Percy Jackson)	Livre
Entrevistado 3	Quem é você Alasca?	Livre
Entrevistado 4	Eragon	Livre
Entrevistado 5	Não se apega	Capa do livro
Entrevistado 6	Querido John	Meus amigos estavam lendo
Entrevistado 7	Ponto de impacto	Minha família comprou para mim
Entrevistado 8	Mini Becky Bloom	Estava querendo ler há algum tempo

Fonte: MOUSQUER (2015)

³² A GFK (Gesellschaft für Konsumforschung) é uma das maiores empresas de pesquisa de mercado do mundo, com mais de 13.000 especialistas trabalhando para descobrir novos insights sobre o modo como as pessoas vivem, pensam e compram em mais de 100 mercados, diariamente. Disponível em: <<http://www.gfk.com/br/about-us/Paginas/default.aspx>> Acesso em 25 nov. 2014

O que percebemos é que suas escolhas, em grande parte das respostas, são livres, sem nenhuma relação entre a sociabilidade familiar, escolar, de amigos. As demais opções relatadas foram a que os amigos estavam lendo, que a família havia comprado a obra para esse entrevistado ou que havia um tempo que o indivíduo tinha interesse pela obra.

Até mesmo pela capa do livro, que em muitas situações as editoras exploram esse mercado aliando capas com temas da indústria cinematográfica, uma clara estratégia de *marketing* para ampliar o consumo por determinada obra, mas em nenhuma das respostas encontra-se a opção proporcionada pela escola.

De acordo com o segundo objetivo específico sobre as leituras solicitadas pelo corpo docente, quando isso ocorre é baseada em uma leitura imposta pelo sistema escolar em que, para realizar um trabalho solicitado pelos professores, essa leitura se faz presente, mas não é uma leitura espontânea, apenas realizada para cumprir a tarefa solicitada por estes.

3.5 Seus pares e a sociabilidade

A categoria sociabilidade faz parte do quarto objetivo específico dessa dissertação, que busca compreender o que está implícito nas escolhas literárias dos indivíduos pesquisados. Diante disso, parte da premissa que, de acordo com o que foi trabalhado até agora, essa categoria proporcionará elementos para facilitar esse entendimento.

Vejamos, por exemplo, o caso da entrevistada 5, estudante do curso Técnico em Eventos.

Daí eu comecei a pegar livros na biblioteca, no colégio, tinha dias que eu ia só para matar aula, era um prédio grandão, de três andares [em São Leopoldo]. Pegava um livro, fiz muitos trabalhos do livro do Ziraldo, da “professora maluquinha”. Também teve aquele uma prova de fogo. Fui parando de matar a aula, depois eu comecei a pegar livros para fazer trabalhos, no ensino fundamental, eu raramente pegava livro por conta própria. Eu fui começar a pegar livros lá pela 7^a série, 8^a que eu fui me interessar mais, qual foi o livro que saiu???? Eu não sei se foi *Crepúsculo*, e nem foi dentro da biblioteca da escola, foi fora porque foi tipo um fenômeno, um vírus que afetou todo mundo e **todo mundo lia**. Aí eu comecei a ler mais, mas começou por “*Crepúsculo*”. Foi um negócio louco! (grifo nosso).

Vemos no caso dessa entrevistada o que Maffesoli (1988) e Claval (2001) se referem às camaradagens, os amigos e sua relação intrínseca, inclusive sua influência nas escolhas dos livros, da mesma forma como ocorreu no ano de 2014 com o título *A culpa é das estrelas* de John Green.

Confirmamos isso através da fala da entrevistada 2:

Aqui na escola já vi minha colega lendo “A culpa [é] das estrelas”, que foi livro que li depois que peguei emprestado, que eu achei, todo mundo fala daquele livro, aí fiquei curiosa para ler, e acabei lendo, achei bem legal. Também procurei saber sobre os outros livros dele [do autor], que eu também quero ler os outros [títulos] também.

Ao ser questionada sobre uma provável influência de seus amigos na escolha de seus livros a mesma afirmou: “Não sei se chega ser uma influência exatamente mas já recebi indicação de livros de amigos”

Mas retomemos a fala da entrevistada 3 – a que não tem incentivo à leitura em casa- e a devida importância de seus círculos de amizade que poderíamos atribuir ao seu caminho percorrido pela leitura. Vejamos.

Eu vou na van³³ e a gente sempre vai conversando sobre isso, então sempre quando lança um livro, aí eu pergunto, tem um livro para emprestar???? Aí tem esse. Então é mais pela escola, **companheiros de van** que nem sempre são da mesma turma (grifo nosso).

Assim como a entrevistada 3, a estudante formanda do curso Técnico em Eventos apresenta-nos sua rede de sociabilidade mediada pelo interesse pelos livros.

Eu uso muito as amigas, as minhas colegas indicam muito livro e eu indico meus livros para elas, e assim vai se sucedendo. Isso ocorre, geralmente uma vez por semana, quando a gente vem na biblioteca, quando elas têm que devolver um livro aí ela pergunta, a gente fica trocando informações “o que que tu tá lendo???” Que nem agora... eu li *Não se apega* e *Cinquenta tons de cinza* que eu comprei na feira do livro, e aí eu optei por ler *Não se apega* primeiro para ler *Cinquenta tons de cinza* nas férias pra quando estreiar o filme eu ter uma base, que que era o livro para comprar. E a minha amiga já tá falando para mim, me xingando que eu tô demorando para ler o livro, porque ela não sabe que eu ainda não li, me xingando porque eu tô demorando muito para ler porque ela quer o livro emprestado para ler, porque o filme estreia em fevereiro de 2015. Eu nem comecei a ler o livro e ela já quer ler. Então é assim que a gente vai trocando informações (Entrevistada 5, grifo nosso).

Em outro relato há a entrevistada 6, a qual chegou correndo, apressada, parecendo que estava no intervalo de seu estágio e, por isso, tinha pressa para dar a entrevista. É aluna

³³ Segundo o dicionário Houaiss, van é um veículo de transporte com capacidade para transportar em média oito a dezesseis passageiros.

concluinte do curso Técnico em Eventos. Começo explicando sobre o que é a pesquisa. Peço para contar sobre tua trajetória enquanto leitor, lembranças, impressões, significados.

Ela nos conta sua trajetória de leitura abordando sua primeira experiência no projeto do menor aprendiz ofertado pela Empresa de Trens Urbanos de Porto Alegre (Trensurb) localizada no município de Porto Alegre.

Nesse lugar havia tempo, segundo ela, para reuniões, para debater as obras lidas pelos integrantes desse *Programa Estação Educar*³⁴, como podemos conferir abaixo em seu relato.

E daí quando eu comecei a estudar no câmpus que eu comecei a fazer estágio na Trensurb, lá todo mundo lia, porque todo mundo tinha **tempo vago**, [estágio do projeto de menor aprendiz da Trensurb]. **Como a maioria dos contatos que eu tinha era com gurias**, a gente lia sobre romance, ou histórias assim, com os colegas, e a nossa professora, que teve uma parte que nós tivemos que fazer cenário de administração, e daí depois a gente fazia estágio lá dentro, daí a professora, adorava conversar conosco sobre os livros, e daí como a gente criou aquele hábito, esse vínculo, **uma lia livro e dava para outra, emprestava para outra, e daí a gente criou esse vínculo**. Aqui no câmpus como a biblioteca é muito forte, e o conceito de leitura também, **acabou puxando mais ainda, e hoje em dia, cada matéria**, cada coisa é baseada em leitura. Aí a gente lê os obrigatórios, **e ainda lê aqueles que tu mais gosta**, por exemplo, até meu sistema de leitura, eu tenho um grave problema, porque eu leio um livro e fico lendo ele direto, em vez de pegar outra história, por exemplo, o livro “Querido John”, eu acho que eu li ele umas dez vezes, de trás para frente, e tu acaba criando esse contato assim (grifo nosso).

Percebemos nesse relato o que o sociólogo Pierre Bourdieu afirma sobre a competência específica na música, no teatro, no cinema. Acreditamos que isso também se faz presente na questão da leitura e, da mesma forma que as condições de possibilidade de leitura como a forma escolar do ócio, o tempo de ler, além das condições sociais em que são produzidos esses leitores (BOURDIEU, 2009).

Esses elementos oferecidos a esses jovens leitores, tanto na família quanto na escola, ou até mesmo no estágio, conforme ilustração dada pela entrevistada 6, favorecem a aquisição desta competência, gostar ou não de ler, desenvolver ou não essa prática (BOURDIEU, 2013, p. 83). O *habitus* apropriado por essa região humana será repassado aos demais integrantes à

³⁴O *Programa Estação Educar* é realizado pela Trensurb, em parceria com o SENAI-RS, oferecendo aprendizagem profissional através do desenvolvimento do curso de Assistente Administrativo. O curso tem duração diária de quatro horas, no turno inverso ao da escola e totaliza 800 horas. Fonte: TRENSURB. Disponível em: <http://www.trensurb.gov.br/paginas/galeria_projetos_detalhes.php?codigo_sitemap=79> Acesso em 10 maio 2015.

medida que essa prática tende a reproduzir nos sucessores tais ações desenvolvidas pelos predecessores (BOURDIEU, 2014, p. 125).

Da mesma forma, constatamos na fala da entrevistada 6 que ao mencionar o fato da maioria de seus contatos serem do sexo feminino, o que fez com que o gênero literário escolhido fosse o romance, ou histórias com essa temática, Bourdieu assinala que:

Em qualquer relação entre o capital escolar e determinada prática, apreende-se o efeito das disposições associadas ao sexo que contribuem para determinar a lógica da reconversão do capital herdado que será obtida a partir do mesmo capital de origem: de **preferência literário**, no caso de uma **moça**, e **científico**, no caso de um **rapaz**. [...] a relação de determinada prática com a idade pode esconder uma relação com o capital escolar, quando, pela idade, são identificados, de fato, modos diferentes de acesso à posição -pelo diploma ou pela promoção profissional- e/ou gerações escolares e possibilidades desiguais de acesso ao sistema de ensino (BOURDIEU, 2013, p. 100, grifo nosso).

Destacamos que essas últimas entrevistas ocorreram após o início das aulas do ano de 2015 e as devidas alunas estão no último ano do curso Técnico em Eventos. A questão peculiar desse ano é que a turma tem de desenvolver um trabalho de conclusão de curso, o que acaba gerando um clima de euforia por parte dos alunos, pois grande parte deles nunca trabalhou com um método científico e essa insegurança causa neles uma sensação de incerteza.

Assim, entre uma brecha e outra de suas aulas, conseguimos entrevistá-las.

É curioso notar que, embora esse ritual de mostrar do que esse trabalho tratava, às vezes, a cada entrevista realizada, parecia haver certo desconforto por parte dos estudantes em revelar algo mais profundo de suas vidas, como se estivessem em um consultório psicológico ou psiquiátrico. Eis um dos limitadores da pesquisa, fazê-los se sentir seguros para poder falar sobre suas vidas.

3.6 Os usos sociais dos meios virtuais como critério de escolha literária: a categoria ritualidade

Com o propósito em descobrir quais são os meios utilizados para que esses entrevistados se mantenham informados quanto aos lançamentos literários, a proposta basicamente foi perguntar: como você se mantém informado sobre as obras literárias e quais meios você utiliza para se atualizar?

Para entendermos o critério de escolha dos alunos pesquisados, é imprescindível apresentar o conceito trazido pelo sociólogo hispano-colombiano Jesús Martín-Barbero, o qual aponta para além do simples uso do computador por estes indivíduos. Essa categoria é capaz de mediar os *formatos industriais* e *as competências de recepção e consumo*, ligando objetos, lugares, processos e, além disso, sua mediação protagoniza a vida cultural e social dos indivíduos (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 152).

Ao interrogarmos todos os oito alunos sobre a forma como obtinham informações sobre lançamento de obras literárias - sites, blogs, redes sociais pesquisados -, constatamos que suas pesquisas basicamente estão ligadas às redes sociais, do *Facebook* ao *Skoob*. Esses indivíduos buscam, compartilham informações nessas plataformas para saber sobre os últimos lançamentos de livros, mesmo que este usuário não possua conta em uma das plataformas citadas como o *Tumblr*; como podemos conferir no diálogo da entrevistada 5: “Eu curto as páginas no *Facebook*, eu não tenho *Tumblr*³⁵, mas como esse site é aberto, tu digita por exemplo no *Google*, frases de livros aí tu bota *Tumblr* do lado e vai abrir uma página inteira sobre livro”

Assim como essas plataformas divulgam obras literárias, os escritores também estão aderindo a essa nova forma de divulgação, como é o caso da escritora Martha Medeiros, que possui mais de 30.000 seguidores no *Facebook*. Entre esses seguidores, talvez um deles seja a entrevistada 8 que, em sua fala, afirma seguir blogs de escritoras e ser essa uma das suas formas de obter informações sobre lançamento de obras literárias:

Geralmente eu vou na internet e vejo alguma coisa, um anúncio ou alguma coisa, acompanho os blogs também, tem uma postagem sobre algum livro. Vários blogs, mas não tem nenhum específico sobre livro mas as pessoas que escrevem elas fazem uma resenha sobre um livro, ou eu estou no **twitter de escritoras** e uma ajuda a outra, *Facebook*, eu sigo várias editoras, tem um site que eu uso pra, é tipo uma biblioteca online que eu boto os livros que eu estou lendo, todos os livros lá que eu tenho, *Skoob*, aí eu sigo eles no *Facebook*, eles estão sempre postando (grifo nosso).

Semelhante à isso, encontramos na entrevista 1, outro relato de busca relacionado com a rede social *Skoob*, como podemos conferir em sua fala descrita abaixo:

³⁵ É um sistema gratuito de blogs e redes sociais em que usuários postam links, textos, imagens, vídeos. Nessa plataforma há blogs como *Grifei um livro* que possui mais de 45.000 seguidores.

Sites, pesquisa na internet. Blogs que eu participo. Eu participo de algumas comunidades “tipo Skoob³⁶”, Goodreads. Tem uma comunidade que se chama *OverDrive*, nessa comunidade há uma amostra do livro que a gente pode ler, um capítulo, por exemplo, gosto bastante desse site porque eu posso ver se eu gosto, e no site de compras, como a livraria Saraiva, o Submarino que eles dão um top, um ranking, de quais livros são mais. Nos sites mencionados eles publicam lançamentos de livros, por exemplo, “esse autor tem um livro novo”, aí já boto na minha listinha dos livros que eu quero.

Convém destacar que para o antropólogo Nestor Garcia Canclini (2014), essas buscas estão em relação de dependência através de novas mídias e formas de ler. Elas fazem parte das conversas e estilos de sociabilidade em que trechos de livros são destacados no *Kindle*³⁷ e no *Facebook*, e se opina sobre eles no *Twitter*. Para o pesquisador, esses adolescentes e jovens vivenciam uma realidade de criação literária em blogs, em audiolivros e páginas digitais que mudam o olhar sobre a cena da escrita e da leitura, como formas de pensar e fazer tecido social.

É por isso que a economista francesa Françoise Benhamou (2007) considera que o mercado editorial abandonará alguns produtos em detrimento de outros porque, para ela, essa padronização de produtos, ao se referir à teoria *bourdieusiana*, entende que os circuitos de divulgação tendem a diminuir o ciclo de vida dos livros tratados como comuns.

Por essa razão, as editoras, por exemplo, para diminuir o risco, apostarão em *best-sellers*, em autores consagrados, canônicos ou não. E não é tão difícil de entender quando, nesse caso, todos os indivíduos pesquisados afirmaram que buscam informações de lançamento de obras literárias em sites como de livrarias ou que a seguem através da rede social *Facebook*, e que podemos inferir que essa estratégia já foi adotada pela Saraiva, por exemplo. Sua página nessa rede social possui, atualmente, mais de um milhão de seguidores, entre os quais se encontram duas das nossas entrevistadas, que afirmaram buscar informações no site dessa livraria, como podemos conferir no relato da entrevistada 2.

Geralmente eu procuro em sites que vende livros, porque eles indicam, geralmente eu escolho pelo título, vejo opiniões das pessoas sobre o livro, o que mais olho é a Saraiva [livraria]. Geralmente eu olho lá a opinião das pessoas que compraram o livro, pesquiso mais na internet sobre aquele livro, blogs eu olho também... Geralmente os blogs que eu acesso,... não é sempre o mesmo blog que eu acesso. Eu pesquiso sobre o livro, aí tem um blog sobre aquele livro. Pesquisa inicial é uma livraria online (Entrevistada 2).

³⁶O *Skoob* é uma rede social para leitores do Brasil. Nessa rede é possível colocar livros lidos ou aqueles que ainda deseja ler e também compartilhar suas opiniões com amigos, fazer trocas de livros, participar de sorteios, ganhar cortêsias. Atualmente a rede possui mais de 700.000 seguidores. Disponível em: <<http://www.skoob.com.br/login/>> Acesso em: 25 maio 2015.

³⁷Criado pela Amazon, o *Kindle* é um dispositivo para leitura capaz de armazenar milhares de ebooks.

E da mesma forma, na fala da entrevistada 6:

Normalmente é o *Facebook*, *Instagram* às vezes, que sempre aparece, mas como eu tenho bastante contato em sala de aula com as meninas, e é onde mais a gente passa o tempo, também acaba vendo muito pelos colegas, “ah, agora eu tô lendo agora, sei lá [a obra] *Quem é você Alasca?* E aí acaba tendo por elas também. Só quando eu tô com muita, muita vontade também, que eu quero saber uma coisa nova, eu entro no site da Saraiva, ou de alguma biblioteca, e daí eu olho no sebo também, bastante livros.

Mas, apesar da totalidade da busca por informações sobre lançamento de obras literárias ser em redes sociais ou em livrarias, há um caso em que a sociabilidade falou mais alto que a ritualidade, como verificado nas palavras da entrevistada 3:

Pela internet, pelo *Facebook*, mas, não é o que me faz saber as coisas, eu sempre soube pela escola assim, e eu vou na van e a gente sempre vai conversando sobre isso, então sempre quando lança um livro, aí eu pergunto, tem um livro para emprestar???? Aí tem esse. Então é mais pela escola. Pelo *Facebook* eu até participo de um grupo, mas não me lembro do nome. O que eu mais sei sobre livros novos, que me interessa é na vã, porque a gente tem o gosto mais ou menos parecido. Gosto de livros românticos, gosto do John Green que eu li quase todos eles. Eu gosto mais ou menos desses livros, que tem mais a ver com a minha idade, coisas para menina.

É o efeito simbólico desse lugar praticado, uma van exemplifica o que é essa região humana e Michel de Certeau (1994) ratifica o que foi exposto até aqui porque para esse estudioso, a região é o espaço criado por uma interação, a qual supõe a prática humana e histórica.

Além disso, de acordo com Santos (2009, p. 13), “as relações de regionalidades podem ser interpretadas como modalidades de relações sociais na acepção weberiana” e as pistas fornecidas por Geertz, segundo o autor, possibilitam interpretar uma ação social compartilhada por um grupo de indivíduos que se assemelham em vários aspectos, tais como gostos e atividades, o que geraria a ideia de *região humana*, a qual forma uma espécie de elo que carrega a junção de cada integrante com suas especificidades, um modo de ser e agir nessa região cultural.

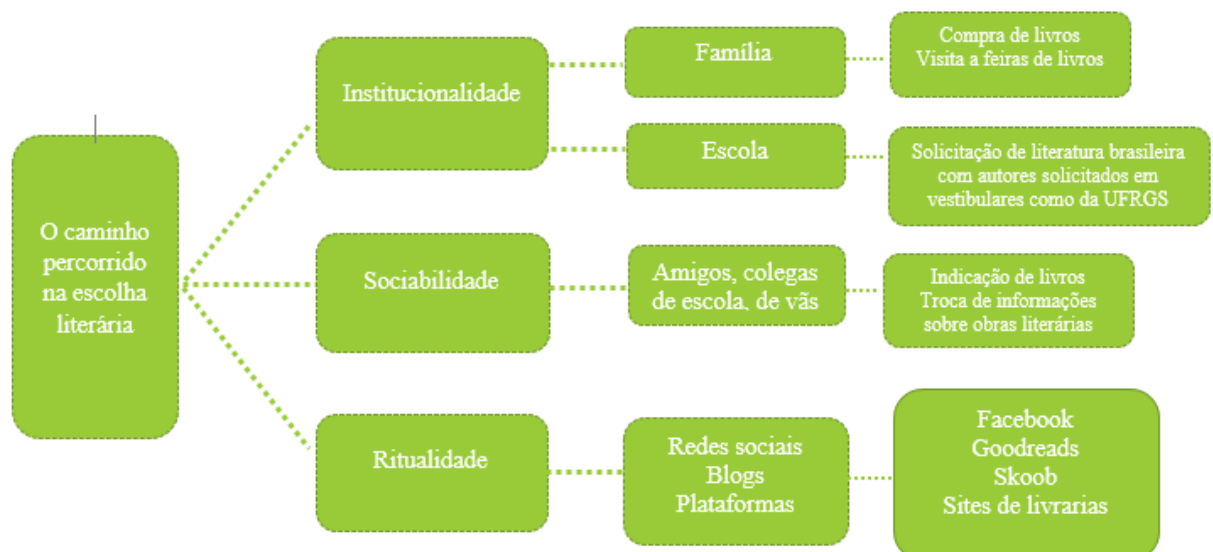
Para o filósofo Pierre Levy (1999, p. 130), esses interesses comuns sobre o compartilhamento do saber, a aprendizagem cooperativa, colaboram para que essas “comunidades virtuais encontrem um ideal de relação humana desterritorializada, transversal, livre”

Por sua vez, Manuel Castells destaca que “a representação de papéis e a construção de identidade como base da interação on-line representam uma proporção minúscula da sociabilidade baseada na internet, e esse tipo de prática parece estar fortemente concentrado entre adolescentes” (2003, p. 99) e acrescenta:

As redes on-line tornam-se formas de ‘comunidades especializadas’, isto é, formas de sociabilidade construídas em torno de interesses específicos. Como as pessoas podem facilmente pertencer a várias dessas redes, os indivíduos tendem a desenvolver seus “portfólios de sociabilidade”, investindo diferencialmente, em diferentes momentos, em várias redes com barreiras de ingresso e custos de oportunidade baixos. Disso decorre, por um lado, extrema flexibilidade na expressão da sociabilidade, à medida que indivíduos constroem e reconstróem suas formas de interação social. Por outro lado, o nível relativamente baixo de compromisso pode gerar certa fragilidade das formas de apoio social (CASTELLS, 2003, p. 110).

Diante do que foi exposto até aqui, e considerando a análise dessas categorias propostas por Martín-Barbero, elaboramos o seguinte diagrama que esboça o cruzamento dos dados coletados nessa pesquisa de Mestrado, na tentativa de responder o objetivo geral dessa dissertação: investigar o porquê das escolhas literárias dos alunos ingressantes no ano de 2012 no Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSUL), câmpus Sapucaia do Sul, em que em um projeto de extensão realizado no mesmo ano informaram como *corpus* de leitura pessoal as obras *Harry Potter*, *Percy Jackson* e *Crepúsculo*, em detrimento da literatura acadêmica.

Diagrama 3- O caminho percorrido na escolha literária



Dessa forma, compreender esse processo de escolha literária é, antes de tudo, perceber que esses agentes, parafraseando Pierre Bourdieu, são capazes de eleger como *corpus* de leitura pessoal obras que vão ao encontro do gosto construído por disposições sociais internalizadas nesses entrevistados que, em tese, estão entrelaçados pela influência de seus pares, amigos, colegas de escola, de vãs.

Em contrapartida, a leitura solicitada por seus professores vem carregada de obrigatoriedade no cumprimento de determinada tarefa solicitada por aqueles, e estes o fazem por obrigação e afirmam ainda que sua leitura, em grande parte, é massiva, complexa e passível de desentendimento. Então, como reverter esse quadro por parte dos professores? Ou, a leitura escolar sempre caminhará no contra fluxo do gosto pessoal do leitor? Essas questões e outras poderão fazer parte de novos estudos com essa temática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao parafrasear Pierre Bourdieu (1990) em sua obra *Coisas Ditas*, pensamos: e para que serve tudo isso? É o que nos diz esse sociólogo, pois a Sociologia é comumente usada para açoitar os outros ou para se autoflagelar.

Este trabalho não teve nem uma dessas intenções, deteve-se pela busca de respostas oriundas da questão inicial desta dissertação: saber por que alguns indivíduos, aparentemente não leitores, elegiam, à revelia de alguns estudos que insistem em afirmar que o jovem não lê, obras que estão fora do circuito de seleções para vestibulares entre alguns pleitos em universidades federais, por exemplo.

Carente de estudos relacionados, principalmente no Brasil, com a temática da Sociologia da Leitura, muitos teóricos aqui trabalhados são oriundos de universidades europeias: Bourdieu, Lahire, Singly, Petit, entre outros, mas que no primeiro capítulo dessa investigação, com viés sociológico, tentamos responder o quê e por que esse trabalho se justifica, como encontrar respaldo teórico e inclusive metodológico para buscar respostas para esses questionamentos aqui apresentados e de que forma seria possível caminhar e tentar elucidar essas e outras questões.

Além disso, procuramos contextualizar que a questão da Sociologia da Leitura transita, no caso do Brasil, desde a vinda da família real portuguesa. Alguns teóricos, como João do Rio e Olavo Bilac, já naquele tempo questionavam o fato de os brasileiros não lerem e queriam saber o porquê dessa constatação. Convém lembrar que até hoje dificilmente um escritor sobrevive apenas com sua arte, geralmente tem de aliar sua escrita com outros trabalhos: jornalistas, professores, juristas.

No segundo capítulo propomos o conceito de *região humana*, composta por uma rede de relações entre seus integrantes. Salientamos que este termo está sendo abordado de uma forma simbólica porque entendemos que essa denominação permeia uma formação cultural desses indivíduos, estudantes leitores de best-sellers pertencentes à mesma faixa etária.

Procuramos demonstrar que esses leitores estão conectados presencial e virtualmente por meio da internet, seguindo escritores, livrarias, blogs recheados de destaques de obras que estão em voga no mercado literário ou foram adaptadas para a indústria cinematográfica com forte apelo mercadológico, mas que de uma maneira ou outra atingem seu público alvo e, nesse caso, estes indivíduos compartilham essas preferências, esse *habitus*.

Finalmente, no terceiro capítulo, descrevemos como o método foi aplicado. As informações foram obtidas através de dois instrumentos de coleta de dados: o questionário adaptado da obra *A distinção* do sociólogo Pierre Bourdieu e uma entrevista que procurou cruzar as variáveis institucionalidade, sociabilidade e ritualidade dos alunos pesquisados.

Ao saber mais sobre suas trajetórias literárias e como esse caminho se insere no mundo, acabamos por considerá-los como figuras com rostos, um ser humano que não é genérico, pois não isolamos estes indivíduos fora de seu contexto (FONSECA, 1999). Por isso, consideramos a importância do social para contextualizar as trajetórias individuais desses jovens leitores.

Na tentativa de interpretar o significado de suas escolhas literárias, procuramos entender essas ações que em tese pareciam “enigmáticas na sua superfície” (GEERTZ, 2008, p.10), mas na medida em que avançávamos nas análises, percebemos as teias construídas em suas famílias, na escola e com seus amigos, colegas, companheiros de vans.

Além disso, seguindo o fio condutor de Bourdieu, as práticas culturais desses leitores estão intrinsecamente relacionadas às mesmas atitudes desse grupo, marcadas pelas trajetórias sociais, por suas relações com a família, seus pares. Seu gosto e suas trajetórias literárias caminham na mesma direção da sociabilidade existente dessa *região humana*.

Mais especificamente, Bourdieu afirma que as práticas culturais são determinadas, em grande parte, pelas trajetórias educativas e socializadoras dos grupos, mas quem são esses agentes entrelaçados pela *região humana*?

Ao que parece, esses leitores leem porque seu processo de socialização em relação ao livro foi alimentado, cultivado desde cedo, oferecido a eles desde sua infância por seus familiares, e mesmo na ausência desse elemento, seus amigos ou colegas de escola acabaram preenchendo essa lacuna renegada em alguns casos por sua família, uma clara evidência da sociabilidade desses leitores.

Também procuramos entender a maneira pela qual esses leitores se relacionavam, fisicamente ou em comunidades virtuais, formando uma miniatura de sociedade, superando uma simples interação, pois a relação desses sujeitos carrega um elemento essencial, o sentimento por estarem juntos, presencial ou virtualmente, compartilhando os mesmos interesses, no caso, a leitura dessas obras. Como a estudante que não tinha e não tem incentivo em casa: “eu vou na van e a gente sempre vai conversando sobre isso, então sempre quando lança um livro, aí eu pergunto, tem um livro para emprestar???? Aí tem esse...”. Impossível não se lembrar dessa jovem leitora que encontrou com quem compartilhar seu “gosto” porque, na ausência familiar, seus colegas de van estão fazendo a diferença entre ser ou não leitor.

Para a antropóloga Michèle Petit, trata-se de uma questão de “espírito do lugar”, um contexto, um ambiente familiar ou escolar que pode incentivar a leitura e porque não a van escolar, o ônibus intermunicipal, o Trensurb?

Embora o contexto pesquisado por Pierre Bourdieu tenha sido o francês na década de 70, o presente estudo realizado no Brasil, região metropolitana de Porto Alegre, evidenciou que a teoria desse sociólogo cabe perfeitamente na análise e constatação dos indicadores que levam esses oito leitores a escolherem tais leituras, tais suportes informacionais. Tudo é uma construção e suas escolhas, ao que parece ser individual, são na verdade um processo inconsciente, parafraseando Bourdieu, é uma escolha pautada em escolhas do coletivo, familiar, escolar e de amigos. É o mito da singularidade individual, conforme afirma o pesquisador Bernard Lahire.

Mesmo que essa região humana possua as mesmas preferências literárias, independente do espaço geográfico, pois nosso entendimento permeia o conceito simbólico de região cultural com suas especificidades, nessa dissertação percebemos que esses alunos são o que são pelo capital cultural compartilhado em suas famílias e, na sua ausência, a sociabilidade de seus pares supre tal falta.

O embate de disputa nesse campo em que os pesquisados afirmaram, em sua totalidade, ser a leitura das obras acadêmicas solicitadas por seus professores uma literatura maçante, de difícil compreensão, em que sua leitura se dá basicamente por obrigação de uma tarefa, como uma prova ou trabalho, seu gosto se resume à temática relacionada ao seu universo juvenil, seu prazer em ler está pautado no *habitus*, sua maneira de ser se resume à predisposição por esse grupo em compartilhar essa disposição em que ao escolher, eleger uma obra para ler, na verdade é o coletivo que realiza tal tarefa, mesmo inconsciente.

Casos evidenciados, como a escolha relatada por alguns leitores que afirmaram que leram as obras *Crepúsculo* ou *A culpa é das estrelas* porque seus colegas ou amigos estavam lendo, nos mostram que esses leitores são o que são, sem a visão etnocêntrica do pesquisador em considerar que sua cultura é superior, melhor que a do outro.

Devemos levar em conta, acima de tudo, que nesse campo relativamente autônomo, onde há lutas simbólicas entre docentes, acadêmicos, editores, o leitor ficará sempre à deriva de seu gosto pessoal porque, se quiser frequentar determinados espaços como a escola ou a universidade, terá de ler aquilo que foi decidido por alguns que ocupam posição de destaque nestes meios.

Por essas e outras considerações vindouras, esse estudo não encerra de maneira alguma aqui, uma vez que há muito mais a se observar, ampliar o universo da pesquisa, aprofundar

teorias e práticas em uma constante vigília epistemológica do método e na construção do objeto a ser pesquisado.

REFERÊNCIAS

AMORIN, Elaine Cristina. **Leitores e leituras de Harry Potter: a recepção no meio virtual**. 2009. 129 f. Dissertação (Mestrado) - Pós-graduação em Letras. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2009. Disponível em <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/ecamorin.pdf>> Acesso em: 12 set. 2013.

ANDRADE, Rogério Pelizzari de. **Bibliófilos audiovisuais: os *media* como forma de aproximar estudantes dos livros**. 2011. 174 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-14122011-225102/pt-br.php> Acesso em: 05 set. 2013.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (Orgs.). **Leitura: práticas, impressos, letramentos**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

BENHAMOU, Françoise. **A economia da cultura**. Cotia, SP: Ateliê editorial, 2007.

BERUMEN, Humberto Félix. **La frontera en el centro : ensayos sobre literatura**. Mexicali, Baja Cal. : Universidad Autónoma de Baja California, 2005.

BORELLI, Silvia Simone Simões. **Harry Potter: campo literário e mercado, livros e matrizes culturais**. 2006. 220 f. Tese (Doutorado) – Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em <[http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/processaPesquisa.php?listaDetalhes\[\]=5656&processar=Processar](http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/processaPesquisa.php?listaDetalhes[]=5656&processar=Processar)> Acesso em: 19 set. 2013.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BOURDIEU, Pierre. Les trois états du capital culturel. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 30, p. 3-6, nov. 1979. Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1979_num_30_1_2654 Acesso em: 20 fev. 2015.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BOURDIEU, Pierre. A leitura: uma prática cultural: debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura**. 2.ed.rev. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Entrevista**. *Le Monde*, 23 de março, 1985.

BOURDIEU, Pierre; ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu**: sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **Pierre Bourdieu**: depoimento. [1991]. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=8h6iKrTW4Lk>> Acesso em: 30 jul. 2014.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. O tempo e o espaço no mundo estudantil. In: TROTSKY, Léon et al. **Sociologia da juventude, IV**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de século, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papyrus, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense. Pró-reitoria de extensão. **Edital Proex 01/2012**. Disponível em: www.ifsul.edu.br Acesso em fev. 2012.

BRASIL. **Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, 2006. (Orientações curriculares para o ensino médio). v. 1. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf> Acesso em: 14 ago. 2014.

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO. **Produção e vendas do setor editorial brasileiro**. [Ano base 2014]. Disponível em: <http://www.snel.org.br/wp-content/themes/snel/docs/pesquisa_fipe_2015_ano_base_2014.pdf> Acesso em 25 abr. 2015.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1998.

CANCLINI, Néstor García. Quanto ou como se lê? : refazer as perguntas. **Revista Observatório Itaú Cultural**, ed. 17., São Paulo, ago./dez., 2014. p. 169-177. Disponível em: <novo.itaucultural.org.br/revista/revista-observatorio-ic-n-17/> Acesso em: 10 ago. 2014.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 10.ed. Rio de Janeiro, RJ: Ouro Sobre Azul, 2008.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. São Paulo: Vozes, 1994.

CHARTIER, Anne Marie. Leitura escolar: entre pedagogia e sociologia. Tradução de Andréa Daher. **Revista Brasileira de Educação**, set./out./nov./dez. 1995. p. 17-52. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n00/n00a03.pdf> Acesso em: 29 ago. 2014.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 2.ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

CLAVAL, Paul. "A volta do cultural na Geografia". **Mercator**: revista de Geografia da UFC, ano 01, n. 01, 2002. Disponível em: <geografias.net.br/pdf/01_A_volta_do_cultural_na_Geografia.pdf> Acesso em: 15 fev. 2015.

CLAVAL, Paul Charles Christophe. Geografia cultural: um balanço. **Revista Geografia**, Londrina, v. 20, n. 3, p. 5-24, set./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/14160/11911>> Acesso em: 01 set. 2014

COENGA, Rosemar Eurico. **Infância e leitura na memória de escritores**. 2011. 172 f. Tese (Doutorado)- Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura. Universidade de Brasília, Brasília, DF. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9801/1/2011_RosemarEuricoCoenga.pdf. Acesso em: 19 ago. 2014

DEFFONTAINES, Pierre. **Geografia humana do Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1952.

DONNAT, Olivier. Las prácticas culturales de los franceses. In: LAHIRE, Bernard. **Sociologia de la lectura**. Barcelona: Gedisa, 2004.

DORNELLES, Jonatas. **Vida na rede**: uma análise antropológica da virtualidade. 2008. 293 f. Tese (Doutorado)- Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/.../000627358.pdf>?Acesso em: 25 abr. 2015

EL FAR, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ESCARPIT, Robert. **Sociologia da literatura**. São Paulo: Arcádia, 1969.

FAILLA, Zoara (Org.) ; [realizado por] INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil** 3. 3.ed. 2011. Disponível em <http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/2834_10.pdf> Acesso em: 10 set. 2013.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. **Estudos de usuários**. Brasília: IBICT, 1994.

FONSECA, Cláudia. Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista brasileira de Educação**, n. 10, jan./fev./mar./abr., 1999. Disponível em: <anped.org.br/rbe/rbedigital/.../RBDE10_06_CLAUDIA_FONSECA.pdf> Acesso em 16 fev. 2015.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

GOMES, Eustáquio. País tem história universitária tardia, **Jornal da Unicamp**, 191, Ano XVII, 23 a 29 set. 2002. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/setembro2002/unihoje_ju191pag7a.html> Acesso em: 16 set. 2015.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. 3.ed. São Paulo: Ed. da USP, 2012.

HORELLOU-LAFARGE, Chantal; SEGRÉ, Monique. **Sociologia da leitura**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KELLNER, Douglas. **Cultura da mídia**. Bauru: EDUSC, 2001.

KNEWITZ, Anna Paula. **A leitura jornalística na contemporaneidade**: novas e velhas práticas dos leitores de ZeroHora.com. 2010. 230 f. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

LAHIRE, Bernard. **A cultura dos indivíduos**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LAHIRE, Bernard. **Bernard Lahire**: depoimento. [nov. 2009]. Entrevistador: Philippe Wozniak ; Tradução e apresentação de Norma Missae Takeuti ; Revisão de Lila Junqueira. Entrevista concedida para a revista Cronos. Disponível em: <periodicos.ufrn.br/cronos/article/viewFile/3293/2681> Acesso em: 21 fev. 2015.

LAHIRE, Bernard. Formas de lectura estudiantil y categorias escolares de la comprensión de la lectura. In: LAHIRE, Bernard (coord.). **Sociología de la lectura**: del consumo cultural a las formas de la experiência literária. Barcelona, Espanha: Gedisa, 2004.

LAHIRE, Bernard. **O homem plural**: os determinantes da ação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 2008.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massas. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1988.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 6.ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo**: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis (org.) ; MATTELART, Amand et al. **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2009.

PINHEIRO, Marta Passos. Escolhas literárias de jovens. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS, 2., **Anais**. Maringá, PR, 2012. p. 13-15. Disponível em <http://anais2012.cielli.com.br/pdf_trabalhos/1819_arq_1.pdf> Acesso em: 18 set. 2013.

POULAIN, Martine. Entre preocupaciones sociales e investigación científica: El desarrollo de sociologías de la lectura en Francia en siglo XX. In: LAHIRE, Bernard (Coord.). **Sociología de la lectura**: del consumo cultural a las formas de la experiencia literaria. Barcelona, Espanha: Gedisa, 2004. p. 17-57

POULAIN, Martine. Uma mirada a la sociología de la lectura. **Perfis educativos**, v. 33, n. 132, 2011. p. 195-204. Disponível em <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=13218510012>> Acesso em 21 ago. 2014

POZENATO, José Clemente. **Processos culturais**: reflexões sobre a dinâmica cultural. Caxias do Sul: Educs, 2003.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3.ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 2012.

RITER, Caio. **A formação do leitor literário em casa e na escola**. São Paulo: Biruta, 2009.

ROSING, Tânia Mariza Kuchenbecker. Esse Brasil que não lê. In: FAILLA, Zoara (Org.) ; [realizado por] INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil 3**. 3.ed. 2011. Disponível em <http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/2834_10.pdf> Acesso em: 10 set. 2013.

SAGRILO, Simone Gonzales. Estética da recepção e sociologia da leitura: uma obra, vários olhares. In: COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS, 3, 2007, Maringá. **Anais...Maringá**, 2009, p. 1004-1013. Disponível em: http://www.ple.uem.br/3celli_anais/trabalhos/estudos_literarios/pdf_literario/106.pdf Acesso em: 10 mar. 2014.

SANTOS, Rafael. Relatos de regionalidade: tessituras da cultura. **Antares**, n. 2, 2009. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/viewArticle/399> Acesso em: 14 ago. 2014.

SANZ CASADO, E. **Manual de estudios de usuários**. Madrid: Pirâmide, 1994.

SARTRE, Jean-Paul. **As palavras**. 6.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Família, escola e mídia. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, p. 107-116, jan./jun. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11659.pdf> Acesso em 12 maio. 2015.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Um novo capital cultural: pré-disposições e disposições à cultura informal nos segmentos com baixa escolaridade. **Educação e sociedade**: revista de ciências da Educação, v. 26, n. 90, p. 77-105, jan./abr. 2005. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302005000100004&script> Acesso em: 20 fev. 2015.

SILVA, Luiza Trópia. Leitores de Harry Potter: entre livros, leituras, telas, encontros. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO, Campinas: Unicamp, 2012. **Anais...** Disponível em: <<http://www2.unimep.br/endipe/3939b.pdf>> Acesso em: 30 ago. 2013.

SINGLY, François de. A apropriação da herança cultural. In: **Educação e realidade**, v. 34, n.1, p. 9-32, jan./abr. 2009. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/8455/4920>> Acesso em: 20 ago. 2014.

STREY, Marlene Neves (org.). **Psicologia social contemporânea**. 7.ed. Rio de Janeiro: Vozes 2002.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4.ed. Porto Alegre: Bookman,

ZILBERMAN, Regina. ZILBERMAN, Regina. **A leitura no Brasil: sua história e suas instituições**. [Projeto Memória de leitura desenvolvido junto ao Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp] Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio32.html> Acesso em: 10 jun. 2014.

ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** 2.ed. São Paulo: SENAC, 2001.

ANEXO A- Projeto de Extensão submetido à PROEX em 2012

EDITAL PROEX /IFSul - Nº 01/2012

FORMULÁRIO DE PROJETO DE EXTENSÃO

REGISTRO SOB Nº:

Uso exclusivo da PROEX

1 - TÍTULO:	Ampliando os muros da biblioteca: um convite à comunidade para apreciação da literatura
--------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------

Classificação		
<input type="checkbox"/> Programa	<input checked="" type="checkbox"/> Projeto	<input type="checkbox"/> Curso
<input type="checkbox"/> Evento	<input type="checkbox"/> Prestação de Serviços	

2 - COORDENADOR (deverá ser docente ou técnico administrativo do IFSul)
Nome: Gisvaldo Araújo Silva
Lotação: Departamento de Ensino – IFSul <i>Campus</i> Sapucaia do Sul
SIAPE: 016728874
Disciplina(s) que ministra/Atividade Administrativa: Língua inglesa, Língua portuguesa, Literatura brasileira
Formação Acadêmica: Doutor: Educação (UFRGS) Mestre: Letras – Linguística Aplicada (UFSM) Especialização: Graduação: Letras - Inglês/Português e respectivas literaturas – (UESB)
Contatos: Telefone Campus/Ramal: (051) 3452-9200 ramal: Telefone Residencial: (051) 3026-2447 Telefone Celular: (051) 9935-3696

E-mail: gisvaldo@hotmail.com

3 - DIMENSÕES DA EXTENSÃO

<input type="checkbox"/> Projetos Tecnológico	<input checked="" type="checkbox"/> Projetos Culturais, artísticos e esportivos
<input type="checkbox"/> Serviços Tecnológicos	<input type="checkbox"/> Visitas técnicas e gerenciais
<input type="checkbox"/> Eventos	<input type="checkbox"/> Empreendedorismo
<input type="checkbox"/> Projetos Sociais	<input type="checkbox"/> Acompanhamento de egressos
<input type="checkbox"/> Estágio	<input type="checkbox"/> Relações Internacionais
<input type="checkbox"/> Cursos de Extensão	

4 - VINCULAÇÃO AOS PROGRAMAS

Esta proposta poderá ser vinculada a um dos programas institucionais do IFSul?

Sim

Não

Cite o Programa:

5 - ARTICULAÇÃO COM ENSINO E PESQUISA

5.1 - O Projeto está diretamente ligado a uma disciplina?

Sim. Qual? Literatura Brasileira

Não.

5.2 - A atividade é interdisciplinar?

Sim. Quais disciplinas estão envolvidas? Arte e Cultura Visual, Sociologia, História e Geografia.

Não.

5.3 - O Projeto poderá gerar ação de pesquisa futura?

Sim Não

Em caso afirmativo, como se dará este encaminhamento e articulação? (no máximo 5 linhas)

O ponto de partida deste projeto é fazer um levantamento dos hábitos e interesses de leituras de alunos do IF Sul, *campus* Sapucaia do Sul, assim como da comunidade circunvizinha. A partir desse levantamento, serão propostas algumas atividades que visem divulgar o acervo da biblioteca e constituir a biblioteca como espaço privilegiado de circulação da cultura letrada para a comunidade. O relato dessa experiência será apresentado em congressos da área e servirá de base para projetos futuros dessa natureza.

A promoção de acesso à informação a essa comunidade, principalmente no que se refere a obras literárias tem como diretriz o § 1º inciso I “a democratização do acesso ao livro” do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), coordenado pelo Ministério da Cultura e Educação e o Manifesto da Biblioteca Escolar da IFLA/UNESCO.

6 - PROJETO

6.1 - Duração: 01/06/2012 - 01/02/2013

Carga horária dedicada ao projeto:

Semanal: 20 horas semanais

Mensal: 80 horas semanais

6.2 - Público Alvo:

Comunidade circunvizinha do campus, alunos, servidores do IFSUL/ Campus Sapucaia do Sul,

Descrição: Além dos usuários costumeiros (os alunos e servidores que efetivamente utilizam os serviços da biblioteca escolar do Campus Sapucaia do Sul - aproximadamente 1400 pessoas), pretende-se que essa experiência seja ampliada para os membros da comunidade sapucaense, especialmente aqueles em idade escolar.

7 – EQUIPE

1	2 Nome	3 Categoria *	4 Carga horária semanal dedicada ao programa/projeto	5 Campus de Origem
6	7 Gisvaldo Araújo Silva	8 PCO	4h	Sapucaia do Sul
9	10 Rosinei Elizabete Miozzo Klein	11 TA	4h	Sapucaia do Sul

9	10	Patricia Mousquer	11	TA	4h	Sapucaia do Sul
12	13		14	AB	20h	Sapucaia do Sul
15	16		17			
18	19		20			
21	22		23			
24	25		26			
27	28		29			
30	31		32			

*Categorias: professor coordenador (PCO) - professor colaborador (PCL) - técnico-administrativo (TA) - aluno bolsista (AB) - aluno voluntário (AV) - aluno de outra IES voluntário (AOIV) - professor de outra IES voluntário (POIV).

8 - PARCEIROS EXTERNOS		
Existem parceiros externos ao IFSul?		
(<input checked="" type="checkbox"/>)Não (<input type="checkbox"/>)Sim Quantos? _____		
Identificação do parceiro	Tipo	Forma de inserção
Tipo: Instituição Religiosas/Assistenciais Instituição Pública (Federal, Estadual ou Municipal) Instituição de Iniciativa Privada Organizações Não-governamentais – ONGs Movimentos Sociais Organizações Sindicais Grupos Comunitários	Forma de inserção: Participa da concepção Gera demanda Participa do desenvolvimento Recebe alunos Apoio logístico Participa do financiamento	

9 - JUSTIFICATIVA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA (máximo 20 linhas)
A estatística referente à circulação de obras literárias por parte dos usuários da biblioteca do <i>campus</i> Sapucaia do Sul demonstra que a relação do número de empréstimos <i>versus</i>

alunos e servidores está muito aquém de estudos realizados pelo Instituto Pró-Livro onde o número de livros lidos ao ano por parte dos brasileiros ultrapassa quatro livros. A fim de aproximar a comunidade da biblioteca de nossa instituição e de aumentar o número de livros emprestados por ano para os alunos, justifica-se a implementação de um projeto que trace o perfil do usuário da biblioteca e, a partir destes dados, desenvolva ações que possibilitem a divulgação de obras literárias abordadas no levantamento, além de ampliar a circulação dessas obras.

Nesse sentido, o presente projeto visa, a partir desses dados, planejar ações voltadas para a dinamização da biblioteca enquanto disseminadora de informação atendendo a demanda informacional de seu público-alvo: a comunidade escolar do *campus* e das regiões circunvizinhas. Considerando o estudo de usuários uma ferramenta importante para a organização dos serviços prestados pelas bibliotecas, o projeto permitirá despertar o interesse dos usuários em prol de obras literárias disponíveis em seu acervo, alcançando suas preferências literárias, ampliando o repertório literário cultural da comunidade e fazendo com que a biblioteca torne-se um espaço cultural e educacional mais atrativo para um público mais amplo.

10 – OBJETIVOS

10.1 - Geral:

- A partir do perfil do usuário real da biblioteca do *campus* Sapucaia do Sul, determinar estratégias para divulgação de livros e dos serviços oferecidos pela biblioteca para a comunidade sapucaense.

10.2 - Específicos:

- Promover a circulação de informações sobre o acervo da biblioteca do IF Sul, *campus* Sapucaia do sul, por meio de palestras, cartazes, sessões de cinema comentadas e outras atividades culturais;

- Divulgar os gêneros literários abordados no levantamento;

- Dinamizar a biblioteca enquanto espaço educacional e cultural;

- Qualificar os serviços oferecidos pela biblioteca;

- Promover ações voltadas para a disseminação da informação;

- Contribuir para o exercício da cidadania por meio de ampliação do repertório cultural da comunidade escolar Sapucaense.

11 - METODOLOGIA E DESCRIÇÃO DO PROJETO

Descrição geral do projeto

O Projeto “Ampliando os muros da biblioteca: um convite à comunidade para apreciação da literatura” visa realizar um levantamento acerca das necessidades informacionais dos usuários da biblioteca do IFSul, *campus* Sapucaia do Sul, enfatizando suas preferências literárias para assim desenvolver ações que possibilitem a divulgação de obras de diversos gêneros, proporcionando maior visibilidade do setor da biblioteca enquanto disseminadora de informação. Tal projeto pretende permitir conhecer o perfil de usuários reais da biblioteca a fim de facilitar a tomada de decisão por parte deste setor. Essas ações vão ao encontro do Plano Nacional do Livro e Leitura do Ministério da Educação e do Ministério da Cultura, do Instituto Pró-livro e do Manifesto da Biblioteca Escolar da IFLA/UNESCO.

METODOLOGIA

- Aplicação do questionário;
- Levantamento dos dados obtidos no questionário aplicado aos usuários;
- Estudo de estratégias que possam contribuir para divulgação do acervo da biblioteca do *campus*;
- Encontro com professores das áreas de sociologia, história e geografia que comentem obras literárias a partir de uma perspectiva interdisciplinar;
- Palestra com especialistas da área de Letras que comentem obras que constem no acervo da biblioteca;
- Sarau literário com autores da região metropolitana abordando os diversos gêneros literários disponíveis no acervo da biblioteca;
- Exposição de obras literárias nos murais fixados pelo *campus* e na biblioteca;
- Promoção de atividades culturais, tais como: sessões de cinema comentadas que sirvam como ponto de partida para a inserção e/ou permanência de membros da comunidade no mundo da leitura.

Infraestrutura necessária

- Acervo da biblioteca
- Livros adquiridos com parte da verba deste projeto;
- Computador com *softwares* de edição de textos, gráficos, vídeos e slides;

- Impressora, *tonner* e papel para impressão dos documentos relativos ao projeto;
- CDs e DVDs para armazenamento digital;
- Máquina fotográfica digital;
- Equipamentos multimídia;
- Auditório;
- Ônibus do *campus* para visita ao Sarau literário em Porto Alegre.

12 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS (Conforme ABNT 6023/2002)

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Biblioteca na escola**. 2.ed. Brasília: MEC, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Ministério da Cultura. **Decreto n. 7559 de 1º de setembro de 2011**. [Dispõe sobre o Plano nacional do livro e leitura]

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Seleção de livros. *In: Estudos avançados em biblioteconomia e ciência da informação*. Brasília: Associação dos bibliotecários do Distrito Federal. V.1, 1982.

IFLA/UNESCO. **Manifesto da biblioteca escolar**. [tradução feita para o Brasil]. Disponível em: <http://www.ifla.org> Acesso em: 18 mar. 2012.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. 2.ed.[2008] Disponível em: <<http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/48.pdf>> Acesso em: 19 mar. 2012.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt (org.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. 7.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

SANTOS, Jussara Pereira (Org.). **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007.

SANZ CASADO, Elias. **Manual de estudios de usuários**. Madri: Fundación Germán Sanchez Ruipérez, 1994.

SOUZA, Renata Junqueira de (org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

13 - IMPACTOS E RESULTADOS ESPERADOS (descrição no máximo 10 linhas)

O principal resultado esperado por meio do Projeto “Ampliando os muros da biblioteca: um convite à comunidade para apreciação da literatura” é desenvolver ações que possam atender as demandas informacionais da comunidade escolar sapucaense, a partir do perfil dos usuários da biblioteca acerca de suas preferências literárias. Espera-se que haja um aumento na frequência dos usuários neste espaço, bem como aumento do número de circulação dos diversos gêneros literários constantes no acervo da biblioteca. Dessa forma, almeja-se ampliar o repertório linguístico e cultural da comunidade, fazendo da literatura não apenas uma forma de fruição, mas também uma fonte de exercício da cidadania.

14 - RECURSOS FINANCEIROS

Descritivo	Recursos		
	IFSul	Parceiros	Total parcial
Bolsa(s) de extensão	8 x R\$ 360,00		R\$ 2.880,00
Serviços de terceiros			
Transporte (*)			
Alimentação (*)			R\$ 800,00
Hospedagem (*)			
Material de consumo (*)			R\$ 400,00
Material de divulgação (*)			R\$ 500,00
Publicação de extensão			
Reprodução e correio			R\$ 100,00
Outro(s) – Aquisição de livros de literatura contemporânea			R\$ 468,00
Total			R\$ 5.148,00

(*) Discriminar os custos.

Alimentação: lanche para as turmas do quarto ano do IF Sul durante visita ao Sarau literário em Porto Alegre.

Material de consumo: tonner, papel, isopor, cartolina, canetas coloridas, papéis madeira, crepom e de seda, cola, tachas, papel ofício.

Material de divulgação: Banners e cartazes a serem colocados dentro e fora do *campus* e em espaços educacionais: especialmente a Biblioteca Municipal de Sapucaia do Sul e as escolas de Ensino Médio da região.

17 - DOCUMENTOS ANEXOS (listar os anexos)
1-
2-
3-
4-
5-

COORDENADOR DO PROJETO:
<p>25/03/2012</p> <p>_____</p> <p>Coordenador do Projeto</p>

18 – PARECERES

PARECER COORDENADORIA/ÁREA/DEPARTAMENTO DE ORIGEM DO PROPONENTE
<p>() aprovado () reprovado</p> <p>Parecer:</p> <p>Em reunião: ____/____/____</p> <p>_____</p>

PARECER DO DIRETOR/CHEFE DE DEPARTAMENTO/COORDENADOR DE EXTENSÃO

() aprovado () reprovado

Parecer:

Em reunião: ____/____/____

PARECER DA ÁREA DE ADMINISTRAÇÃO E PLANEJAMENTO

() aprovado () reprovado

Parecer:

Em reunião: ____/____/____

PARECER DO DIRETOR(A) - GERAL DO *CAMPUS*

() aprovado () reprovado

Parecer:

Em reunião: ____/____/____

PARECER PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

() aprovado () reprovado

Parecer:

Em reunião: ____/____/____

ANEXO B- Relatório final do projeto de extensão “Ampliando os muros da biblioteca: um convite à comunidade para apreciação da literatura”

FORMULÁRIO DE RELATÓRIO DE AÇÃO DE EXTENSÃO

Ano base: 2012

1- IDENTIFICAÇÃO
Número de registro na PROEX (obrigatório): PJ035/19042012
Nome do coordenador: Gisvaldo Araújo Silva
Título do programa/projeto: Ampliando os muros da biblioteca: um convite à comunidade para apreciação da literatura
Campus de origem: Sapucaia do Sul
Período de realização do programa/projeto: 01/06/2012 à 01/02/2013

2 - DIMENSÕES DA EXTENSÃO APLICADAS	
<input type="checkbox"/> Projetos Tecnológico	<input checked="" type="checkbox"/> Projetos Culturais, artísticos e esportivos
<input type="checkbox"/> Serviços Tecnológicos	<input type="checkbox"/> Visitas técnicas e gerenciais
<input type="checkbox"/> Eventos	<input type="checkbox"/> Empreendedorismo
<input type="checkbox"/> Projetos Sociais	<input type="checkbox"/> Acompanhamento de egressos
<input type="checkbox"/> Estágio	<input type="checkbox"/> Relações Internacionais
<input type="checkbox"/> Cursos de Extensão	

3 - A ATIVIDADE DE EXTENSÃO
<p>Alcançou seus objetivos?</p> <p>O Projeto, de forma incipiente – uma vez que se trata do estabelecimento de hábitos e posturas –, alcançou todos os seus objetivos. No entanto, no tocante às ações previstas, algumas não foram realizadas, inclusive no que diz respeito à execução financeira do projeto.</p> <p><input type="checkbox"/> Sim. Totalmente</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Sim. Parcialmente</p> <p><input type="checkbox"/> Não.</p>

Se o projeto não alcançou ou só alcançou parcialmente seus objetivos, identifique a(s) razão(ões) abaixo (Poderá ser marcada mais de uma opção):

- () Insuficiência de tempo
 (x) Falta de recursos Identifique: () Humanos (x) Financeiros (x) Materiais
 () Falta de planejamento
 () Problemas com o público alvo
 (x) Limites institucionais
 () Aumento da demanda
 (x) Problemas de infraestrutura
 () Problemas na equipe
 () Acúmulo de atividades
 () Outra(s)

Qual?

4 - ANÁLISE DA EXECUÇÃO DO PROGRAMA/PROJETO

4.1 - Aspectos críticos (positivos e negativos)

A aplicação dos questionários desenvolvidos para a pesquisa nos forneceu um panorama dos gostos e dos hábitos literários dos alunos do 1º ano do Ensino Médio Integrado do IF Sul, campus Sapucaia do Sul. Assim, foi possível descobrir suas preferências e curiosidades nos ajudando a atrair um número maior de pessoas para as palestras e atividades propostas.

Em relação aos pontos negativos: a principal questão foi a falta de tempo hábil para execução de tarefas que requeriam a disponibilidade de recursos financeiros. Após problemas com o cartão corporativo, os recursos só foram depositados no término do ano letivo (20/12/2012, um dia após o prazo final para a aplicação dos recursos). Isso impossibilitou o cumprimento de atividades programadas no projeto de extensão, tais como: saída de campo, aquisição de obras para o acervo da biblioteca e até mesmo a divulgação das atividades promovidas pelo projeto em outras instituições. Embora tenha sido estabelecida uma nova data limite para a aquisição do material previsto no projeto, apenas no dia 04/01/2013, foi nos informado que o recurso deveria ter sido gasto até 31/12/2012, como, inicialmente, nos foi passado como data final 07/01/2013 e não dispúnhamos dos três orçamentos – conforme previsto na normativa para aplicação de recursos na rubrica de auxílio financeiro a pesquisadores – (seguem os orçamentos em anexo com as respectivas datas), fomos obrigados a devolver toda a parte financeira sem que ela tivesse sido executada.

5 - ASPECTOS RELEVANTES

Através da coleta de dados, por meio da aplicação dos questionários, foi possível conhecer as preferências literárias dos sujeitos da pesquisa, o que possibilitou se pensar em estratégias mais precisas e a tomada de decisão na aquisição de obras literárias que venham ao encontro das necessidades informacionais dos usuários da biblioteca, dinamizando o desenvolvimento de coleção do acervo.

As palestras “Senhor dos Anéis e Harry Potter: o papel do cinema na formação de leitores no Brasil”, realizada no dia 27 de setembro de 2012, proferida pela Professora Dra. Elaine Indrusiak (Instituto de Letras – UFRGS) e “Descobrimo o autor: William Shakespeare”, realizada no dia 07 de dezembro de 2012, ministrada pelo professor José Carlos Marques Volcato (Centro de Letras e Comunicação – UFPel) contribuíram para aumentar o interesse dos alunos sobre a literatura além de apontar para um crescimento significativo no número de empréstimos das obras abordadas em tais eventos.

Outro aspecto relevante foi a aproximação do setor da biblioteca ao seu usuário por meio da divulgação das obras literárias citadas pelos sujeitos da pesquisa em exposições diárias nos murais fixados nos corredores da escola e na vitrine da biblioteca. Ademais, foram espalhados pelo *campus* trechos de obras literárias com referências para atrair o interesse da comunidade sapucaense para a leitura desses romances.

6 - RESULTADOS ALCANÇADOS

Com a divulgação das obras abordadas nas palestras e as exposições em murais e vitrine da biblioteca, houve aumento significativo na procura por esses títulos no setor de empréstimo, o que evidencia a importância de ações semelhantes a este projeto no incentivo à leitura.

7 - DESDOBRAMENTOS POSSÍVEIS

Na primeira fase do projeto (ano de 2012), os questionários foram aplicados apenas aos alunos do 1º ano do Ensino Médio Integrado e esse público foi o nosso foco principal. Caso o projeto seja renovado, teremos a oportunidade de ampliar tal foco e contemplar, mais incisivamente, outros sujeitos, como por exemplo: alunos de outros anos do Ensino Médio Integrado, do Ensino Superior e a comunidade circunvizinha.

Será elaborado um artigo acadêmico que visa divulgar os achados de nossa pesquisa e os resultados das ações elaboradas a partir desses achados.

8 - PRESTAÇÃO DE CONTAS

Informe o quantitativo de recursos destinados ao projeto e descreva a sua execução. Bolsas de extensão: R\$ 2.800 – valores recebidos pela bolsista.

Alimentação: R\$ 800, 00 – não houve tempo hábil para execução – valor devolvido em 07/01/2013.

Material de consumo: R\$ 400, 00 – não houve tempo hábil para execução – valor devolvido em 07/01/2013.

Material de divulgação: R\$ 500,00 – não houve tempo hábil para execução – valor devolvido em 07/01/2013.

Reprodução e correio: R\$ 100,00 – não houve tempo hábil para execução – valor devolvido em 07/01/2013.

Aquisição de livros de literatura contemporânea: R\$ 468,00 – não houve tempo hábil para execução – valor devolvido em 07/01/2013.

(GRU em anexo)

9 - CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Apesar das dificuldades encontradas o saldo é positivo. As ações promovidas pelo projeto *Ampliando os muros da biblioteca: um convite à comunidade para apreciação da literatura* contribuíram para que a biblioteca passasse a ser um espaço dinâmico que contempla o estudo do usuário e sua implicação na tomada de decisão do setor. Ademais, foi possível perceber que as atividades promovidas pelo projeto despertaram um interesse maior pela literatura e pela cultura, interesse esse que deve ser incentivado e nutrido continuamente, especialmente por meio da ampliação do acervo de romances contemporâneos. Nesse sentido, sugerimos maior agilidade na disponibilização dos recursos financeiros nas próximas edições do projeto a fim de que as ações planejadas possam ser executadas conforme cronograma e atinjam um número maior de usuários e de futuros usuários da biblioteca de nosso *campus*.

OBS.: Este formulário deve ser preenchido de forma digital.

10 - COORDENADOR

Nome e assinatura do coordenador

Data: / / .

11. RESPONSÁVEL DA EXTENSÃO DO CAMPUS

Data: / /

Nome, assinatura e carimbo

12. PARECER DA CÂMARA DE EXTENSÃO

Data: / /

Parecer:

Nome e assinatura do presidente da Câmara de Extensão

ANEXO C- Modelo de questionário aplicado no projeto de extensão



Projeto “Ampliando os muros da biblioteca: um convite à comunidade para apreciação da literatura”

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Com a finalidade de traçar o perfil da comunidade escolar do IFSUL- Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense, *campus* Sapucaia do Sul no que se refere às preferências literárias apresentamos este questionário. A sua opinião é muito importante para nós. **MUITO OBRIGADA!!!**

Assinale uma das alternativas em cada item:

1 Sexo: () Feminino () Masculino

2 Idade: () 15 anos () 16 anos () 17 anos () 18 anos () Outra. Especifique: _____

3 Turma: _____ Curso: _____

A partir das questões abaixo poderá assinalar mais de uma opção

4 Com que frequência você utiliza a Biblioteca?

() Diariamente () Semanalmente () Quinzenalmente () Mensalmente () Raramente () Nunca.

5 Você utiliza a Biblioteca do *campus* Sapucaia do Sul em busca de (poderá assinalar mais de uma alternativa):

() Material para pesquisa por solicitação dos professores () Material para pesquisa por vontade própria

() Para acompanhar os colegas () Para realização de trabalhos e/ou estudos

() Nunca utilizo a Biblioteca () Outros. Especifique: _____

6 Que tipo de suporte você utiliza para a leitura?

Livro impresso

E-books

Computador de mesa

Tablet

Netbook/notebook

Outro/Especifique _____

7 Quais são seus gêneros preferidos na busca por um livro?

Romance

Crônica

Outro /

Literatura para vestibular

Infanto-Juvenil

Especifique _____

Conto

Teatro

____ Romance histórico

Poesia

Ficção- Aventura

Espiritismo

Ficção- Terror

Biografia

Ficção-Suspense

8 Nacionalidade das obras literárias

Brasileira

Inglesa

Portuguesa

Americana

Lit. Rio-Grandense

Francesa

Árabe

Espanhola

Italiana

Outros/ Especifique_____

Alemã

9 O porquê da escolha da nacionalidade (Questão aberta)

10 Autor de sua preferência (Questão aberta)

11 Último livro lido (Questão aberta)

APÊNDICE A

Instrumento de coleta de dados- questionário e plano de observação (modelo adaptado da obra *A distinção* de Pierre Bourdieu) a ser aplicado aos alunos

Prezado aluno!

No ano de 2012 o setor da biblioteca do câmpus de Sapucaia do Sul desenvolveu um projeto de extensão o qual pretendia investigar as preferências literárias dos alunos matriculados nos primeiros anos dos cursos técnicos integrados em informática e eventos. Dessa forma, você participou dessa pesquisa em 2012? Caso afirmativo, por favor, participe dessa nova pesquisa respondendo as questões desse questionário, marcando com um X as alternativas escolhidas.

Obrigada!

- 1) Sexo F M
- 2) Ano de nascimento:
- 3) Local de residência (cidade e bairro):
- 4) Maior diploma e profissão de seus pais:
- 5) Você pode indicar aproximadamente em que faixa de **renda mensal** sua família se situa?

- Menos de um salário mínimo
- Um salário mínimo
- Mais de dois salários mínimos até cinco salários mínimos
- Acima de cinco salários mínimos até dez salários mínimos
- Acima de dez salários mínimos

- 6) Entre as atividades de leitura a seguir, você pode dizer quais são aquelas que você frequenta sempre, raramente e aquelas que você nunca pratica?

	Sempre	Raramente	Nunca
Saraus literários	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Feiras de livro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Grupos de leitura	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Projetos de extensão	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Outra opção (especifique) _____			

- 7) Para obter informação sobre lançamento e/ou divulgação de livros, você costuma utilizar qual fonte de informação e com que frequência (sempre, raramente, nunca)

	Sempre	Raramente	Nunca
Blogs de leitura como Tumbler	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Instagram	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Facebook	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Twitter	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Recomendação de amigos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Recomendação da família (pais, irmãos, outros parentes)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Recomendação da escola (professores)

Jornais, revistas

8) Entre os gêneros de livros a seguir, qual seu preferido? (**escolha uma única opção**)

Romance

Ficção científica

Ficção- Aventura,
mistério

Relatos históricos

Teatro

Poesia

9) Entre os julgamentos expressos abaixo, qual é aquele que é mais próximo de sua opinião? (**escolha uma única opção**)

Justifique sua escolha

- | | | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------|-------|
| Os livros clássicos são complicados | <input type="radio"/> | _____ |
| Os livros clássicos não são para mim | <input type="radio"/> | _____ |
| Aprecio os livros clássicos, porém não leio esse tipo de obra | <input type="radio"/> | _____ |
| Gosto bastante dos livros clássicos, por exemplo, os livros de Machado de Assis, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Érico Veríssimo | <input type="radio"/> | _____ |
| Todos os livros clássicos me interessam | <input type="radio"/> | _____ |
| Leio livros clássicos por obrigação | <input type="radio"/> | _____ |

10) Qual foi o último livro lido? _____ Sua escolha baseou-se em:

- | | |
|-----------------------------------------------------------------|-----------------------|
| Livre (sem influências) | <input type="radio"/> |
| Meus amigos estavam lendo | <input type="radio"/> |
| Minha família comprou para mim | <input type="radio"/> |
| Vi divulgação em site de relacionamento ou outro canal virtual | <input type="radio"/> |
| Livro solicitado pelo professor de literatura/Língua Portuguesa | <input type="radio"/> |
| Já estava querendo ler há algum tempo | <input type="radio"/> |

Outra opção (Qual?) _____

11) Quais são as obras literárias solicitadas por seus professores?

12) Dê sua opinião sobre essas obras _____

APÊNDICE B- Modelo de entrevista

TÓPICOS ABORDADOS

- Trajetórias de leitura desde a infância até o tempo presente;
 - Opinião sobre obras solicitadas pelo corpo docente;
- Maneiras e meios de obter informação sobre lançamento de obras literárias